

# **ENVELHECIMENTO E CULTURA:**

**As perdas na velhice à luz de obra de Gabriel García Márquez**

**Jamille Mamed Bomfim Cocentino**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura, do Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília (PCL/IP/UnB), sob orientação da Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana.

Brasília-DF  
2008

**Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Departamento de Psicologia Clínica**

**DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Título:** Envelhecimento e cultura: as perdas na velhice à luz de obra de Gabriel García Márquez

**Autora:** Jamille Mamed Bomfim Cocentino

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana  
(Orientadora)

Profa. Dra. Vera Lúcia Decnop Coelho

Profa. Dra. Estela Ribeiro Versiani

Profa. Dra. Isa Maria Lopes Paniago

Para Gustavo, é claro.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço especialmente à Professora Terezinha de Camargo Viana pela confiança e pela cuidadosa orientação no desenvolvimento desta pesquisa, bem como pelos esclarecimentos, sugestões e indicações sobre os melhores caminhos a serem percorridos.

Às professoras Vera Lúcia Decnop Coelho, Estela Ribeiro Versiani e Isa Maria Lopes Paniago, agradeço a gentileza de aceitarem o convite para participação na banca examinadora e na apreciação deste trabalho.

Agradeço aos professores, funcionários e colegas de curso, amigos do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília que acompanharam esta trajetória com palavras cordiais e diálogos sempre frutíferos e enriquecedores.

À Isabela e Larissa, sou profundamente grata pelo companheirismo e presença constante e ao Gabriel, pela alegria compartilhada em tantos momentos.

Aos meus pais, Sônia e Edson, serei eternamente agradecida pelo amor, pelos sábios conselhos e pelo incentivo irrestrito e essencial nesta jornada e em toda a minha vida.

Ao Gustavo, agradeço por compartilhar esta trajetória comigo, por estar sempre disponível para me ouvir, por seu apoio incondicional e, sobretudo, por me ensinar na vida o sentido da *arte de viver*.

## **RESUMO**

Compreender os processos subjetivos sociais e individuais relacionados às perdas na velhice na sociedade contemporânea é o objetivo principal deste estudo, que apresenta um diálogo da psicologia clínica com outras áreas do conhecimento acerca da temática. Este trabalho examina as perdas relacionadas ao processo de envelhecimento humano por meio de uma metodologia qualitativa e com a adoção de uma perspectiva interdisciplinar. O diálogo entre a literatura pertinente sobre o tema do envelhecimento humano e a obra *O amor nos tempos do cólera*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, é um recurso metodológico adotado para analisar as perdas na velhice. A partir do romance é possível identificar e analisar dificuldades e conquistas frequentes ao longo do desenvolvimento humano, os processos subjetivos associados ao envelhecimento, o imaginário social predominantemente negativo sobre essa fase da vida e as perdas vividas na velhice, entre as quais aquelas relativas ao corpo, ao fim das relações de trabalho e ao relacionamento social e familiar. Ao retratar mitos, crenças e conteúdos subjetivos manifestos na vida cotidiana e ao enunciar, por meio de palavras, como a velhice vem sendo representada e construída socialmente no tecido cultural, a literatura constitui uma importante possibilidade e instrumento para a compreensão psicológica de processos subjetivos que perpassam a velhice e o imaginário social. À luz de reflexões e diálogos entre o pensamento freudiano e a construção literária de Gabriel García Márquez, concluímos que as dificuldades associadas à velhice são, frequentemente, aquelas relacionadas às perdas e ao enfrentamento da morte e do conseqüente luto.

**Palavras-chave:** velhice, perdas, literatura, luto, García Márquez, Freud.

## **ABSTRACT**

The understanding of the social and individual subjective processes related to old-age losses in contemporary society is the main objective of this study, which presents a thematic dialogue among clinic psychology and other areas of knowledge. This study investigates the losses related to the human aging process through a qualitative methodology and under an interdisciplinary perspective. The dialogue among scientific literature about human aging and the book *El amor en los tiempos del cólera*, by Colombian writer Gabriel García Márquez, is a methodological resource adopted in order to analyze old-age losses. It is possible to identify and analyze various issues in the novel such as difficulties and achievements on human development, the subjective processes associated to aging, the mainly negative social imaginary about such life phase and the losses experienced in old-age such as those related to the body, to the conclusion of work relations and to social and family relationship. By describing myths, beliefs and subjective contents of the daily life, and by revealing with words how aging is being socially represented and constructed in the cultural framework, literature presents itself as an important possibility and means to the psychological understanding of subjective processes of old-age and of the social imaginary. In light of reflections and dialogues among the Freudian thought and the literary work of Gabriel García Márquez, we conclude that the difficulties associated to old-age are, frequently, those related to losses and the confrontation with death and the subsequent grief.

**Keywords:** old-age, losses, literature, grief, García Márquez, Freud.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	iv
RESUMO .....	v
1. INTRODUÇÃO: VELHICE, PERDAS E LITERATURA .....	1
2. O ENVELHECIMENTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA .....	11
2.1. Consumo, espetáculo e poder de reflexividade na velhice .....	12
2.2. A longevidade como inquietação social .....	20
2.3. Os desafios da psicologia para uma compreensão sobre a velhice .....	25
3. AS PERDAS ASSOCIADAS AO ENVELHECIMENTO .....	29
3.1. Representações das perdas e da velhice na literatura universal .....	31
3.2. Sobre o significado da velhice .....	38
3.3. As perdas orgânicas e de memória na velhice .....	41
3.4. O fim das relações de trabalho e a morte dos companheiros .....	48
3.5. A velhice entre a sabedoria madura e a ingenuidade infantil .....	51
4. O IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE A VELHICE .....	57
4.1 O conceito de subjetividade para a compreensão do imaginário .....	59
4.2. Preconceitos, velhice e mecanismos de defesa do ego .....	62
4.3. Exclusão, doença e inatividade no imaginário sobre a velhice .....	67
5. A VELHICE, A MORTE E O LUTO SIMBÓLICO .....	79
5.1 Estranhamento e desamparo perante a velhice e a morte .....	79
5.2. A associação histórico-cultural da velhice com a morte e a religião .....	92
5.3. Perdas na velhice e luto simbólico .....	95
6. CONCLUSÃO: O AMOR NO TEMPO DA VELHICE .....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	114

## Capítulo 1:

### INTRODUÇÃO

#### VELHICE, PERDAS E LITERATURA

*A vida não é a que a gente viveu,  
e sim a que a gente recorda,  
e como recorda para contá-la.*

*Gabriel García Márquez*

É com a epígrafe acima que Gabriel García Márquez apresenta sua esperada autobiografia, publicada no Brasil em 2002 e intitulada *Viver para contar*. Segundo relatos de amigos próximos, o consagrado autor latino-americano dedicou-se a escrever sua história de vida no momento a partir do qual, em virtude da sua idade avançada e da doença que enfrentava, percebeu as primeiras fissuras em sua memória. Ele se coloca, então, a recordar a própria história. Chama os seus amigos de juventude, em especial aqueles com os quais conviveu na cidade de Barranquilla, para que pudesse recordar de momentos de sua vida. Assim como afirma na epígrafe, se coloca a recordar a vida para contá-la. É para lidar com sua perda mnêmica, advinda da velhice e do adoecimento, que o autor do clássico da literatura universal *O amor nos tempos do cólera* brinda o mundo com suas memórias.

Se o sertanejo é, antes de tudo, um forte, Gabriel García Márquez é, antes de tudo, um contador de histórias. Suas obras refletem o mundo e o imaginário socialmente construído. Ele não é um acadêmico, catedrático ou um cientista social no sentido estrito. O ilustre escritor colombiano nascido em 1927 não pretende e nunca pretendeu abordar a vida e o mundo com outro olhar que não fosse o olhar literário ou jornalístico. Em seus diversos textos, retrata o mundo de forma estética e fantástica. Escreve sobre a vida das pessoas inseridas em um contexto cultural e social latino-americano. Fala de indivíduos que



vivenciam conflitos e emoções profundamente humanas. Assim, milhões de leitores em todo o mundo se identificam e se emocionam com os seus personagens e com as suas histórias.

Sua produção literária é profundamente marcada pela própria história de vida. Em seus textos, há relatos de momentos vividos pelo autor e de outros criados por ele a partir da sua experiência de vida. Assim, sua história de vida é representada em sua obra, bem como a história de todo um povo e continente aos quais pertence. As ditaduras militares na América Latina, a diversidade cultural dos povos da região, a relação do homem com o ambiente e com o sobrenatural, a pobreza e as desigualdades socioeconômicas e outros conflitos e dramas evidenciados na realidade de subdesenvolvimento constituem temas que perpassam toda a obra do autor.

A própria velhice de Gabriel García Márquez também parece estar presente e representada em sua obra por meio de diferentes caracterizações e personagens. Peculiaridades do envelhecimento em um contexto empobrecido igualmente encontram-se presentes em sua construção literária. Nossa percepção é de que o autor retrata a velhice em suas obras com maior profundidade e constância à medida que vivencia o próprio processo de envelhecimento em sua plenitude. Assim, ao longo de sua vida, o tema da velhice parece se tornar, com o passar do tempo, cada vez mais central em seus textos. É claramente notável, portanto, a presença do tema do envelhecimento nas obras literárias de Gabriel García Márquez.

É essa eminência da questão do envelhecimento em suas obras que precisamente justifica a opção, nesta dissertação, pelo diálogo com esse consagrado autor. O tema ocupa espaço e destaque em seus vários escritos, especialmente em *O amor nos tempos do cólera*, *Memórias de minhas putas tristes*, *Cem anos de solidão*, *Ninguém escreve ao coronel* e *O outono do patriarca*. É por essa razão que nos propomos a abordar os processos de

subjetivação e imaginários acerca das perdas vividas na velhice e discuti-los à luz de uma das obras do escritor colombiano.

A pesquisa será desenvolvida por meio de diálogo entre a literatura pertinente sobre o tema do envelhecimento humano, em particular referência à Psicologia, e a celebrada obra *O amor nos tempos do cólera*, publicada originalmente em 1985, aos cinquenta e sete anos de vida do autor. Essa escolha pessoal se justifica também por acreditarmos que se trata da obra do autor que melhor auxilia na compreensão sobre aspectos subjetivos das perdas relacionadas com o envelhecimento. *O amor nos tempos do cólera* possui, a nosso ver, o mérito de abordar o envelhecimento de forma processual, ao apresentar os personagens muito jovens e representar suas vidas até a fase da velhice.

A obra de García Márquez se caracteriza, dentre outros elementos, pelo realismo de seus personagens, que é reforçado por se constituírem representações de pessoas que convivem ou conviveram com o autor. Os personagens de suas obras são os seus próprios amigos, familiares e ele mesmo, inclusive, se encontra inserido em sua própria ficção. A narrativa central de *O amor nos tempos do cólera* é a história de amor dos pais de García Márquez, que é contada de forma mágica e reeditada pelo autor. Também a história de amor do escritor com Mercedes Barcha, esposa e companheira de toda a vida, é reeditada no referido romance. Desse modo, suas histórias fictícias narram com realismo impressionante os seus personagens e a própria vida. Essa construção de ficção com elementos de realidade é revelada em relatos do autor, particularmente em sua autobiografia e em diversas entrevistas e declarações de especialistas e pessoas próximas ao autor.

Sem a pretensão de sintetizar um clássico literário, introduziremos a seguir, em poucas palavras, algumas informações sobre a narrativa escolhida para subsidiar a discussão acerca das perdas na velhice. *O amor nos tempos do cólera* narra, então, a longa e bela história de amor entre Florentino Ariza e Fermina Daza. Os dois personagens se conhecem ainda muito

jovens e iniciam um namoro por meio de cartas de amor trocadas às escondidas. Quando o pai de Fermina Daza descobre o romance, manda a filha para uma viagem do esquecimento pelo interior do país a fim de evitar um possível casamento. No entanto, Florentino Ariza, que é telegrafista, consegue, com a ajuda de amigos de profissão, manter um canal de comunicação com a amada. Quando o pai de Fermina Daza se convence de que a filha se esquecera do namorado, eles retornam à Cartagena de las Índias, cidade onde transcorre o romance.

Posteriormente, ao reencontrar Florentino Ariza, Fermina Daza se desencanta e interrompe o romance. Ela se casa, então, com o importante doutor Juvenal Urbino, médico consagrado pela vitória obtida no combate à terrível epidemia de cólera que assolou a cidade. Eles vivem juntos um casamento de mais de cinquenta anos, permeado de discussões e de desentendimentos, mas também de alegrias e cumplicidade. Florentino Ariza, por sua vez, vivencia solidão ao longo desses anos. Ele busca aplacá-la com amantes instantâneas e relações muitas vezes efêmeras. Florentino Ariza, contudo, não passa um único dia sem pensar em Fermina Daza. Seus relacionamentos diversos são a forma e o consolo que encontra para tornar a espera suportável. Como destacado no romance, esses relacionamentos são pontes para o verdadeiro amor.

Cinquenta e um anos, nove meses e quatro dias após o rompimento, no velório do doutor Juvenal Urbino, Florentino Ariza reitera à viúva seu juramento de fidelidade e amor eternos. A história caminha, depois, para novas trocas de cartas e para uma profunda realização amorosa. Na apresentação da 24ª. edição brasileira de *O amor nos tempos do cólera*, Alexandre Martins afirma:

*O amor nos tempos do cólera* não é apenas uma simples história, mas um grande tratado do amor. O tratado nunca escrito por Florentino Ariza, que guardava em três volumes três mil modelos de cartas para os namorados, nos quais estavam todas as possibilidades do amor. O amor apaixonado da adolescência, o amor conjugal, o clandestino, o sexual ou libertino. O tédio do amor, suas lutas,

esquecimentos, metamorfoses, suas deslealdades e doenças, triunfos, angústias e prazeres. O amor por carta, o despertar desse amor, próximo ou distante, o amor louco. O amor de meio século, que encontra amantes septuagenários se tocando pela primeira vez. O amor que guarda e espera enfim, sua realização (García Márquez, 1985/2003).

A referida obra de Gabriel García Márquez nos oferece, portanto, preciosos subsídios para reflexões sobre a vida e o amor em diferentes idades. Em suas páginas, encontramos elementos que apontam dificuldades e conquistas freqüentes ao longo do desenvolvimento humano. Assim, o processo de envelhecimento é retratado e apresentado na narrativa. As perdas vividas na velhice, processos subjetivos associados ao envelhecimento e o imaginário social predominantemente negativo sobre essa fase da vida podem ser pensados e discutidos a partir do romance.

Após essas considerações introdutórias e algumas observações metodológicas acerca da dissertação e da escolha do romance, é imprescindível destacar e justificar a nossa opção pelo objeto de pesquisa. A escolha parte do princípio de que pensar os aspectos subjetivos relacionados à velhice e às suas perdas constitui um imperativo para os profissionais da saúde mental na contemporaneidade. Trata-se de uma oportunidade ímpar para oferecer uma parcela de contribuição para a expansão do conhecimento sobre uma temática que nos parece ainda insuficientemente tratada e estudada na literatura psicológica no Brasil.

É relevante destacar nossa opção metodológica por adoção de uma perspectiva interdisciplinar para a realização desta pesquisa. Desse modo, apresentamos uma abordagem psicológica sobre as perdas relacionadas ao processo de envelhecimento com formulações baseadas e sustentadas teoricamente em outras áreas das ciências humanas que discutem o envelhecimento como fenômeno social e o aspecto cultural da velhice, bem como a construção do texto literário em Gabriel García Márquez.

Pretendemos examinar, por meio de metodologia qualitativa e sob um olhar notadamente psicológico, mas preservando o diálogo com outras áreas do conhecimento, as perdas relacionadas ao processo de envelhecimento humano e as construções subjetivas sobre essas perdas presentes na cultura, principalmente à luz da construção literária de Gabriel García Márquez. *O amor nos tempos do cólera*, constitui, portanto, um valioso recurso metodológico adotado neste estudo para uma melhor compreensão de nosso objeto.

Destacamos que a literatura é, sem qualquer dúvida, uma importante possibilidade e instrumento para a compreensão de processos subjetivos que perpassam a velhice e suas perdas. A literatura é importante também para a compreensão acerca do imaginário sobre o envelhecimento, uma vez que ela retrata os mitos, as crenças e os conteúdos subjetivos manifestos na vida cotidiana.

Nesse sentido, acreditamos que a literatura pode fornecer valorosa contribuição aos estudos da psicologia que buscam um melhor e mais profundo entendimento do processo de envelhecimento em nossa cultura e dos processos subjetivos associados às perdas vividas na velhice. Assim, como enunciadora de uma subjetividade socialmente compartilhada, a literatura pode ser clinicamente escutada.

Sustentamos que o reconhecimento da dimensão ficcional da obra literária não implica, de forma alguma, em rompimento com a representação da realidade. Nesse sentido, o psicólogo Dante Moreira Leite (2007) afirma, ao analisar *Os Sertões*, obra-prima de Euclides da Cunha, que é irrelevante a discussão sobre o caráter fictício do texto. Para Dante Moreira Leite, o que há de significativo e verdadeiramente importante é que a obra revela questões de grande sentido para a vida e sofrimento humanos. Assim, a preocupação da literatura é expressar uma dimensão e um conflito humano, enquanto a literatura científica procura entender e solucionar esses conflitos.

Ao analisar a dimensão de historicidade da feminilidade à luz da obra literária de Honoré de Balzac, Viana (1999) sustenta, em *A comédia humana, cultura e feminilidade*, que a literatura sugere e permite a percepção de um cenário social. Desse modo, os personagens representados no texto literário evidenciam, segundo a autora, as relações, os conflitos, os sentimentos e as matizes relevantes à investigação:

A literatura é uma forma particularmente profícua e prazerosa para se debater essas questões. Sobretudo, porque sugerindo e deixando entrever um cenário social. Sobretudo porque uma de suas especificidades é apresentar a emergência do novo. O novo que muitas vezes são novos personagens a expressar as sutis relações que agrilhoam os indivíduos a um contexto e a um discurso histórico-cultural; personagens que insinuam quase sem mediações, quase sem véus, em flexíveis movimentos de sua vida interior e exterior – essa uma mesma vida! Assim, pode representar os matizes, os conflitos, as alegrias, as ilusões perdidas, os sonhos, as paixões da vida íntima e social, e, sob essa perspectiva, oferece um campo significativo à investigação (Viana, 1999, p.197-198).

A partir dessas considerações, podemos reforçar a constatação de que a literatura constitui uma significativa possibilidade de discussão sobre a velhice na sociedade. O texto literário possibilita a análise de processos subjetivos que se evidenciam em um cenário histórico-cultural. Nesse contexto, a apreensão do imaginário social sobre as perdas na velhice é potencializada pelo diálogo da literatura especializada com a produção literária. A literatura enuncia, por meio de palavras, como a velhice vem sendo representada e construída socialmente no tecido cultural, e aponta, assim, o imaginário social construído acerca da velhice.

É notável que o imaginário socialmente construído sobre a velhice na sociedade contemporânea é constituído essencialmente por conteúdos predominantemente negativos, atrelados ao envelhecimento humano, e que se evidenciam por meio dos vários preconceitos associados aos idosos. Esses preconceitos frequentemente limitam aos idosos a possibilidade

de se constituírem como sujeitos capazes de desejar e amar com vitalidade e qualidade de vida.

A construção histórica, social e cultural do imaginário sobre a velhice parece se basear na associação da velhice com a morte real e também com a morte vivida simbolicamente nas perdas vivenciadas no processo de envelhecimento. São perdas relacionadas ao corpo, ao fim das relações de trabalho, ao relacionamento social e familiar. A nossa suspeita ou hipótese, a ser refutada ou confirmada após análise da literatura pertinente, é que o imaginário social sobre a velhice predominantemente negativo é consequência, em grande medida, da associação do envelhecimento com as perdas vividas nessa fase do desenvolvimento humano.

Nessa perspectiva de imaginário social, envelhecer constituiria principalmente enfrentar perdas significativas. Esse imaginário social não parece considerar os aspectos positivos de mais uma fase peculiar da vida que, assim como as demais, é constituída de perdas, mas também de conquistas. Indagamos, portanto, se as dificuldades associadas à velhice são aquelas fundamentalmente relacionadas às perdas e ao enfrentamento da morte e conseqüente luto, conforme retratada, em diversos momentos, na literatura do célebre escritor latino-americano Gabriel García Márquez.

O objetivo principal deste estudo é compreender, portanto, os processos subjetivos sociais e individuais relacionados às perdas na velhice. Nesse contexto, são apresentados como desafios e objetivos específicos ou secundários compreender o imaginário sobre as perdas na velhice por meio da produção literária, relacionar a produção literária ficcional com a literatura pertinente acerca das perdas na velhice e dialogar sobre envelhecimento, psicologia e cultura.

Em conformidade com as considerações anteriormente expostas e com os objetivos acima destacados, apresentamos, no capítulo seguinte, um diálogo com autores que fornecem significativos subsídios para uma melhor compreensão acerca do envelhecimento. Nosso

objetivo central consiste em discutir o lugar que ocupa o idoso na sociedade contemporânea. A sociedade contemporânea é marcada por relações de consumo, demonstrações midiáticas e espetaculares numa época de reflexividade individual. Ao longo do texto, com incursões e articulações baseadas em passagens de obra e do pensamento de Gabriel García Márquez e ao encontro do pensamento de diversos autores, demonstramos que as características do processo capitalista em curso parecem reforçar ou fortalecer determinados aspectos do imaginário social acerca da velhice.

Posteriormente, apresentamos o envelhecimento das populações no Brasil e no mundo como uma inquietação social da contemporaneidade que evidencia um significativo desenvolvimento social, observando, contudo, que ele impõe grandes desafios para diferentes esferas da sociedade. Ao final do segundo capítulo, destacamos a limitada produção de estudos específicos na psicologia e na psicanálise sobre a velhice e sobre o processo de envelhecimento. Nesse sentido, evidenciamos o envelhecimento populacional como um desafio pertinente também à clínica psicológica. Ao longo deste capítulo, vislumbramos algumas pistas sobre o imaginário social relacionado à velhice.

No terceiro capítulo, intitulado “As perdas associadas ao envelhecimento”, demonstramos que o envelhecimento humano constitui uma temática universal e presente nas diversas sociedades e épocas. Evidenciamos e discutimos como a velhice e as perdas experienciadas nessa fase de vida são representadas na literatura universal. Apresentamos ainda algumas contribuições de autores que fornecem importantes indícios e caminhos para um melhor entendimento do que é o processo de envelhecimento e sobre como a velhice comparece no imaginário social.

Também apresentamos, nesse capítulo, reflexões sobre o significado do fenômeno do envelhecimento. Por fim, demonstramos e discutimos, por meio do diálogo entre a literatura pertinente sobre temática da velhice e passagens de *O amor nos tempos do cólera*, as perdas



orgânicas e de memória associadas à velhice, o fim das relações de trabalho e a morte dos companheiros e, ainda, a velhice entre a sabedoria madura e a ingenuidade infantil no imaginário socialmente construído.

No quarto capítulo, “O imaginário social sobre a velhice”, apresentamos e discutimos alguns conceitos e formulações teóricas relevantes sobre o imaginário social acerca da velhice. Ressaltamos, ainda, nosso entendimento sobre imaginário social e identificamos algumas elaborações teóricas sobre subjetividade individual e subjetividade social. São abordados alguns preconceitos freqüentemente associados à velhice numa perspectiva psicanalítica, com destaque aos mecanismos de defesa do ego envolvidos na análise do fenômeno.

No quinto capítulo, intitulado “A velhice, a morte e o luto simbólico”, abordamos e investigamos a associação da morte com a velhice que se sobressai no imaginário social e na cultura. Trata-se de uma relação que se configura, igualmente, na obra de Gabriel García Márquez. A religião e as idéias religiosas também se mostram muitas vezes imgeticamente atreladas ao fenômeno do envelhecimento humano. Evidenciamos, ainda, elementos históricos e culturais dessas associações. Por fim, apresentaremos elaborações freudianas sobre a morte e o processo de luto e reflexões sobre a vivência da morte nas perdas da velhice, bem como considerações acerca do luto que é vivido simbolicamente nas perdas associadas ao processo de envelhecimento.

No capítulo conclusivo, “O amor no tempo da velhice”, discorreremos brevemente sobre as dificuldades e o sofrimento na velhice relacionados às perdas e ao conseqüente luto. Ao apresentar as nossas considerações finais acerca da pesquisa e das hipóteses inicialmente formuladas, à luz de reflexões e diálogos entre o pensamento freudiano e a construção literária de García Márquez, evidenciamos que as dificuldades associadas à velhice são, freqüentemente, aquelas relacionadas às perdas e ao enfrentamento da morte e do conseqüente luto.

## Capítulo 2:

### O ENVELHECIMENTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

*Remonto-me de época em época, até a mais remota antiguidade, porém não encontro paralelo para o que ocorre ante meus olhos; a partir do momento em que o passado cessou de lançar sua luz sobre o futuro a mente do homem vagueia na obscuridade.*

*Alexis de Tocqueville*

Com a finalidade primordial de discutir o lugar que ocupa o idoso na sociedade contemporânea, este capítulo apresenta inicialmente um diálogo com autores que fornecem subsídios para uma compreensão acerca do envelhecimento. Destacamos, ao longo de todo o texto e com incursões e articulações baseadas em passagens de obra e do pensamento de Gabriel García Márquez, que a sociedade contemporânea é marcada por relações de consumo, demonstrações midiáticas e espetaculares numa época de reflexividade individual. Conforme análise a seguir, as características do processo capitalista em curso parecem reforçar ou fortalecer determinados aspectos do imaginário social acerca da velhice.

Apresentamos, num segundo momento, alguns dados que explicitam o envelhecimento das populações no Brasil e no mundo como uma inquietação social da contemporaneidade, uma característica do presente que requer transformações na forma como os idosos são representados e inseridos na sociedade. Apontamos o envelhecimento populacional como um fenômeno que reflete um significativo desenvolvimento social, mas que impõe desafios para governos e sociedades, bem como para os profissionais da saúde mental.

Por fim, ressaltamos a insuficiência de estudos específicos sobre a velhice na psicologia e na psicanálise, o que evidencia o envelhecimento populacional como um desafio pertinente também para a clínica psicológica. Acreditamos, assim, que a contextualização do fenômeno do envelhecimento na sociedade contemporânea, seja na literatura ficcional ou na

literatura especializada, é de grande relevância para a compreensão dos processos subjetivos relacionados às perdas que são vividas na velhice. Essa abordagem também nos fornece algumas pistas sobre o imaginário socialmente atrelado à essa fase do desenvolvimento humano, uma vez que apresenta discussões sobre as formas como o idoso é representado na contemporaneidade.

## **2.1. Consumo, espetáculo e poder de reflexividade na velhice**

Após essas considerações iniciais, indagamos sobre o lugar que ocupa o idoso na sociedade contemporânea e, em seguida, buscamos possíveis respostas para essa questão ao examinar a literatura de Gabriel García Márquez e a literatura especializada. Em *O amor nos tempos do cólera*, o drama vivenciado por Florentino Ariza, que tenta evitar a inevitável calvície e assim esconder as marcas da passagem do tempo, nos ajuda a ilustrar como o mercado oferece diversas alternativas para tentar frear ou até mesmo camuflar as características físicas associadas ao envelhecimento. A referida passagem literária permite a discussão ou reflexão de como a busca por essas mercadorias podem permear o cotidiano das pessoas por longos períodos.

É precisamente essa a situação vivenciada por Florentino Ariza. Desde que percebeu os primeiros fios de cabelo presos e caídos no pente, o personagem passou a enfrentar uma verdadeira batalha contra a calvície, uma luta que durou vários anos de sua vida. Assim, “[...] não houve glostoras nem loções que não experimentasse, nem credice que não cresse, nem sacrifício que não suportasse para defender da devastação voraz cada polegada da cabeça” (García Márquez, 1985/2003, p.323).

Em busca de uma solução para seu drama, Florentino Ariza trocou o barbeiro que o acompanhava em sua vida inteira por outro profissional que diziam ter uma “mão fértil”. O personagem recortou todos os anúncios que encontrou no jornal e que mostravam fotografias

de pessoas antes de usarem o produto – pessoas carecas como um melão – e depois, após usarem o remédio anunciado como infalível – pessoas cabeludas como um leão. Desesperado, Florentino Ariza experimentou, ao longo de seis anos de luta incessante contra a calvície, mais de cento e setenta e duas fórmulas para evitar a indesejável situação. Ainda buscando camuflar a referida marca do tempo, apelou para uma peruca que se assemelhava tanto a seu cabelo original ao ponto que receou que seus cabelos falsos pudessem se arrepiar com uma eventual mudança de seu humor. Após longa batalha, finalmente se rendeu às marcas do tempo e do envelhecimento e mandou que cortassem os poucos fios de cabelos que ainda lhe restavam.

Na sociedade contemporânea, multiplicam-se as mercadorias e inovações da ciência que prometem poderosas armas em lutas contra a velhice e os seus efeitos físicos. Se Florentino Ariza tivesse travado essa batalha contra a calvície nos dias atuais, poderia lançar mão de um ainda maior volume de produtos e recursos para enfrentar com maior êxito a questão da calvície. Para resolver o seu caso, poderiam ser oferecidos, nos dias atuais, produtos como, por exemplo, implantes capilares que prometem resultados cada vez mais precisos. O envelhecimento é hoje uma preocupação mercadológica das indústrias, interessadas numa sociedade de consumo lucrativa que demanda, com frequência, possíveis soluções para evitar, camuflar, frear ou reverter as perdas físicas inerentes à velhice.

Conforme sugerem as reflexões acima apresentadas, a sociedade contemporânea parece ser marcada e identificada pelo capitalismo de mercado e por profundas relações de consumo. Segundo Mucida (2006), em sua obra *O sujeito não envelhece – psicanálise e velhice*, uma grave consequência desse fenômeno é a massificação de informações e dos modelos de conduta, que apontam um único modo de vida possível e desejável a todos. Percebe-se uma forte tendência para eliminar a particularidade e a peculiaridade do sujeito em prol de uma forma de vida estereotipada e imposta pela ordem social. Trata-se, ademais, de

um modo de vida caracterizado pela competitividade, pelo individualismo e pelo declínio das tradições.

Ainda segundo Mucida (2006), o discurso capitalista atual é profundamente nocivo para a velhice. Na lógica social contemporânea impera o dever do novo, não restando espaço para o passado e para a história de vida das pessoas. Os objetos são considerados descartáveis, mas também as relações e as imagens, de forma que aquilo que não é novo é rapidamente visto como obsoleto e arcaico. Nesse contexto, o idoso é também representado como antiquado e ultrapassado. Envelhecer significa, então, atrofiar e parar no tempo. A sabedoria e história de vida que em nossa cultura é associada ao idoso, assim como em diferentes culturas e sociedades, parece perder o valor em uma sociedade na qual a informação é massificada e atualizada com enorme rapidez.

O crescente interesse por uma compreensão do processo de envelhecimento é, do mesmo modo, permeado pelo discurso e pela fase na qual se encontra o processo capitalista contemporâneo. Observa-se, nesse contexto, uma progressiva busca das pessoas por meios para frear ou evitar o processo de envelhecimento. É bastante ilustrativo o fato de que a própria palavra maquiagem, por exemplo, derivada do francês *maquille-âge*, significa maquiar a idade ou subtrair parte da idade (Mucida, 2006).

É considerável a quantidade de produtos ofertados na contemporaneidade que prometem, nesse mesmo sentido, ações imediatas com função “antiidade”, “anti-rugas” ou, até mesmo, o fim das “marcas de expressão”. Ademais, é evidente a diversidade de tratamentos estéticos e intervenções cirúrgicas ofertadas em larga escala e a custos cada vez mais baixos e acessíveis a diferentes camadas da população. Tratam-se de produtos que prometem limitar as características físicas da idade avançada.

Merece atenção a extrema valorização da capacidade produtiva e, também, da capacidade para o consumo. Segundo Mucida (2006), é comum que idosos aposentados

demonstrem constrangimentos por não estarem inseridos na produção de bens valorizados socialmente. Nessa mesma direção, Paula e Cupolillo (2005), em *Traçando caminhos para a compreensão subjetiva da velhice*, demonstram que o idoso muitas vezes é visto socialmente como incapaz de contribuir para a sociedade, restando-lhe apenas a resignação com o inevitável declínio funcional que é socialmente atrelado à velhice.

Por outro lado, é notável a visibilidade que é dada ao idoso que apresenta potencial para o consumo. Verificamos um crescente volume de anúncios publicitários de bens e serviços vinculados na mídia que são voltados às pessoas idosas. A associação de produtos destinados especificamente para essa faixa etária explicita a percepção de transformações no mercado consumidor decorrentes das mudanças demográficas. No entanto, esse movimento nem sempre busca romper os estereótipos dominantes de juventude e velhice, de forma que ainda são pouco representativas as vinculações na grande mídia com teor inovador. Desse modo, o idoso que possui recursos financeiros começa a ser percebido como importante para a sociedade de consumo e se constitui público-alvo para produtos relacionados, por exemplo, ao turismo e ao crédito bancário.

Richard Sennett (1999), em *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, apresenta uma contundente crítica da sociedade contemporânea e, em especial, das relações de trabalho nesse novo cenário. Para o autor, a sociedade contemporânea se caracteriza pelo que denominou “capitalismo flexível”, no qual a flexibilidade, o risco e a liberdade são fortemente exaltados sobre a premissa de que as pessoas devem moldar a própria vida. Assim, a nosso ver, as pessoas gozam de uma suposta liberdade, dentro dos padrões de uma lógica estabelecida pelo processo capitalista, para optar pelo modo vida que lhes parece mais agradável, inclusive com referência às relações com o trabalho.

Nesse contexto, o mencionado risco ocupa, com frequência, um lugar comum no cotidiano. À medida que a realidade evidencia uma instabilidade do mundo do trabalho, a busca pelo bem estar requer que as pessoas se arrisquem com maior constância. No entanto, a despeito da proclamada liberdade e das diferentes possibilidades de escolha, há uma alienação que é velada. As pessoas não têm domínio exato da posição que ocupam em relação ao próprio trabalho e não sabem que mudanças terão de vivenciar. Assim, verifica-se a inexistência de sentimentos de pertencimento e segurança. Essa nova ordem impõe controles sociais que são, na maioria das vezes, mais difusos e de difícil identificação e compreensão. São, portanto, controles sociais ilegíveis (Sennett, 1999).

Outra importante característica da atualidade é que a experiência acumulada pelos indivíduos ao longo dos anos não é valorizada, de modo que as pessoas idosas não têm seu potencial de trabalho reconhecido pelos demais, conforme destaca Sennett (1999). Nesse contexto, os idosos podem ser alvos de preconceitos, sendo vistos e representados frequentemente como sujeitos inflexíveis e, portanto, como indivíduos com atitudes que se revelam opostas aos tão exaltados risco e flexibilidade.

Nas relações de trabalho, a demandada flexibilidade parece ser imaginada socialmente como um atributo jovem e atraente. A idade avançada, por sua vez, representa maiores gastos com empregados. Representa também conhecimento acumulado, que é considerado elemento de possível resistência ao novo, ou seja, de indesejada rigidez. Conclui-se, assim, que a experiência vivida pelas pessoas não parece ser conveniente e condizente com a lógica apresentada pelo sistema capitalista na contemporaneidade. A mão-de-obra idosa, nesse contexto, é vista, muitas vezes, como uma parcela descartável da sociedade.

Outro aspecto relevante para a nossa discussão é o fato do aumento da qualidade de vida e, também, da expectativa de vida da população, representar crescimento no tempo e no volume de aposentadorias. É uma situação que evidencia dificuldades a diversos países na

manutenção das políticas de seguridade social. Algumas propostas vêm sendo discutidas com o objetivo de otimizar e potencializar essa possível mão-de-obra de idosos, dentre as quais se destaca aquela que se refere a uma possível progressiva redução da jornada de trabalho para pessoas consideradas idosas e o prolongamento da idade mínima para a aposentadoria.

A realidade acima é constatada em diferentes sociedades, inclusive na sociedade brasileira. Apesar de recentes revisões, o sistema previdenciário brasileiro provavelmente será objeto de reavaliação e alteração nos próximos anos, de modo a comportar uma crescente demanda. Acreditamos que a própria concepção e critérios de aposentadoria terão de ser transformados para que a manutenção da previdência social seja sustentável. Assim, o lugar do idoso na sociedade e nas relações de trabalho terá que ser revisado e rediscutido. Também se faz relevante apontar um fenômeno que há algum tempo vem sendo constatado, em especial nos países mais empobrecidos, e que se refere à manutenção de todo um núcleo familiar por meio da aposentadoria de apenas um de seus membros.

Outro importante teórico que fornece subsídios para pensarmos o envelhecimento na contemporaneidade é o sociólogo inglês Anthony Giddens. Em seu livro *Modernidade e Identidade*, o autor discute algumas mudanças ocorridas na sociedade contemporânea e suas conseqüências para a vida cotidiana nas dimensões social e individual. Argumenta, ainda, que a característica central desse período é o poder de reflexividade individual, ou seja, a possibilidade do indivíduo refletir sobre sua própria identidade. Significa a possibilidade de assumir novos padrões ou características religiosas, culturais, entre outras. Este é considerado um advento daquilo que Giddens chama de sociedade pós-tradicional, que rompe as barreiras da tradição e dos costumes rígidos e cria múltiplas possibilidades de escolhas e, conseqüentemente, de identidades (Giddens, 2002).

O referido autor destaca ainda que as conseqüências da modernidade tardia, o que alguns outros autores chamam de globalização ou mundialização, são percebidas na



diversidade de estilos de vida e nas novas e distintas possibilidades de identificação. Ressalta, portanto, o caráter reflexivo da constituição da identidade. Considerando essas contribuições teóricas, podemos pensar o envelhecimento na contemporaneidade como um processo complexo no qual o sujeito que envelhece exerce um papel ativo na sociedade em transformação.

A participação do idoso no próprio envelhecer se configura de forma particular dentro de seu projeto reflexivo. Com isso, queremos dizer que, diferentemente do que ocorria no passado, quando os idosos fora do mercado de trabalho eram considerados inaptos para quaisquer atividades da vida social, na realidade contemporânea, eles têm a oportunidade de se inserirem na sociedade, de pleitearem um espaço digno e produtivo dentro e fora do mercado de trabalho formal. Essa possibilidade contemporânea de se colocar no mundo como sujeito ativo, que acreditamos não haver ocorrido com essa magnitude no passado, demonstra uma possibilidade de mudança significativa nos processos de subjetivação sociais associados ao envelhecimento.

O pensador francês Guy Debord é, também, uma referência essencial para a reflexão sobre a sociedade atual e sobre os desafios do envelhecimento para a psicologia. Em *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*, Debord (1999) demonstra que o consumo é central em nossa sociedade e que a sua primazia favorece uma dimensão de ilusão e carência de consciência dos atores sociais. Aponta, diante disso, como a realidade da vida pode ser tomada pela contemplação do espetáculo, através da exaltação da aparência e da percepção das relações sociais enquanto representações. O autor destaca, inclusive, que tais circunstâncias ameaçam o pensamento crítico e seduzem para o consumo. As características principais da chamada “sociedade do espetáculo” são, portanto, a informação ou propaganda, a publicidade e o conseqüente consumismo. Tratam-se de pilares

da alienação nas sociedades capitalistas contemporâneas que impõem uma atitude de aceitação passiva e alienada às pessoas.

A sociedade do espetáculo também está presente e evidente na vida cotidiana da pessoa idosa. A representação do idoso na mídia e nos meios de comunicação de massa, por exemplo, ocorre por vezes de forma equivocada e precipitada, de modo que o idoso muitas vezes é representado com estereótipos e discriminação. As publicidades e produtos destinados ao público idoso apresentam conteúdos predominantemente relacionados a medicamentos, planos de saúde, tratamentos estéticos e seguros de vida.

No entanto, os idosos parecem não constituir público-alvo notável de outros produtos, tais como inovações tecnológicas, carros, vestuário, dentre tantos outros. Podemos constatar que a velhice ocupa um lugar de demasiada exclusão e marginalização na sociedade atual. A velhice está ausente do glamour e do fascínio do espetáculo apontado por Debord (1999), sendo muitas vezes associada a representações e conteúdos simbólicos pouco sedutores.

Em reportagem recente, Gabriel García Márquez declarou que o reconhecimento de suas obras culminou em grande êxito literário, mas também mercadológico: “A pior coisa que pode acontecer a um homem que não tem vocação para o êxito literário, ou em um continente que não está acostumado a ter escritores de sucesso, é publicar um romance que venda como salsicha”. O autor continua advertindo claramente que não deseja ser transformado em espetáculo e que se esforça para evitar que isso aconteça: “É o meu caso. Nego-me a me transformar em espetáculo, detesto a televisão, os congressos literários, as conferências e a vida intelectual” (Globo, 2008). É notório que o autor evita aparições na grande mídia e parece buscar uma postura mais distanciada dos apelos da sociedade contemporânea voltados à exaltação da aparência e do espetáculo.

Como podemos observar, envelhecer com qualidade de vida em nossa sociedade requer preparação para enfrentar os enormes desafios que se apresentam na

contemporaneidade. Governo, sociedade e psicólogos, com destaque àqueles que lidam com o público de pessoas idosas, precisam conhecer melhor as características do envelhecimento e como lidar com esse fenômeno cada vez mais presente na sociedade em que vivemos.

Nesta seção, apresentamos e analisamos, com referências à obra e pensamento de Gabriel García Márquez, alguns aspectos relacionados à velhice, tais como as relações de trabalho e de consumo, o poder de reflexividade individual que dispõe o idoso na atualidade e a sua inserção na sociedade do espetáculo. A seguir, destacamos o envelhecimento como uma inquietação que implica desafios para a sociedade.

## **2.2. A longevidade como inquietação social**

Não obstante destacada repercussão na atualidade, é importante ressaltar que o envelhecimento das populações não é uma temática revelada recentemente. O fenômeno tem sido constatado, observado e estudado com maior profundidade desde o fim do século passado. Garrido e Menezes (2002), no texto *O Brasil está envelhecendo: boas e más notícias por uma perspectiva epidemiológica*, destacam que diversos países da Europa e da América do Norte já discutem e vivenciam há algum tempo os imperativos conseqüentes do envelhecimento de suas populações.

As condições socioeconômicas dos contextos desenvolvidos propiciam uma maior expectativa de vida, o que implica, naturalmente, no crescimento da população idosa em suas realidades sociais. Do mesmo modo, a presença marcante de uma população idosa nesses países desenvolvidos justifica a preocupação de suas sociedades com o envelhecimento dos indivíduos, um dos maiores e mais importantes desafios deste novo século.

Ao revelar alguns dados estatísticos sobre o fenômeno do envelhecimento populacional, Bento (1999) aponta que, nos países considerados desenvolvidos, no período compreendido entre 1950 e 2050, o número de jovens deve reduzir, ao final, de 219 milhões –

equivalente a 27% da população total – para 173 milhões, ou seja, 15% da população. Em contrapartida, o número de idosos tende a subir de 97 milhões, 12%, para 375 milhões ou 32,5% desta população.

O envelhecimento populacional verificado com clareza nos países desenvolvidos pode também ser observado nos países considerados em desenvolvimento ou subdesenvolvidos. Neste mesmo espaço de tempo, os países em desenvolvimento devem ver sua população jovem crescer de 650 milhões, ou 38% da população total, para 1,5 bilhão, ou seja, 20% desta população. Apesar de um crescimento absoluto, há um claro decréscimo da percentagem relativa de jovens. O número de idosos, diferentemente do que ocorre na população jovem, deverá saltar de 110 milhões, o que representa 6,4% do total da população, para 1,6 bilhão, ou seja, 26% da população (Bento, 1999).

Os dados estatísticos apresentados acima são ilustrações da realidade que explicitam a crescente necessidade de pesquisas e entendimentos sobre a drástica transformação demográfica que o mundo está passando, bem como a urgência em que os profissionais da área de saúde mental e da psicologia devem aprofundar seus estudos e técnicas para melhor conduzir sua prática clínica e sua compreensão sobre esse segmento especial da população brasileira.

Bento (1999) esclarece e afirma ainda que o envelhecimento da população mundial é justificado, fundamentalmente, por dois fatores primordiais: primeiro, ao fato do constante e significativo decréscimo das taxas de natalidade e, em segundo lugar, porque a longevidade aumenta constantemente ao passo que os índices de mortalidade se contraem. Na realidade brasileira, esse fenômeno se dá de forma análoga, conforme é destacado em explicação do Ministério da Saúde, em publicação sobre o tema do envelhecimento intitulada *Redes Estaduais de Atenção à Saúde do Idoso*:

Este fenômeno, que denominamos de transição demográfica, se caracteriza pela passagem de uma situação de alta mortalidade mais alta fecundidade, com uma população predominantemente jovem e em franca expansão, para uma de baixa mortalidade e, gradualmente, baixa fecundidade (Ministério da Saúde, 2002, p.7).

Ainda nessa direção, Néri (2004), no artigo *Contribuições da psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice*, esclarece que várias nações vivenciam avanços sociais que possibilitam não apenas um aumento numérico de idosos, mas também o crescimento da população nesse grupo etário que vive de forma ativa, saudável e comprometida socialmente. Os idosos ativos e saudáveis passam a conquistar espaço em detrimento do que ocorre com o idoso apático, doente e incapacitado, que até esse momento eram características predominantes dessa população. Assim, a velhice não apenas se torna mais evidente nas sociedades como ganha novos contornos e possibilidades.

No Brasil, observamos que é frequentemente nutrida a concepção e imaginário de um país constituído essencialmente de jovens e adolescentes. Distintamente, conforme destaca o Ministério da Saúde (2002), o aumento da população absoluta de pessoas com mais de sessenta anos de idade ocorre desde os anos 60. No entanto, o aumento da população com mais de sessenta anos de idade não tem chamado, em nosso ponto de vista, a atenção devida de gestores públicos e nem merecido políticas públicas que dêem conta das complexas demandas que se apresentam.

Ainda com base no documento acima mencionado, percebemos que, desde o final do século XX, a população idosa é a parcela que vem apresentando maior crescimento proporcional. No período de 1950 a 2025, estipula-se que o crescimento desta faixa etária será 16 vezes superior ao da população total. Assim, o Brasil passará a ter a sexta população com maior número de idosos em todo o mundo, o que equivale a 32 milhões de pessoas incluídas nesse segmento ou grupo populacional.

Diante dessa realidade, se faz necessário enfatizar que o constante aumento da longevidade é um fenômeno que é particular deste momento histórico e que revela conseqüências para a vida social, para as relações de trabalho, para as relações familiares, bem como para o próprio indivíduo em seu cotidiano. As conseqüências dessas mudanças acarretam novas oportunidades e possibilidades de vida que precisam de reflexão, bem como incertezas e demandas de adaptação e compreensão das novas situações por elas criadas.

No tocante ao envelhecimento populacional no Brasil, Veras, Ramos e Kalache (1987), no artigo *Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade*, ressaltam a particularidade da diversidade de gênero. As mulheres apresentam uma maior expectativa de vida com relação aos homens por algumas razões, entre elas o fato de, historicamente, em nosso país, estarem menos expostas às causas de risco de trabalho, por consumirem menor quantidade de tabaco e álcool, por utilizarem mais os serviços de saúde – o que retrata uma diferença de atitude em relação às doenças e sintomas – e porque vêm dispondo de melhores serviços de assistência médica-obstétrica.

Conforme destacam os autores acima mencionados, percebe-se que as esposas tendem a experimentar a viuvez com maior freqüência que seus companheiros. Tal fator é reforçado pelo fato de que, em nossa cultura, as mulheres tradicionalmente costumam se casar mais jovens que os homens. Além disso, estatísticas demonstram que um segundo casamento é significativamente mais comum entre viúvos do que entre as viúvas (Veras, Ramos e Kalache, 1987). Em vista desses fatores, podemos perceber como as mulheres muitas vezes passam por uma série de eventos que favorecem o sentimento de solidão na velhice.

Outra decorrência da maior longevidade feminina é que, em relação ao homem, as mulheres acabam tendo que lidar com doenças crônicas por um maior espaço de tempo. Tal desafio muitas vezes é agravado pela solidão e diminuição de renda causada pela perda do companheiro (Veras, Ramos e Kalache, 1987). Como veremos no próximo capítulo, a viuvez

feminina constitui com frequência uma difícil perda associada à velhice, retratada de maneira dramática e impressionante na literatura de Gabriel García Márquez quando aborda a morte do doutor Juvenal Urbino após meio século de vida conjunta com Fermina Daza. A personagem feminina vivencia então a dor do luto e a solidão da viuvez.

Ainda com referência à viuvez na velhice, Garrido e Menezes (2002) traçam o seguinte perfil da população idosa em nosso país: “em resumo, os idosos no Brasil hoje representam cerca de 10% da população geral. São na maioria mulheres, viúvas, com baixa escolaridade e com menor renda em relação a seus pares masculinos”. Apesar dessas considerações, Veras, Ramos e Kalache (1987) destacam que, na medida em que transformações sociais vêm sendo operadas através da maior participação feminina no mercado de trabalho e do acesso ampliado a espaços que anteriormente eram restritos aos homens, a expectativa de vida em ambos os gêneros tende a se aproximar.

Uma realidade na qual as pessoas tendem a viver por períodos significativamente mais longos é retratada em diversos estudos, que apontam notável aumento do número de centenários nos dias atuais. É também por essa razão que, nos últimos anos, é possível constatar, no Brasil, um crescente movimento de discussão e de busca de valorização do espaço social ocupado pelo idoso<sup>1</sup>.

Outra questão importante acerca do tema se refere às diversas formas de violência praticadas contra o idoso: agressões físicas, psicológicas, simbólicas, financeiras e emocionais. São escassos, no entanto, dados sobre violência praticada contra os idosos no Brasil. As principais informações sobre o problema são levantadas apenas nas intervenções feitas em serviços de saúde ou de segurança pública para os casos de lesões, traumas ou

---

<sup>1</sup>Um grande avanço nesse sentido foi a elaboração do Estatuto do Idoso, sancionado em 2003 e que regula os direitos que legalmente são assegurados às pessoas com sessenta anos ou mais (Lei 10.741). A legislação dispõe acerca de direitos fundamentais (vida, liberdade, respeito, dignidade, alimentos, saúde, educação, cultura, esporte, lazer, profissionalização, trabalho, previdência social, assistência social, habitação e transporte); medidas de proteção; políticas de atendimento; acesso à justiça; bem como de crimes previstos contra o idoso (Ministério da Saúde, 2005).

fatalidades<sup>2</sup>. Cabe ressaltar que as denúncias de maus tratos contra o idoso constituem um fenômeno ainda muito recente no Brasil e no mundo. Assim, percebemos que “os dados estatísticos se constituem na ponta do iceberg de uma cultura relacional de dominação, de conflitos intergeracionais, de negligências familiares e institucionais” (PNUD, 2004, p.30).

Conforme destacamos, o envelhecimento populacional configura-se como um dos maiores desafios da humanidade para o novo século. Estamos vislumbrando um novo cenário caracterizado pelo envelhecimento de populações em todo o mundo e que demanda mudanças sociais profundas e compromissadas com a busca pelo bem-estar e qualidade de vida em todas as idades. Acreditamos, portanto, que a compreensão dos aspectos subjetivos sobre a velhice e as perdas próprias dessa fase do desenvolvimento humano é de grande relevância para a clínica psicológica contemporânea. Com essas considerações, podemos pensar que as modificações sociais e demográficas que estamos vivenciando apontam para a necessidade de ampliação do espaço destacado ao tema do envelhecimento nas pesquisas e estudos realizados nas diferentes áreas do conhecimento e, em especial, na psicologia.

### **2.3. Os desafios da psicologia para uma compreensão sobre a velhice**

O envelhecimento populacional no Brasil evidencia a necessidade da psicologia clínica, enquanto área de construção do conhecimento e também como campo de atuação profissional, se colocar frente às demandas de um grupo etário em plena expansão e ainda insuficientemente assistido por políticas públicas de promoção de saúde mental. Segundo Néri (2004), o envelhecimento populacional ampliará a exigência de que os profissionais da psicologia ofereçam serviços tanto na área de apoio psicológico ao público idoso quanto no campo de reabilitação cognitiva. Esse fenômeno, segundo a autora, deverá ocorrer nas

---

<sup>2</sup>Sobre esse assunto, se destaca, em 2004, a publicação da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, em cooperação com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e intitulada *Violência contra idosos: o avesso do respeito à experiência e à sabedoria*.



diversas camadas da sociedade uma vez que o envelhecimento está atrelado a um maior risco de disfuncionalidades e vulnerabilidades.

Néri (2004) adverte ainda que a temática do envelhecimento não é amplamente pesquisada e discutida na psicologia e que isso se deve, em grande parte, à não disseminação do ensino sistemático sobre o tema nas universidades. Ao encontro dessa colocação, Salvarezza (2005b) ressalta que o conhecido desinteresse pelo tema da velhice na psicologia se relaciona às falhas curriculares. As grades curriculares dos cursos de psicologia historicamente privilegiam e destacam os estudos sobre a infância e a adolescência. A velhice, no entanto, não é devidamente enfatizada. As decrescentes taxas de natalidade tendem, contudo, a favorecer uma maior atenção ao envelhecimento, descentralizando, em parte, a abordagem quase exclusiva da infância e da adolescência no ensino superior (Néri, 2004).

De acordo com Mucida (2006), também a psicanálise tem se dedicado pouco ao estudo sobre o envelhecimento e a velhice. A autora argumenta que o idoso vem sendo considerado pela psicanálise como um adulto qualquer, de forma que não há uma clínica psicanalítica significativamente diferenciada e direcionada ao sujeito idoso. Para a autora, a escassez de publicações psicanalíticas que abordam especificamente o tema do envelhecimento se deve, em parte, a considerações de Freud relativas a algumas contra-indicações da técnica psicanalítica direcionada aos idosos:

A terapia psicanalítica não é, no momento, aplicável a todos os casos. Ela tem, a meu ver, as seguintes limitações: requer um certo grau de maturidade e compreensão nos pacientes e não é, portanto, adequada a jovens ou adultos mentalmente débeis ou incultos. Fracassa com pessoas idosas, porque o tratamento demoraria tanto tempo, devido à acumulação de material, que no fim elas teriam chegado a um período da vida em que nenhum valor atribui à saúde nervosa (Freud, 1898/1976, p.309).

Apesar dessas considerações freudianas que aponta para limitações na terapia psicanalítica aplicada a idosos, Freud, ao longo de sua obra, convida os psicanalistas a darem

continuidade aos dispositivos clínicos que desenvolveu. Para Mucida (2006), a própria advertência de Freud se refere a um momento histórico específico. Freud não fecha portas para futuras revisões em relação à aplicabilidade da psicanálise. Ademais, a velhice ganha maior relevância e proporção na sociedade contemporânea devido às dramáticas transformações demográficas vigentes e que relatamos e analisamos acima. São características sociais da atualidade que se diferem significativamente daquelas da época em que Freud desenvolveu a referida observação teórica acerca da aplicabilidade da técnica psicanalítica em idosos.

Néri (2004) apresenta alguns relevantes fatores que demonstram razões para a reduzida possibilidade de intervenção do psicólogo que exerce suas atividades clínicas nos moldes tradicionais: ausência de estímulo para a compreensão da velhice na formação acadêmica em psicologia; existência de preconceitos que consideram o idoso inflexível e, portanto, inapto para a mudança; a ausência de opinião constituída na clientela sobre a eficácia de intervenções psicológicas com pessoas em idade avançada e a carência de um atendimento psicológico público universal que atenda às demandas de pessoas nas diferentes faixas etárias.

Uma abordagem interdisciplinar da velhice potencializou avanços importantes em direção a uma melhor compreensão do processo de envelhecimento. O diálogo com as ciências sociais permitiu que a complexidade dos processos sociais envolvidos na construção das sociedades, das mentalidades e dos grupos passassem a ser considerados. Também as trocas com a neurologia, com a psiquiatria e com a bioquímica permitem uma perspectiva ampliada das capacidades cognitivas.

Novos paradigmas que estão sendo desenvolvidos sobre a temática da velhice consideram que tanto o processo de desenvolvimento quanto o de envelhecimento são correlatos, multidimensionais e multidirecionais e envolvem um equilíbrio sensível entre

vantagens e limitações. Há, portanto, um reconhecimento da complexidade do fenômeno do envelhecimento humano e da necessidade de uma perspectiva interdisciplinar para sua maior compreensão (Néri, 2004).

Verifica-se uma tendência para a realização de pesquisas com enfoque no entendimento de processos relacionados ao bem-estar na velhice e à possibilidade de se envelhecer bem, com maior qualidade de vida. Também se privilegia o enfoque da compreensão do processo de envelhecimento disfuncional buscando-se uma abordagem que compreenda melhor a complexidade desses fenômenos. É notório que o imaginário socialmente construído sobre a velhice é constituído de conteúdos simbólicos predominantemente negativos, como veremos com maior profundidade mais adiante. A associação da velhice com conteúdos predominantemente considerados negativos parece representar significativa fonte de sofrimento para parcela crescente da população que envelhece.

### Capítulo 3:

#### AS PERDAS ASSOCIADAS AO ENVELHECIMENTO

*Olha estas velhas árvores, mais belas  
Do que as árvores moças, mais amigas,  
Tanto mais belas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das procelas...*

*O homem, a fera e o inseto, à sombra delas  
Vivem, livres da fome e de fadigas:  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E os amores das aves tagarelas*

*Não choremos, amigo, a mocidade!  
Envelheçamos rindo. Envelheçamos  
Como as árvores fortes envelhecem,*

*Na glória de alegria e da bondade,  
Agasalhando os pássaros nos ramos,  
Dando sombra aos que padecem!*

*Olavo Bilac*

“Era inevitável: o cheiro das amêndoas amargas lhe lembrava sempre o destino dos amores contrariados”. É com essa afirmação inquietante e perturbadora, aos nossos olhos, que Gabriel García Márquez introduz sua celebrada obra *O amor nos tempos do cólera*. Na situação na qual foi proferida a afirmação, é apresentado o doutor Juvenal Urbino de la Calle, um dos personagens centrais do romance que, aos oitenta e um anos de idade, se apoiando em sua bengala com castão de prata e trajando terno completo de linho branco, com a mesma compostura dos anos moços, atende a um chamado urgente na casa de seu amigo e adversário de xadrez, Jeremiah de Saint-Amour.

Pouco tempo após analisar o corpo de seu amigo estendido no chão, aparentando cinquenta anos mais velho do que na noite anterior, o doutor Urbino percebe que, dentre os tantos casos de suicídio que atendeu no decorrer de uma longa vida dedicada à medicina, estava diante da primeira circunstância provocada por cianureto de ouro que não havia sido motivada pelas contrariedades do amor. Não foram os obstáculos ao amor que fizeram

Jeremiah de Saint-Amour pôr fim à própria vida, mas a decisão irrevogável e incontestável de não envelhecer. Não queria ser velho um dia. A única saída que vislumbrou foi buscar a morte aos sessenta anos. Essa decisão foi definitiva e categórica de forma que procurar convencê-lo a combater heroicamente os estragos conseqüentes do tempo vivido foi impossível até mesmo para a mulher que amava.

O doutor Urbino se sente, então, profundamente envolvido e angustiado com essa revelação inconveniente e com aquilo que a situação lhe remetia. A revelação poderia ter transformado a vida do doutor Urbino mesmo aos seus oitenta e um anos de vida, quando tudo lhe estava aparentemente consumado e acabado. Para o médico, que aparentava grande familiaridade com a morte por haver lutado para combatê-la diversas vezes, a experiência relatada representou “a presença física de algo que até então não passava de uma certeza da imaginação” (García Márquez, 1985/2003, p.45).

Diante dessa situação, o doutor Urbino se deu conta de que a morte não representava uma simples abstração, mas consistia numa realidade extremamente próxima e verdadeira. Se não concordou com o amigo que a velhice era uma realidade indecente e desaprovou sua atitude de impedi-la em tempo, foi, segundo o narrador, possivelmente por ser um católico fervoroso. O personagem doutor Urbino desejava, em verdade, manter-se vivo, pois temia não conseguir se encontrar com Deus após a sua própria morte. Atribuiu à morte do amigo ao que denominou *gerontofobia*, terminologia que acreditou ter criado no momento em que explicava a causa da morte do amigo ao arcebispo daquela circunscrição.

Segundo Salvarezza (2005b), a gerontofobia é um tipo de conduta pouco freqüente e que se caracteriza por intenso temor em relação à velhice. Também pode ser entendida, de acordo com o referido autor, como comportamento raro de ódio irracional direcionado às pessoas idosas. No romance de Gabriel García Márquez, o personagem Jeremiah de Saint-Amour prefere a morte aos imperativos da velhice. O doutor Urbino é definitivamente tocado

por essa decisão, mas apesar de viver limitações impostas pela idade avançada, luta contra a morte enquanto possível. Nesse contexto, cabe indagarmos sobre o significado da velhice que é aceita com precauções e resignação pelo doutor Urbino, mas que, diversamente, é repudiada e detida em tempo por Jeremiah de Saint-Amour. Também acreditamos ser pertinente questionarmos como a sociedade contemporânea e seus membros representam imaginariamente a velhice e o processo de envelhecimento.

### **3.1. Representações das perdas e da velhice na literatura universal**

A velhice vem sendo, desde muito tempo, representada com grande constância na literatura, na poesia, na música, no teatro, no cinema, nas artes visuais e em outras formas artístico-culturais. A presença da velhice nas manifestações culturais pode ser explicada pelo fato do envelhecimento humano constituir uma temática universal, que afeta os homens nos diversos continentes, em todas as épocas e em todas as sociedades. Diversos artistas, poetas e escritores retratam e representam, em suas produções, como a velhice é construída em um determinado contexto sócio-cultural. Ao refletirem, de modo peculiar e estético, pontos de vistas acerca do idoso, eles nos fornecem valiosos indícios e caminhos para um melhor e mais profundo entendimento do que é o processo de envelhecimento e sobre como a velhice comparece no imaginário social.

*O velho e o mar*, clássico de Ernest Hemingway, exemplifica com propriedade uma perspectiva constante sobre a velhice nas sociedades. Apesar de várias tentativas no mar, o velho pescador Santiago, personagem principal da referida obra, permanece oitenta e quatro dias sem conseguir pescar um único peixe. O velho apresenta profundas rugas fincadas no pescoço e, excetuando-se os olhos, azuis da cor do mar, “tudo o que nele existia era velho” (Hemingway, 1952/2005, p.14). Santiago, envelhecido e solitário, conta apenas com a amizade de um menino, chamado Manolin.

É com essas referências sobre o seu personagem Santiago que o célebre escritor norte-americano Ernest Hemingway narra o encontro possível e frutífero de pessoas de gerações diferentes. O tema central do romance é o embate do homem já velho com a natureza. Trata-se de um cuidadoso relato da luta de um pescador idoso contra os limites do próprio corpo. Seu desejo é viver com dignidade, ainda que os pescadores mais jovens duvidem de sua capacidade para continuar no ofício ao qual se dedicou por sua longa vida.

Após um longo período de tentativas frustradas, Santiago consegue, finalmente, pescar um marlin, peixe de grande porte e considerado uma lenda no universo dos pescadores. Na luta que trava para fisgar o peixe, o velho consegue vencer. De repente, tubarões aparecem e, apesar do velho lutar novamente pela sua conquista, o marlin, que estava preso ao lado externo da embarcação, acaba sendo violentamente devorado. Quando Santiago retorna à praia, resta apenas o esqueleto do peixe, amarrado à embarcação.

Na narrativa de *O velho e o mar*, o velho personagem em nenhum momento desistiu de lutar e direcionar seus esforços físicos e a sua vasta experiência acumulada na convivência com o mar para ganhar essa batalha. Não obstante ter vencido a luta com o enorme e vigoroso peixe, ao final de sua epopéia ele é derrotado pelas circunstâncias do mar. Apesar de não ter alcançado seu maior objetivo, Santiago reconhece, intimamente, que havia chegado longe demais, que venceu limites e que, em seu juízo, nada o derrotou verdadeiramente.

A mencionada obra de Hemingway é fortemente marcada pela velhice de seu protagonista. Consideramos que, nesse consagrado texto, o velho pescador vivencia intensamente os limites do corpo, muitos dos quais impostos pela idade avançada. Além disso, o velho é retratado como vitorioso por nunca haver desistido da luta. Podemos considerar, contudo, que se trata de uma vitória íntima, uma vez que ele só chega à praia com a carcaça do peixe e com muito custo reconhece uma derrota em diálogo com o jovem amigo Manolin.

A nosso ver, o autor confere destaque, em seu texto, à experiência de vida e à sabedoria do velho pescador, essenciais para a vida no mar. Apesar de sua vasta experiência como pescador e do fato de sentir-se intimamente vitorioso, observamos que Santiago parece ser visto por vezes com descrédito pelos pescadores mais novos, pelos membros do seu grupo social. Os pescadores mais novos e o próprio Manolin parecem demonstrar sentimento de compaixão pelas derrotas e limites do velho. A velhice de Santiago pode ser pensada como característica associada tanto a perdas físicas como a perdas de reconhecimento social.

É pertinente destacarmos que, segundo Luiz Antônio Aguiar, que prefaciou edição brasileira de *O velho e o mar*, Ernest Hemingway é considerado por Gabriel García Márquez como o autor que mais o influenciou (Hemingway, 1952/2005). É bastante interessante e curioso o fato de ambos os autores haverem publicado algumas de suas principais obras com abordagens sobre a velhice em fases mais avançadas de suas vidas. *O velho e o mar* foi publicado originalmente quando o seu autor já tinha mais de cinquenta anos de idade. O mesmo ocorre com Gabriel García Márquez, que marcadamente após os seus cinquenta anos de idade confere destaque, em sua construção literária, a questão do envelhecimento.

Outro clássico da literatura universal que nos ajuda a refletir o imaginário social sobre a velhice é *Rei Lear*, obra-prima da dramaturgia de William Shakespeare. Na história, o velho rei da Bretanha, Lear, decide abdicar de seu trono. Reúne suas três filhas, Cordélia – caçula e preferida, Goneril e Regane e solicita a todas que digam o que sentem por ele. Cordélia, filha que Lear pretendia premiar com a maior parte de seu reino, se recusa a competir com as declarações das irmãs. Cordélia afirma que “trazer não posso o coração à boca” (Shakespeare, 1608/2008, p.5), uma vez que, para ela, era impossível verbalizar com clareza tais sentimentos.

O rei, raivoso, deserda e entrega, sem dote, a sua filha caçula ao rei da França. O reino é, então, dividido entre as duas irmãs que o elogiaram verbalmente, mas que pouco depois o



traem, privando-o de privilégios, de segurança e de conforto a que tinha direito. Ele é maltratado e visto com desdém pelas duas filhas herdeiras. A partir de então, encontramos um Lear velho, desamparado e que demonstra arrependimento por ter deserdado Cordélia. Consegue, posteriormente, se reconciliar com ela. O final, no entanto, é trágico e culmina com a morte de ambos os personagens Lear e Cordélia.

Ao longo da tragédia, podemos vislumbrar as dificuldades e dores que Lear enfrenta em sua velhice. É representado como velho e louco por alguns personagens, chegando a duvidar da própria sanidade e a implorar para não ser ridicularizado: “Ah! Não zombeis de mim, é o que vos peço. Sou um velho imprestável e caduco, para cima de oitenta, nem uma hora mais nem menos. E, para ser sincero, receio ter o espírito avariado” (Shakespeare, 1608/2008, p.60).

A idade e as perdas vividas na velhice parecem estar constantemente colocadas em evidência ao longo do drama. É o que ocorre quando Cordélia lamenta a atitude das irmãs e afirma que Lear merecia ter recebido um tratamento diferente por ser pai delas e, também, devido a sua idade avançada: “Mesmo que pai não fosse delas duas estes cabelos brancos lhe teriam forçado à compaixão. Uma cabeça como esta poderia estar exposta à fúria das rajadas?” (Shakespeare, 1608/2008, p.60).

Encontramos, a nosso ver, na referida peça de Shakespeare, a velhice fortemente atrelada a perdas de ordem econômica, social e física. Nesse sentido, Lear parece vivenciar não apenas a perda de poder e recursos, mas também a perda de respeito, de dignidade e de afeto, não lhe restando, por parte das filhas herdeiras, nem a compaixão, um sentimento que, segundo Cordélia, seria devido a um velho.

Para David Denby (1996), em *Grandes livros*, o *Rei Lear* pode ser pensado como uma obra que revela a angústia e a dor que freqüentemente surgem quando as relações entre pais e filhos são invertidas pela destruição do tempo. A obra revela, portanto, na perspectiva do

autor, o drama e as dificuldades que surgem quando os filhos se deparam com os pais envelhecidos e com demandas novas de cuidados e amor. Para Denby, o *Rei Lear* aborda a irracionalidade da velhice e a ingratidão da juventude. O clássico de Shakespeare reflete, em nossa compreensão, uma temática universal que envolve a abordagem das dificuldades encontradas por jovens e velhos em lidar com perdas que podem acontecer na velhice.

Gabriel García Márquez, em *Ninguém escreve ao coronel*, nos fornece também valiosos subsídios para pensarmos a velhice e o imaginário social que a cerca. Nessa preciosa obra, García Márquez nos contempla com uma primorosa narrativa que envolve uma abordagem sobre a velhice e sobre ser velho em um contexto empobrecido da América Latina. O Coronel, personagem central da obra, espera, há mais de quinze anos, uma carta do governo com conteúdo referente à pensão de guerra a que tinha direito. Com esse desejo, o Coronel se dirigia ao cais todas as sextas-feiras para esperar a lancha do correio que poderia lhe trazer a carta na qual depositava muitas esperanças, mas que parecia nunca chegar devido a processos burocráticos excessivamente lentos.

No decorrer dessa espera, que durou quase sessenta anos e se iniciou quando o governo prometeu que os oficiais revolucionários seriam indenizados, todos os companheiros do Coronel morreram sem que recebessem também a desejada correspondência do correio. O Coronel e a sua mulher compartilhavam a vida, a fome, a solidão e os sofrimentos há quarenta anos. Haviam perdido o único filho, Augustín, há nove anos. Augustín fora crivado por balas por distribuir panfletos considerados subversivos durante uma rinha de galo. Consideravam-se órfãos do próprio filho, que deixou de herança aos pais um galo de competição no qual o casal também depositava esperanças de dias melhores.

O romance, dentre outros tantos aspectos, retrata a luta incessante de um casal de idosos pela sobrevivência com dignidade em um contexto social e econômico desfavorável no qual o reconhecimento pela contribuição da dedicação à pátria parece não ter data para

chegar. Na cena final e dramática do romance, a mulher indaga ao Coronel o que eles vão comer. A resposta cabal, com descrição no narrador, chega da seguinte forma: “o Coronel precisou de setenta e cinco anos – os setenta e cinco anos de sua vida, minuto a minuto – para chegar àquele instante. Sentiu-se puro, explícito, invencível, no momento de responder: – Merda” (García Márquez, 1968/2005, p.95). Dessa forma, com uma única palavra como resposta e com toda a descrição narrativa sobre o tempo e o momento de vida do Coronel, García Márquez nos retrata uma velhice permeada de perdas e solidão, na qual a pobreza é uma realidade. Do mesmo modo, o autor evidencia o não reconhecimento da contribuição e experiência de vida do seu personagem central.

Em *Memórias de minhas putas tristes*, Gabriel García Márquez apresenta as memórias de um jornalista que durante toda a vida evitou e temeu o amor. No entanto, é na velhice que o personagem descobre o amor profundo e o prazer de viver. A narrativa revela o inusitado já em seu início: “No ano de meus noventa anos quis me dar de presente uma noite de amor louco com uma adolescente virgem” (García Márquez, 2005, p.7)”. No desenrolar, o personagem jornalista telefona para Rosa Barcas, proprietária de um bordel antigo, a fim de combinar a noite. Mais tarde, avalia que, com aquele telefonema, começou uma nova vida numa idade em que muitos já morreram.

O personagem transpõe suas descobertas sobre o amor e a vida para as suas colunas dominicais do jornal no qual trabalhava. Desse modo, consegue cativar os seus leitores. A possibilidade de se aprender e viver com intensidade na velhice é destacada ao longo desse romance, que é a mais recente obra literária de García Márquez. É ressaltado, no texto, o estranhamento das pessoas diante dessa possibilidade apresentada pelo personagem. Aprender e viver com intensidade na velhice é algo que parece ser visto por muitos, em sociedade, como algo incomum e inusitado. A imagem do personagem cujo nome não é revelado no romance, andando de bicicleta e cantando alegremente “com ares de grande Caruso”, por

exemplo, chama a atenção das pessoas que se surpreendem com ele e o olham divertidas, incitando-o a ser participante da “volta da Colômbia em cadeira de rodas”.

Apesar do ato sexual não se realizar, o jornalista ama e deseja profundamente a menina Degaldina. Ele vive a experiência de se apaixonar e amar profundamente aos noventa anos e nos ensina que o amor, o desejo e a paixão estão para além da idade cronológica e da diferença de idade. O romance retrata também o olhar do outro sobre esse ancião que quase enlouquece de amor numa idade em que a sociedade parece não imaginar ser mais possível a realização amorosa. Não obstante o estranhamento e a surpresa com as atitudes do personagem central, as demais pessoas do romance se divertem e também se seduzem com a sua velhice alegre e apaixonada.

Na nossa visão, uma mensagem do romance é que, para a realização do amor e para a aprendizagem, não se impõe restrição de idade. Essa mensagem de pronto nos remete a uma outra criação artística que, do mesmo modo, retrata a manutenção da capacidade de aprendizagem e significação da vida na velhice. Trata-se de obra de Francisco de Goya concluída no ano de sua morte, aos oitenta e dois anos de vida, em que vislumbramos a imagem de um ancião, apoiado em duas bengalas, com os dizeres, em espanhol, “Aún aprendo”, o que significa, em português, ainda aprendo ou permaneço aprendendo<sup>3</sup>. A partir da leitura do romance, podemos pensar que viver a vida com intensidade e qualidade em todas as idades é uma possibilidade que parece inusitada para muitos na sociedade.

Como demonstrado acima, a literatura universal constitui uma inestimável possibilidade de reflexão sobre a velhice e as perdas relacionadas ao processo de envelhecimento. Outros diversos clássicos da literatura universal retratam, direta ou indiretamente, com forte ou moderada presença, a questão da velhice na sociedade. Podemos claramente perceber essa constatação em, por exemplo, *Édipo em Colono*, do dramaturgo

---

<sup>3</sup> Francisco de Goya y Lucientes, obra intitulada “Aún Aprendo” (1824-1828), desenho em grafite sobre papel, do acervo do Museu do Prado (Madrid, Espanha).

grego Sófocles, ou em *O Pai Goriot*, do célebre romancista francês Honoré de Balzac (A Comédia Humana), ou ainda em *Crime e castigo*, de Fiódor Dostoiévski, um dos representantes da literatura universal e, particularmente, da sociedade russa.

Nesse momento, e considerando o nosso objeto particular de estudo e pesquisa, nos propomos a discutir e analisar o que é a velhice e como a velhice é imagetivamente construída na sociedade a partir de um diálogo possível e frutífero da literatura com estudos importantes e pertinentes à temática do envelhecimento. Abordaremos e refletiremos sobre essa perspectiva à luz de algumas contribuições possibilitadas por *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel García Márquez.

### **3.2. Sobre o significado da velhice**

Autores distintos vinculados à psicologia e a outras áreas de conhecimento discutem o significado do envelhecimento humano. Não obstante as divergências e as diferenças conceituais sobre a velhice, com definições aplicadas a cada particularidade de pesquisa, acreditamos que o envelhecimento, neste caso, pode ser compreendido como um processo complexo que envolve variáveis psicológicas, fisiológicas, sociais e culturais. Conforme destacaremos posteriormente, percebemos o envelhecimento também como um fenômeno no qual o sujeito que envelhece exerce um papel ativo e que é delimitado pela sociedade e pela cultura. Apesar da dimensão social e cultural do envelhecimento humano, podemos afirmar que a velhice se configura também de forma singular e individual.

No livro *Decida você, como e quanto viver*, Guimarães (2007) sustenta que o envelhecimento constitui um processo assimétrico com expressão própria em cada pessoa. Nessa direção, Linhares (2002), em sua dissertação de mestrado *Histórias de vida: contribuições acerca da experiência depressiva nos anos tardios*, argumenta ser consenso que o envelhecimento tem caráter particular para cada pessoa. Essa variação individual, segundo a

autora, depende de fatores de ordem hereditária, psicológica e de contingências cotidianas, de forma que o envelhecimento é afetado por fatores intrínsecos e extrínsecos.

Ao encontro da afirmação acima, Simone de Beauvoir (1976), no célebre ensaio intitulado *A Velhice: a realidade incômoda*, destaca que uma reflexão sobre a velhice deve vislumbrar a interdependência dos aspectos fisiológicos e psicológicos, bem como as dimensões sócio-culturais e existenciais envolvidas no envelhecimento. Nesse sentido, a velhice não pode ser a mesma para todos os humanos. Nessa mesma direção, Pinto esclarece:

O processo de envelhecimento não ocorre de forma padronizada. Ele não obedece a fórmulas preestabelecidas. O envelhecimento é único como são únicas as pessoas. Cada um de nós tem ou terá seu processo particular cujas características serão similares a tantos outros, porém com conseqüências e seqüelas particulares (Pinto, 1999, p. 67).

Néri (2004) destaca que o envelhecimento se refere a um processo. A velhice é uma fase da vida. Os idosos, por sua vez, são os indivíduos designados assim a partir de critérios socialmente construídos. Destacamos que a idade cronológica nos parece o critério socialmente utilizado com maior freqüência para determinar a entrada do indivíduo na velhice. Segundo Loureiro (1999), no artigo *Velhice: encantos, desencantos...reencantos*, a Organização Mundial de Saúde (OMS), determina que os idosos são aqueles com mais de sessenta anos de idade. Também no Brasil, o Estatuto do Idoso regula direitos assegurados a pessoas com sessenta anos ou mais.

O processo de envelhecimento, de acordo com Guimarães (1999), em *Viver mais (e melhor)*, constitui um fenômeno que precisa ser considerado natural e que acarreta transformações tanto em um nível orgânico, quanto em um nível psicossocial. Assim, o envelhecimento é entendido numa perspectiva processual e complexa. Acreditamos que a compreensão do envelhecimento deve envolver a consideração de múltiplos fatores que

procurem alcançar com maior amplitude e profundidade a complexidade do fenômeno e do ser humano.

Não há consenso em relação ao início do processo de envelhecimento humano. Há autores que consideram que o envelhecimento tem início já com a concepção. Também a idéia de que o fenômeno do envelhecimento humano começa entre a segunda e terceira década da vida é correntemente constatada na literatura especializada. No entanto, alguns autores consideram que é apenas nas fases mais avançadas da vida que o envelhecimento é desencadeado. Assim, há uma evidente dificuldade em relação à delimitação do fenômeno do envelhecimento no homem que se evidencia nessa complexidade conceitual (Linhares, 2002).

Ao encontro dessa constatação, destacamos que a velhice não é socialmente percebida como uma fase da vida claramente demarcada. O jovem ingressa na vida adulta com idades que costumam variar entre dezoito ou vinte e um anos. Essa passagem para a vida adulta é com freqüência marcada por “rituais de transição”. Em contraposição, o início da velhice não é claramente determinado na sociedade e varia em diferentes momentos históricos e lugares. No entanto, não há relatos de “rituais de transição” que estabeleçam com clareza o início da velhice (Beauvoir, 1976).

Em *Memórias de minhas putas tristes*, por exemplo, quando o protagonista se questiona sobre o início da própria velhice, constata que foi aos quarenta e dois anos, ao consultar um médico por dores nas costas, que ouviu do profissional que se tratavam de dores naturais na idade em que se encontrava. Para o personagem de García Márquez, as primeiras mudanças provocadas pelo envelhecimento demoram a ser constatadas por quem as vivencia, mas podem ser notadas pelos outros. É por volta dos cinquenta anos que o referido personagem menciona perceber o que era a velhice por meio das primeiras falhas na memória. Para ele, a velhice também é relativa, de modo que, aos noventa anos de idade, se refere aos homens de oitenta anos como “rapazes”.

Carvalho e Coelho (2006) ressaltam que, no entanto, na mulher, enquanto a menarca e a vivência de crescimento dos seios, por exemplo, representam a entrada na juventude, a menopausa pode representar a “oficialização social” do processo de envelhecimento. Assim, o fim da capacidade reprodutiva que é configurada pela menopausa pode significar para a mulher a delimitação de dois momentos socialmente antagônicos, quais sejam: a juventude e a velhice.

Simone de Beauvoir (1970), na segunda parte de seu estudo sobre a velhice, intitulado *A velhice: as relações com o mundo*, afirma que é por meio do olhar do outro que freqüentemente o sujeito se percebe velho. Assim, é através da relação dialética do eu com o outro que a velhice se configura. A autora esclarece que a velhice comumente é percebida com maior clareza aos olhos dos outros do que aos do próprio sujeito. A velhice constitui um novo estado de equilíbrio biológico e, na ausência de problemas, a velhice acaba chegando despercebida para o sujeito que envelhece. Assim, o sujeito se percebe velho quando o outro lhe devolve esse olhar.

### **3.3. As perdas orgânicas e de memória na velhice**

A velhice é indiscutivelmente caracterizada por um declínio das funções orgânicas que acontece em todos os organismos vivos. É um fenômeno inelutável e irreversível para Simone de Beauvoir (1976), que pensa a velhice como um destino. Quem não morrer cedo será velho, irremediavelmente, um dia. Trata-se, no entanto, de um destino fortemente marcado por mudanças corporais. Na espécie humana, ao contrário do que ocorre com os animais, a aparência do organismo se modifica de forma marcante com o avançar dos anos. Nesse sentido, a autora descreve algumas dessas transformações:

Transforma-se a aparência do indivíduo possibilitando atribuir-se-lhe uma idade, com pequena margem de erro. Os cabelos embranquecem e tornam-se mais ralos; não se sabe por quê: o mecanismo de



despigmentação do bulbo capilar continua desconhecido; também os pêlos embranquecem embora entrem a proliferar em certos lugares – como por exemplo, no queixo das velhas. A pele se enruga em consequência da desidratação e da perda de elasticidade do tecido dérmico subjacente. [...] A perda dos dentes provoca um encurtamento da parte inferior do rosto, de modo que o nariz, que se alonga verticalmente devido à atrofia de seus tecidos elásticos, se aproxima do queixo. A proliferação senil da pele ocasiona um espessamento das pálpebras superiores, enquanto se cavam bolsas sob os olhos. O lábio superior se adelgaça, cresce o lóbulo da orelha. Também o esqueleto se modifica. Os discos da coluna vertebral se empilham e decaem os corpos vertebrais (Beauvoir, 1976, p.29).

Essa descrição de Simone de Beauvoir, embora possa parecer um pouco exagerada, demonstra algumas possíveis transformações físicas relacionadas ao processo de envelhecimento humano. Desse modo, o homem vivencia uma transformação ou metamorfose física em seu envelhecimento. Tratam-se, ademais, de mudanças que podem ser esperadas ao longo de uma vida que alcança a velhice.

A obra de Gabriel García Márquez nos retrata, por meio de seus protagonistas, a metamorfose física e o decréscimo das funções orgânicas vividos na velhice. Fermina Daza, aos setenta e dois anos, mantinha, da foto das bodas, cinqüenta anos antes, apenas os “olhos de amêndoas diáfanas e a altivez de nação” (García Márquez, 1985/2003, p.37). No entanto, o narrador esclarece que aquilo que estava ausente, devido ao avançar da idade, era suprido por seu caráter e diligência.

O doutor Urbino ouvia cada vez menos com o ouvido direito. Utilizava a bengala para driblar as dificuldades com o andar e, a partir dos cinqüenta anos, começou a ter consciência do peso e do tamanho de suas vísceras: “pouco a pouco, enquanto jazia com os olhos fechados depois da sesta diária, tinha começado a senti-las lá dentro, uma a uma, sentindo até a forma do seu coração insone, seu fígado misterioso, seu pâncreas hermético” (García Márquez, 1985/2003, p.56). Já Florentino Ariza, aos setenta e seis anos, exibia, além da

dentadura, suas últimas mechas de cabelo. Colocava-se a enfrentar as mudanças na própria imagem causadas pela indesejada, porém inevitável e arrasadora, calvície.

É possível perceber, também, uma associação da idade com a forma mais adequada de se vestir. As roupas consideradas ideais em uma determinada época e cultura, para uma pessoa considerada jovem, podem ser vistas como impróprias para pessoas consideradas idosas no mesmo contexto. Fermina Daza, aos setenta e dois anos, sentia-se bem e tranqüila com as transformações físicas vividas na velhice. O corpo rígido da juventude e as roupas que apertavam a cintura ficavam, cada vez mais, distantes à medida que, com a idade, seu corpo podia ficar mais livre e à vontade. O salto alto se tornou, para ela, um excesso permitido apenas nas ocasiões de maior solenidade. Isso porque em sua idade já não podia abusar tanto. Para ela, algumas ostentações nas vestimentas “já não lhe pareciam adequadas para uma avó venerável” (García Márquez, 1985/2003, p.37). Por outro lado, Florentino Ariza, ainda jovem, se vestia “feito um ancião de tempos idos” (García Márquez, 1985/2003, p.189).

Para Simone de Beauvoir (1976), podemos pensar a velhice como um destino biológico. Assim, é uma realidade trans-histórica que é vivenciada de forma singular em contextos diversos. Para a autora, a velhice não é estática. Pelo contrário, ela tem caráter dinâmico e processual, assim como a vida: “ela (a vida) é um sistema instável no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é sinônimo de morte. A lei da vida é mudar. O que caracteriza o envelhecimento é um certo tipo de mudança irreversível e desfavorável” (Beauvoir, 1976, p.15). Por desfavorável, a autora compreende alterações consideradas desvantajosas na medida em que implicam redução da vida orgânica, ou seja, quando as possibilidades do indivíduo subsistir são reduzidas.

Segundo Bromberg (2000), em *A psicoterapia em situações de perdas e luto*, as perdas fisiológicas experienciadas no envelhecimento causam grande impacto psicológico no sujeito que envelhece. Assim, prejuízos relacionados à funcionalidade dos órgãos do sentido, em

especial a visão e a audição, ao funcionamento cerebral e a partes ou funções dos membros, são de grande relevância em uma abordagem sobre a velhice. Dessa forma, na velhice, a redução da funcionalidade fisiológica pode ser vivida como relevantes e intensas perdas para o sujeito que envelhece.

O envelhecimento está associado também a transformações de ordem fisiológica. Mudanças são vividas corporalmente no envelhecer e se relacionam a uma redução e declínio das funções orgânicas. Tratam-se de transformações que advêm com o passar dos anos a todos que vivem por maior período. Ao encontro dessa afirmação, Antequera-Jurado e Picabia (2005a), no artigo *Percepción, autoconcepto y bienestar en el anciano*, destacam que as mudanças biológicas vividas na velhice são aquelas em que o sujeito pode exercer menor controle. A metamorfose orgânica esperada na velhice depende de variáveis que fogem às possibilidades mais efetivas de controle individual. As mudanças morfológicas características do envelhecimento são, para os autores, vivenciadas, na maior parte dos casos, como adversas e irreversíveis. Ademais, esclarecem que as referidas mudanças orgânicas são identificadas como perdas da última fase da vida.

O decréscimo funcional característico da velhice também envolve uma maior fadigabilidade, de modo que o esforço físico acontece dentro de limites progressivamente mais estreitos, conforme descreve Beauvoir (1976). Os idosos tendem a enfrentar perturbações do sono com maior frequência. Assim, podem despertar muito cedo ou apresentar dificuldades para dormir ou, ainda, interrupções curtas do sono, não obstante os freqüentes cochilos durante o dia. Nesse contexto, são ilustrativas as situações nas quais Fermina Daza percebe que seu marido, doutor Urbino, passa a soluçar freqüentemente durante o sono com o avançar da idade. Em situações sociais, Fermina Daza permanecia então em vigília, para evitar assim que seu marido viesse a cochilar.

Fermina Daza, que durante muitos anos incomodou-se em despertar cedo com o esposo, passou a dormir cada vez menos ao avançar de sua idade. Já antes dos setenta anos despertava antes do marido. Gabriel García Márquez retrata, nesta obra, a maior fatigabilidade advinda na velhice, demonstrando que a idade tem um peso maior e que é dificilmente vencido. Quando Fermina Daza, por exemplo, corre para ver seu marido que acaba de cair da escada ao tentar alcançar o papagaio de estimação em um galho de mangueira, ela “tratou de correr como pôde com o peso invencível da idade” (García Márquez, 1985/2003, p.59).

No romance também encontramos o interessante atrito que surge entre Fermina Daza e o marido quando no decorrer dos anos de casamento ele começa a sujar as bordas do vaso sanitário ao urinar. O doutor Urbino explica para a esposa com argumentos didáticos que não se tratava de um descuido seu, mas, de uma característica orgânica associada à idade avançada:

Seu manancial de jovem era tão definido e direto que no colégio tinha ganho torneios de pontaria para encher garrafas, mas com os desgastes da idade não só foi decaindo como se tornou oblíquo, se ramificava, se tornando por fim um jorro de fantasia impossível de dirigir, apesar dos muitos esforços que ele fazia para endereçá-lo (García Márquez, 1985/2003, p.43).

O doutor Urbino passa, então, a contribuir para a paz conjugal secando com papel higiênico as bordas do sanitário após usá-lo, um gesto que, para ele, era mais de humilhação do que de humildade. No entanto, já às vésperas da velhice, esse embaraço fisiológico inspira o doutor Urbino que soluciona essa questão urinando sentado, assim como a esposa. Essa solução encontrada pelo personagem, além de resolver o conflito conjugal, o deixava em estado de graça.

Outro aspecto relevante se relaciona aos transtornos de memória associados ao envelhecimento. Segundo Gutmann (2005a), em *Possibilidades de intervención frente a los transtornos de memoria asociados a la edad*, a memória é de fundamental importância para

constituição da identidade das pessoas, bem como para a construção e manutenção dos relacionamentos interpessoais. A memória é de grande relevância para o conhecimento do passado, para a interpretação do presente e para a reflexão sobre o futuro. Dessa forma, déficits de memória, leves ou não, interferem significativamente na vida pessoal e profissional das pessoas. Acreditamos que perdas de memória na velhice podem constituir relevante fonte de sofrimento nessa fase da vida, tanto para o idoso, quanto para familiares e pessoas mais próximas.

O doutor Urbino buscava fazer notas rápidas em papéis para reparar as falhas mnêmicas cada vez mais freqüentes. Embora tenha lutado para lidar com essas falhas de memória, seus esforços acabaram vencidos pela idade. Frequentemente, o doutor se esquecia do significado das notas que trazia em seus bolsos e “percorria a casa procurando os óculos que tinha no nariz, tornava a dar a volta à chave depois de trancar a porta, e perdia o fio da leitura por esquecer as premissas dos argumentos ou filiação dos personagens” (García Márquez, 1985/2003, p.56). O mais difícil para ele, no entanto, era lidar com a progressiva desconfiança que desenvolveu da própria razão, acabando por temer a perda do sentido de justiça.

Além disso, tinha seu potencial de concentração diminuído a cada ano, de forma que chegou ao ponto de precisar tomar notas em um papel, para cada nova jogada de xadrez que fazia. Desse modo, tinha como finalidade saber para onde dirigia as peças. O esquecimento dos nomes das pessoas, mesmo daquelas muito próximas, também se mostrou uma angustiante realidade para ele com o avançar da idade. O esforço para lembrá-los consistia para ele numa verdadeira luta contra a velhice.

Ainda com referência às falhas de memória na velhice, a personagem Fermina Daza, por sua vez, experimenta as primeiras auras da velhice quando identifica transformações importantes em sua memória. Para a personagem, as lembranças recentes passaram a se

confundir com frequência em sua memória pouco tempo após a experiência vivida. As recordações antigas, contudo, se evidenciavam com grande nitidez e clareza em sua memória, parecendo referir-se a momentos vividos ontem. A nitidez das lembranças antigas era, no entanto, acompanhada de forma perversa pela saudade.

Em *Memórias de minhas putas tristes*, o protagonista percebe déficits em sua memória por volta dos cinquenta anos. Acaba por reconhecer o espanto dos amigos e o cuidado em não avisá-lo quando ele narrava a mesma história mais de uma vez. Houve um dia no qual, por esquecimento, tomou o desjejum duas vezes. A dificuldade em se lembrar dos nomes das pessoas também se evidenciou, de modo que, muitas vezes, ao ver um rosto conhecido, não conseguia encontrar na memória o nome correspondente, apesar de todos os esforços nesse sentido.

Pikunas (1979), no livro *Desenvolvimento humano*, destaca a velhice como uma fase do desenvolvimento humano caracterizada por um declínio gradual que se acelera com o avançar da idade e faz com que as pessoas desenvolvam maiores vulnerabilidades orgânicas e desempenhos inferiores. O autor ressalta a velhice como um estágio avançado da vida adulta caracterizado por perdas que progressivamente são evidenciadas com maior clareza. Acreditamos que o referido autor privilegia a dimensão das perdas associadas à velhice como o atributo mais marcante dessa fase do desenvolvimento humano. Ademais, argumenta que a morte se sucede ao declínio relacionado ao envelhecimento.

A literatura pertinente ao estudo do envelhecimento revela diversas perdas orgânicas características e esperadas na velhice. As perdas relacionadas a diferentes esferas da vida e vividas com frequência na velhice são também ressaltadas e discutidas. Nesse sentido, Bromberg (2000), argumenta e discute que, na sociedade atual, o idoso tende a enfrentar com maior intensidade as perdas frequentemente associadas ao processo de envelhecimento do que os ganhos relacionados à velhice como, por exemplo, a maturidade e serenidade da

experiência. Acrescenta que as perdas relacionadas ao envelhecimento atingem as esferas fisiológica, social e financeira. A dimensão psicológica é entrelaçada por todas as outras e está marcadamente relacionada à forma como a velhice, suas perdas e conquistas, são significadas pelo sujeito que envelhece.

### **3.4. O fim das relações de trabalho e a morte dos companheiros**

A aposentadoria é constantemente vivida como uma grande perda pelo idoso, podendo acarretar dramáticas conseqüências para a família e em especial para o aposentado. É comum que aposentadoria implique na redução do contato com amigos e colegas de trabalho. Também a diminuição dos rendimentos pode estar associada à aposentadoria, trazendo novas limitações nessa etapa da vida. A possibilidade de ser produtivo é, de forma implícita, podada. Por meio da aposentadoria, diferentes perdas podem vir a ser vividas pelo idoso como, por exemplo, a perda de status social e até mesmo de identidade profissional. A perda de recursos financeiros está, ainda, atrelada a exacerbação de problemas, tais como a solidão e as dificuldades de ajustamento a um novo papel. Assim, para muitos idosos, o período entre a aposentadoria e a morte pode não oferecer possibilidades de novas construções e produções (Bromberg, 2000).

Em *O amor nos tempos do cólera*, o doutor Urbino, aos oitenta e um anos, se recusava a se aposentar. No entanto, estava plenamente consciente de que era solicitado apenas para atender aos pacientes cuja situação clínica já era considerada como perdida ou impossível de ser contornada. Entretanto, o médico acreditava que o atendimento de casos aparentemente perdidos poderia ser considerado como uma forma de especialização médica. O doutor Urbino seguiu, então, em sua rotina profissional até o dia de sua morte. Apesar de ser chamado para atender apenas a casos vistos como perdidos, o doutor Urbino ainda era consultado por alunos antigos, uma vez que esses reconheciam que ele tinha o chamado “olho clínico”. Dessa forma,

o médico tinha sua experiência profissional acumulada valorizada em seu meio social quando era requisitado a ajudar seus antigos alunos.

Paradoxalmente, o doutor Urbino também era, a nosso ver, profissionalmente desqualificado em seu meio social. Envelheceu e apenas era demandado a atender os pacientes que já não tinham muitas alternativas de tratamento médico. Compreendemos que o médico era visto como experiente e, ao mesmo tempo, antigo ou ultrapassado. Isso parece ocorrer freqüentemente com pessoas que continuam a trabalhar mesmo quando já apresentam a idade mínima para requerer aposentadoria. Na sociedade contemporânea, com a velocidade com que as informações novas são difundidas, a experiência profissional acumulada pode vir a ser mais desvalorizada.

Outro personagem da ficção que oferece subsídios para pensarmos a aposentadoria e o fim das relações de trabalho como um momento de grande perda para o idoso é o *Rei Lear*, de Shakespeare, já apresentado anteriormente. Ao deixar de desempenhar suas funções como rei, Lear vivencia o desencadeamento de diversas perdas. Tratam-se de perdas financeiras e de perdas relacionadas ao conforto. As perdas relacionadas aos relacionamentos interpessoais nos parecem igualmente dramáticas. Destituído, Lear passa a ser visto como inútil e incapaz. As filhas herdeiras que tratavam o rei com aparente respeito e admiração, agora desdenham dele.

Outra dimensão de perda freqüente e dolorosa na velhice é a morte real de amigos, colegas e familiares. Bromberg (2000) destaca que a perda do companheiro ou companheira costuma trazer sofrimento intenso para o idoso e configura-se como uma das piores perdas experimentadas na velhice. Pode, inclusive, catalisar e acelerar a experiência de outras perdas relacionadas ao processo de envelhecimento.

No romance abordado, o doutor Urbino constata, em seu processo de envelhecimento, que mesmo as pessoas mais velhas não eram mais velhas do que ele. Ademais, se dá conta de



que, nos retratos de grupo de sua geração, ele era o único que continuava a viver. Dessa forma, o doutor Urbino sobreviveu aos amigos e viveu, possivelmente, o processo de luto em repetidas ocasiões que lhe evidenciaram a própria velhice e finitude.

Quando o próprio doutor Urbino morreu, ao cair de uma escada, tentando apanhar seu papagaio de estimação no galho da mangueira, ainda conseguiu olhar mais uma vez para sua companheira de cinquenta anos de vida em comum e, em meio às lágrimas “da dor que jamais se repetiria de morrer sem ela, e a olhou pela última vez para todo o sempre com os mais luminosos, mais tristes e mais agradecidos olhos que ela jamais vira no rosto dele” (García Márquez, 1985/2003, p.59), viveu a grande dor de morrer e deixar a companheira de toda a vida.

Na passagem acima, Gabriel García Márquez nos ensina que também pode ser imensurável a dor da perda e da separação para quem morre. Para o doutor Urbino, consistia no temor da solidão, com a qual acreditava que a esposa iria ter que conviver após a sua morte. Conforme teme, Fermina Daza, sua esposa, passa a vivenciar a dor e a solidão da viuvez. No romance, há relatos do profundo sentimento de desamparo que experimentou em seus primeiros instantes de viúva. E chorou muito, chorou pela perda do esposo, mas também, pela solidão que estava experienciando. Chorou por ele e por ela mesma. Havia, afinal, dormido sozinha poucas vezes desde que deixara de ser virgem na viagem de núpcias.

Na noite em que perdeu o esposo, implorou a Deus, enquanto dormia, para que ela também morresse. Conseguiu dormir em sua primeira noite de viúva, mas sentindo a falta do contrapeso do corpo do companheiro na outra margem da cama. A dor persistiu intensa por longo período:

Não podia afugentar um recôndito sentimento de rancor contra o marido por havê-la deixado só no meio do oceano. Tudo o que era dele a fazia chorar: o pijama debaixo do travesseiro, os chinelos que sempre lhe pareceram de doente, a recordação de sua imagem se despidendo no fundo do espelho

enquanto ela se penteava para dormir, o cheiro de sua pele que havia de persistir na dela muito tempo depois da morte. Parava no meio de qualquer coisa que estivesse fazendo e dava um tapinha na própria testa, porque de repente se lembrava de alguma coisa que esquecera de lhe dizer. A cada instante lhe vinham à mente as tantas perguntas cotidianas que só ele podia responder. Certa vez ele dissera algo que ela não podia conceber: os amputados sentem dores, câibras, cócegas, na perna que não têm mais. Assim se sentia ela sem ele, sentindo que ele estava onde não mais se encontrava (García Márquez, 1985/2003, p. 346).

Para Fermina Daza, a perda do marido foi sentida como a perda de uma parte de si mesma que de alguma forma parecia presente, apesar da ausência. Seu cotidiano, sua rotinas e seus comportamentos pareciam inundados pela saudade e pelo desamparo após a morte do companheiro de mais de meio século de vida em comum. Sentar-se à mesa de refeições, dormir na cama compartilhada e deparar-se com objetos e situações que lhe remetiam ao marido constituíram penosas tarefas em sua viuvez. Chegou a se abalar com o seguinte pensamento: “As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas” (García Márquez, 1985/2003, p. 69).

### **3.5. A velhice entre a sabedoria madura e a ingenuidade infantil**

As perdas vivenciadas no processo de envelhecimento permitem, a nosso ver e conforme sugere a obra de Gabriel García Márquez, uma melhor compreensão da possível e recorrente associação da velhice com a infância e a ingenuidade e inocência que lhe são peculiares. Nesse contexto, a velhice pode ser imaginada como um doloroso e lento retorno à infância ou, ainda, como uma feliz e tranqüila volta às primeiras fases do desenvolvimento humano. Essa concepção nos parece se constituir e apresentar como essência a crescente dependência e necessidade de cuidados especiais que é constatada em diversos casos em pessoas mais idosas. Parece-nos que as perdas vividas na velhice favorecem essa associação imaginária do sujeito idoso com a criança.

Em *O amor nos tempos do cólera*, Fermina Daza constata, aos poucos, as perdas vividas no envelhecimento em seu marido. Acaba por atrelá-las, imageticamente, à infância, conforme revela a seguinte passagem:

Tinha ido descobrindo aos poucos a insegurança dos passos do marido, seus transtornos de humor, as fissuras de sua memória, seu costume recente de soluçar durante o sono, mas não os identificou como os sinais inequívocos do oxido final e sim como uma volta feliz à infância. Por isso não o tratava como a um ancião difícil e sim como a um menino senil, e esse engano foi providencial para ambos porque os pôs a salvo da compaixão (García Márquez, 1985/2003, p. 39).

Fermina Daza identifica as perdas vivenciadas ao longo do processo de envelhecimento de seu marido não como indícios da proximidade da morte, nem como sinais da idade avançada, mas como um retorno afortunado à infância. Essa identificação parece benéfica para ela e, também, para o doutor Urbino, vez que evita o sentimento de compaixão diante da dor da experiência das perdas progressivamente constatadas por ambos. Ademais, desde que o marido sofreu uma queda no banheiro que poderia ter lhe custado a vida na idade em que estava, Fermina Daza dava banho no marido, reproduzindo o mesmo ritual que fazia com os filhos recém-nascidos. Após o banho, ajudava o marido a se vestir. Se recordava de que, inicialmente, o ajudava por amor, mas que há aproximadamente cinco anos o ajudava a se vestir porque ele já não conseguiria fazê-lo sozinho.

O doutor Juvenal Urbino, aos oitenta e um anos de idade, compreende no romance que não havia candura, ou seja, inocência ou pureza, mais perigosa que a da sua idade. Assim, nessa passagem, a velhice aparece para o personagem atrelada à ingenuidade. Essa associação imaginária parece evidenciar, ainda, uma maior vulnerabilidade e necessidade de cuidados muitas vezes relacionados a essa fase da vida.

Além dessas referências presentes em *O amor nos tempos do cólera*, constatamos, em *Memórias de minhas putas tristes*, essa ligação imaginária da velhice com a infância no

momento em que o protagonista reencontra Rosa Barcas, dona da casa clandestina com a qual não se encontrava há cerca de vinte anos. Constata que sua pele lhe parecia acanelada e sua voz aveludada de tal forma que “parecia uma menina velha” (García Márquez, 2005, p.27).

Erasmus de Rotterdam (1511/1979) em *Elogio da loucura*, também destaca a associação imaginária da velhice com a infância. Ressalta e sustenta o seguinte provérbio: “Os velhos são duas vezes crianças”. A velhice implica, para o pensador, na libertação de aflições, ou seja, na isenção de aborrecimentos e inquietações tal como ocorre na infância. No entanto, defende ser a velhice uma fase da vida ainda mais feliz do que a infância:

[...] a felicidade da velhice supera a da meninice. Não se pode negar que a infância é muito feliz; mas, nessa idade, não se tem o prazer de tagarelar, de resmungar por trás de todos, como fazem os velhos, prazer que constitui o principal condimento da vida. Outra prova do meu confronto é a recíproca inclinação que se nota nos velhos e nos meninos, e o instinto que os leva a manterem entre si boas relações. Assim é que se verifica *que todo semelhante ama o seu semelhante* (Rotterdam, 1511/1979, p. 20).

Para Erasmo de Rotterdam, a velhice e a infância constituem etapas da vida que se aproximam. É nesse contexto que, para ele, velhos e meninos tendem a se relacionar bem e apresentar afinidades. O pensador destaca, ainda, pontos de encontro nesses momentos diversos do desenvolvimento humano:

De fato, essas duas idades têm uma grande relação entre si, e não vejo nelas outra diferença senão as rugas da velhice e a porção de carnavais que os primeiros têm sobre a corcunda. Quanto ao mais, a brancura dos cabelos, a falta dos dentes, o abandono do corpo, o balbucio, a garrulice, as asneiras, a falta de memória, a irreflexão, numa palavra, tudo coincide nas duas idades. Enfim, quanto mais entra na velhice, tanto mais se aproxima o homem da infância, a tal ponto que sai deste mundo como as crianças, sem desejar a vida e sem temer a morte (Rotterdam, 1511/1979, p. 20).

Para o referido autor, a infância e a velhice compartilham semelhanças e apresentam poucas diferenças. Assim, evidencia características físicas e comportamentos comuns a essas duas fases da vida que seriam, ainda, as mais felizes. Para Erasmo de Rotterdam, a aproximação da velhice e da infância não constitui essencialmente uma questão dolorosa, mas, ao contrário, é significada de forma positiva uma vez que se relaciona à desobrigação de inquietações e à felicidade e prazeres.

Apesar do imaginário sobre a velhice como um retorno à infância e a sua peculiar inocência, é importante ressaltar que, imaginariamente, a velhice é associada também à sabedoria e à experiência de vida. Nesse sentido, Beauvoir (1976) sustenta que a velhice é vista socialmente de forma sublimada e estereotipada. Assim, destaca que a sabedoria e a experiência são atributos comumente associados à pessoa idosa na sociedade.

O idoso é, portanto, representado como sendo um sábio e conhecedor da vida em suas adversidades e alegrias, ou seja, é visto como alguém que tem algo importante a dizer para os mais jovens. No entanto, Beauvoir esclarece que essa associação da velhice com a sabedoria e a experiência de vida muitas vezes pode implicar na cobrança social de que todas as pessoas mais velhas se comportem de acordo com essa concepção em todos os momentos da vida:

Os velhos provocam escândalo quando manifestam os mesmos desejos, sentimentos e reivindicações dos jovens; o amor e o ciúme, neles, parecem ridículos ou odiosos, a sexualidade é repugnante, a violência derrisória. Têm a obrigação de dar exemplos de todas as virtudes. Acima de tudo, deles se exige serenidade: afirma-se que a possuem e isto autoriza um desinteresse pelo seu infortúnio (Beauvoir, 1976, p. 8).

A autora esclarece que, ao se atribuir a sabedoria aos idosos, pressupõe-se, com frequência, que eles podem resolver sozinhos seus problemas e responder às próprias demandas. O desinteresse e abandono das pessoas em idade avançada ganha respaldo e se

explica socialmente. O desejo, o amor, a paixão, o sexo e muitas emoções intensas e próprias do homem são consideradas, na sociedade, como manifestações avessas à sabedoria e, portanto, inesperadas na velhice e até mesmo impróprias aos idosos. Por fim, Beauvoir (1976) acrescenta que os idosos, ao fugirem da imagem de sábios, também podem ser vistos na sociedade como doidos, caducos e decrépitos. Dessa forma, a sociedade acaba por, de ambas as formas, segregar o velho. Os idosos acabam sendo vistos e representados de forma apartada dos outros homens.

Para Jeremiah de Saint-Amour, personagem de *O amor nos tempo do cólera*, a velhice constituía subjetivamente um destino insuportável e indigno. Para ele, a morte prematura aos sessenta anos configurou-se no antídoto possível à velhice. Suicidou-se para não ser velho. Perguntamos-nos se a concepção que levou Jeremiah de Saint-Amour a essa irrevogável decisão não foi o imaginário predominantemente negativo e socialmente construído que é associado à velhice.

Embora outros personagens do romance vivam a velhice de formas diversas, constatamos que alguns deles procuram e se empenham, de alguma forma, em adiar ou remediar essa fase da vida. Assim, Florentino Ariza optou por um grande dispêndio de recursos financeiros para que os outros não percebessem sua verdadeira idade aos setenta e seis anos. Desejava aparentar mais jovem e, para tanto, também dedicou muito de sua força de vontade e engenho. Já o doutor Urbino, embora tenha evitado receitar paliativos para a velhice em sua atuação como médico, fazia uso próprio desses paliativos com grande frequência. Fazia às escondidas porque, para ele, as dores do envelhecimento não eram facilmente suportadas.

Apesar de considerarmos importante o entendimento e consideração das perdas associadas à velhice, sejam essas referentes à dimensão fisiológica, social, psicológica ou financeira, acreditamos que a velhice e o processo de envelhecimento não podem ser

reduzidos a essas perdas. Acreditamos ser imprescindível uma abordagem que busque abarcar melhor a complexidade do fenômeno do envelhecimento em suas perdas e lutos, mas também em seus ganhos, conquistas e possibilidades de resignificação.

## Capítulo 4:

### O IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE A VELHICE

*Desejo que você, sendo jovem,  
Não amadureça depressa demais,  
E que sendo maduro, não insista em rejuvenescer  
E que sendo velho, não se dedique ao desespero.  
Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor e  
É preciso deixar que eles escorram por entre nós.*

*Vitor Hugo*

Neste capítulo, apresentamos e discutimos alguns conceitos e formulações teóricas relevantes sobre o imaginário social acerca da velhice. É adotado um olhar psicológico que, no entanto, preserva um profundo diálogo com outras disciplinas e autores das humanidades cujas contribuições auxiliam para uma melhor compreensão da complexidade do processo de envelhecimento e suas conseqüentes perdas na sociedade contemporânea. Num primeiro momento, destacaremos brevemente nosso entendimento sobre imaginário social, em seguida identificando algumas elaborações teóricas sobre subjetividade individual e subjetividade social. Posteriormente, são abordados preconceitos freqüentemente associados à velhice numa perspectiva psicanalítica, com destaque aos mecanismos de defesa do ego envolvidos na análise do fenômeno.

Diaz (1996, citado por Pechula, 2007) entende por imaginário social o complexo emaranhado de relações que envolvem as práticas e discursos construídos socialmente. O imaginário social é constituído, a seu ver, por modelos socialmente compartilhados, concebidos a partir de coincidências valorativas das pessoas. Essas coincidências individuais de valores convergem em padronizações sociais, ou seja, num imaginário socializado. A autora ressalta que essas relações construídas em coletividade impactam as distintas esferas da sociedade e o imaginário constituído permanece presente em todas as instituições e instâncias



sociais. Por meio do conhecimento do imaginário social torna-se possível, portanto, uma melhor identificação e compreensão de determinados comportamentos adotados pelas pessoas, como aqueles considerados comportamentos desejados, ideais ou modelos a serem seguidos na vida em sociedade.

Nesse contexto, acreditamos que, por outro lado, as discussões sobre o imaginário social também nos permitem um melhor entendimento sobre os comportamentos, características e qualidades socialmente consideradas indesejadas e/ou sujeitas a críticas e recriminações. O imaginário social reflete crenças e valores compartilhados pelos membros de uma sociedade e nos permite conhecê-la com maior profundidade, conforme abaixo defendido por Diaz:

É o mecanismo que nos permite compreender as condutas das pessoas que aspiram certos ideais ou modelos, considerados dignos de serem seguidos. Esses modelos constituem, então, os seus paradigmas reguladores. No entanto, o valor concebido imagetivamente é, ao mesmo tempo, individual e social. Dessa forma, ‘as idéias reguladoras, como idéias que são’, existem tanto na imaginação individual quanto no imaginário coletivo e ‘produzem materialidade, quer dizer, efeitos na realidade [...] O imaginário coletivo, então, é fruto dos valores conhecidos e compartilhados numa determinada época. Funciona como parâmetros das condutas, das palavras e das expectativas (1996, citado por Pechula, 2007, p.4).

Diante do exposto, e por acreditarmos que esse imaginário social delinea processos subjetivos individuais e reflete uma subjetividade que é socialmente partilhada, destacaremos a seguir algumas considerações conceituais sobre esse fenômeno. Optamos, portanto, por focar os conceitos de subjetividade social e subjetividade individual por possibilitarem também um amplo e indispensável diálogo para a compreensão das intrincadas dimensões individual e social do imaginário. Essa escolha, além de necessária por encontrar embasamento numa grande diversidade de referenciais teóricos e científicos de distintas áreas

de conhecimento das humanidades, permite também um olhar profundo e notadamente psicológico sobre o fenômeno do imaginário social com relação ao processo de envelhecimento e as perdas a ele relacionadas.

#### **4.1. O conceito de subjetividade para a compreensão do imaginário**

Uma contribuição importante para a compreensão do imaginário social sobre as perdas associadas ao envelhecimento é fornecida também por teóricos da subjetividade. O imaginário social é entendido a partir da conceituação de subjetividade social como uma construção coletiva. A subjetividade se constitui em níveis social e individual fortemente intrincados e não podendo ser considerados isoladamente. Ambos os níveis são essenciais para a compreensão do imaginário social.

A subjetividade corresponde a um nível de desenvolvimento da psique que não responde a uma ordem estritamente biológica e instintiva, mas passa a corresponder a uma dimensão simbólica, social e cultural complexa. A subjetividade presente nos seres humanos os diferencia qualitativamente dos animais, que são movidos por processos psíquicos automáticos. Significa que subjetividade é um atributo do homem que lhe proporciona a vivência e a experiência simbólica e cultural.

Em seu livro *O Social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*, Rey (2004) ressalta que a categoria subjetividade proporciona a compreensão de diversas possibilidades de produção psíquica que são específicas de cenários sociais e culturais. Assim, o subjetivo não pode ser entendido de forma apartada do contexto e da organização social. Pelo contrário, deve haver uma compreensão dialética das dimensões individual e social de sua construção:

A subjetividade é um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana e ela se define ontologicamente como diferente dos elementos sociais, biológicos,

ecológicos e de qualquer outro tipo, relacionados entre si no complexo processo de seu desenvolvimento (Rey, 2002, p.36).

Por sentido subjetivo, o referido autor entende não apenas as produções simbólicas, mas também as emoções, constituindo esses dois domínios uma unidade impossível de ser fragmentada (Rey, 2003). Não é possível compreender subjetividade em sua plenitude sem levarmos concomitantemente em consideração o potencial tanto simbólico como emotivo do homem. A subjetividade envolve, portanto, não apenas aspectos simbólicos e cognitivos, mas também as emocionalidades.

O desenvolvimento psíquico humano e a cultura se relacionam de forma complexa e intrínseca, constituindo uma vinculação cujo entendimento deve considerar também as suas diferenças, contradições e sua inerente indissociabilidade. Estamos nos apoiando, portanto, em um posicionamento dialógico e discursivo que permite o reconhecimento do caráter complexo da subjetividade humana. A subjetividade é complexa também por ser concebida como um processo ou uma construção determinada por múltiplos fatores.

Outro aspecto importante a ser considerado se refere à flexibilidade e à versatilidade como atributos da subjetividade. O homem é capaz de produzir processos culturais que transformam seu modo de vida, o que leva à reconstituição da subjetividade social e individual (Rey, 2002). A perspectiva apresentada leva em consideração o dinamismo dos processos subjetivos. A nosso ver, tratam-se de atributos positivos, uma vez que possibilitam transformações e reconstituições dos processos de subjetivação.

Enquanto conceito, pode-ser afirmar que a subjetividade individual é constituída pelos processos subjetivos que se dão em histórias diferenciadas de sujeitos singulares. A subjetividade individual se constitui pela particularidade da história de cada pessoa (Rey, 2004). No entanto, os processos de subjetivação individual estão sempre articulados com os sistemas de relações sociais. Eles encontram um momento de expressão no nível individual e

outro momento no nível social, ambos gerando conseqüências diferentes, que se integram em dois sistemas da própria tensão recíproca em que coexistem, quais sejam, a subjetividade social e a individual (Rey, 2003).

Por sua vez, compreende-se a subjetividade social como o produto de processos de significação e também de sentido que constituem cenários da vida social. Esses processos formatam os meios e os contextos nos quais as pessoas vivem, caracterizando os sistemas de relações sociais. Assim, a subjetividade social também é compreendida como um sistema complexo cuja concepção acontece tanto em um nível individual, quanto social. Dessa forma, o indivíduo é ao mesmo tempo construtor da subjetividade social e construído nessa esfera, conforme destaca Rey:

A subjetividade social não é uma abstração, é o resultado de processos de significação e sentido que caracterizam todos os cenários de constituição da vida social, e que delimitam e sustentam os espaços sociais em que vivem os indivíduos, por meio da própria perpetuação dos significados e sentidos que os caracterizam dentro do sistema de relações em que eles atuam e desenvolvem (Rey, 2003, p. 206).

Em conformidade com o exposto, compreendemos que as categorias subjetividade social e subjetividade individual parecem contribuir para pôr um fim à suposta dicotomia indivíduo versus sociedade. Nesse contexto, o sujeito é abordado como escultor da subjetividade social, mas também como esculpido pela mesma. As esferas sociais e individuais se constroem mutuamente. Acreditamos, portanto, que não há um determinismo linear social sobre a subjetividade individual e o que percebemos é um processo de integração mútua.

A relação entre subjetividade social e individual se evidencia na medida em que a condição de sujeito individual se define somente dentro do tecido social em que vive. É a partir da inserção do homem na sociedade e cultura que sua personalidade se constrói. Os

processos de subjetividade individual são um momento da subjetividade social. Contudo, um fenômeno não se dilui e não se confunde com o outro.

Ainda em relação à importância de integração das dimensões social e individual da subjetividade, Neubern (2004) destaca, com base no pensamento de Edgar Morin, que a compreensão da dialógica entre o todo e as partes constitui um grande desafio em diferentes áreas do conhecimento. No caso da clínica psicológica, uma abordagem reducionista dessa relação pode levar à fragmentação do sujeito, de forma que o conhecimento se construiria de forma distorcida. Acreditamos, portanto, ser essencial para a psicologia clínica o reconhecimento dos elementos culturais, bem como de sua complexa relação com as subjetividades individual e social.

Nesse sentido, percebemos o imaginário social sobre a velhice como uma construção subjetiva cujas origens, expressões e impactos se encontram em ambos os níveis social e individual. Conseqüentemente, os entendimentos e emoções que o sujeito tem relacionados à velhice são construções que lhe proporcionam entrar em contato com o mundo em que vive e também atuar nesse mundo. O sujeito que envelhece exerce um papel ativo no próprio processo de envelhecimento que, apesar de ser socialmente delimitado, configura-se de forma muito particular para cada pessoa. Compreendemos, portanto, o homem como sujeito que ao longo da vida e permanência em sociedade participa de seu envelhecimento.

#### **4.2. Preconceitos, velhice e mecanismos de defesa do ego**

Assim como a análise de elementos teóricos da subjetividade é importante para a compreensão do imaginário social, a identificação de preconceitos presentes e recorrentes em uma determinada sociedade constitui valiosa contribuição para o conhecimento dos processos subjetivos que perpassam, especificamente, o imaginário social sobre a velhice. Em *La vejez: una mirada gerontológica actual*, Leopoldo Salvarezza, psicanalista e importante

referência internacional em psicogerontologia, defende que a compreensão da velhice e do imaginário social que a perpassa envolve, necessariamente, o conhecimento e a discussão dos preconceitos relacionados ao processo de envelhecimento e ao idoso:

Creo que tenemos que considerar al imaginário social como una construcción colectiva, más o menos arraigada en vastos sectores sociales pero no en todos, y dentro del cual tienen un lugar preponderante los prejuicios, es decir aquella categoría de pensamientos y/o creencias que no han sido adecuadamente procesadas a partir de conocimientos científicamente comprobables. Aunque la estructura del imaginário social es siempre la misma, la forma que este adquiere en relación con las distintas temáticas estará determinada por los elementos subjetivos que se ponen en juego frente a estas últimas (Salvarezza, 2005b, p. 28).

Como a própria palavra sugere, preconceito se refere a uma idéia pré-concebida, a um conceito formado prematuramente, ou seja, de forma precoce. Segundo Buarque de Hollanda (1999), preconceito é definido como “conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida; julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste; prejuízo; superstição, credice”. No entanto, também pode ser compreendido, segundo entendimento do referido autor, como “suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, etc.”. Assim, conforme a própria significação nos aponta, o preconceito não deixa espaço para o contraditório, não tendo, dessa forma, consistência científica. Além disso, pode ser pensado como uma crença com prováveis implicações negativas para a vida em sociedade.

Na mesma direção, Allport (1963) explica, em pioneiro estudo intitulado *A natureza do preconceito*, que o preconceito envolve uma aversão que se baseia unicamente em uma generalização equivocada e rígida. Esclarece, ainda, que pode ser expresso publicamente ou ficar restrito aos sentimentos íntimos, sem serem expressos. Também ressalta que pode ser

orientado a uma única pessoa, por ser identificada como integrante de um determinado grupo ou, ainda, a um grupo específico.

Brown (1995, citado por Fernandes et al, 2007), por sua vez, destaca também outra relevante dimensão do preconceito que está além do sentimento de antipatia ou da construção de conceitos negativos associados a grupos ou indivíduos específicos. O preconceito, segundo o autor, também está profundamente relacionado ao comportamento de discriminação e segregação. Assim, podemos considerar que a construção dos preconceitos conduz à intolerância em relação às diferenças e constituem, portanto, potencial fonte de sofrimento para o homem:

Considera-se que os preconceitos se desenvolvem no interior dos processos de exclusão social e se modificam junto com estes, podendo ser definidos como uma forma de relação intergrupar onde, no quadro das relações de dominação entre grupos, desenvolvem-se e expressam-se atitudes negativas e depreciatórias, bem como comportamentos hostis e discriminatórios em relação a membros de um grupo, pelo fato de pertencerem a esse grupo (Fernandes et al, 2007).

Também é preciso destacar que existe uma dimensão de poder e dominação na temática dos preconceitos. Uma ideologia dominante e falaciosa, como pode se apresentar um preconceito, pode levar à exclusão e a perda de poder e de status de todo um grupo social. Reforçamos, portanto, que os preconceitos podem ter implicações subjetivas que levam ao sofrimento de pessoas e, também, de grupos inteiros. Os preconceitos atrelados à velhice numa sociedade, por exemplo, podem fornecer valiosos indícios da condição ou situação na qual se encontram os idosos em um determinado grupo ou cultura. Permitem indicar, dessa forma, se o idoso ocupa lugar privilegiado ou se sofre com a segregação e exclusão que acontecem quando estes preconceitos incluem idéias predominantemente negativas sobre o envelhecimento.

Salvarezza (2005b) afirma também que os idosos ocupam lugar de exclusão na sociedade. Eles são discriminados e segregados por atitudes que têm por base os preconceitos socialmente construídos e associados às pessoas idosas. Essas atitudes foram denominadas pelo psiquiatra Robert Butler, precursor e estudioso do tema, como *ageism* ou, em espanhol, conforme tradução de Salvarezza, *viejismo*. O termo se refere aos preconceitos associados à pessoa idosa em nossa cultura. Os preconceitos com o idoso podem, assim como todas as outras idéias pré-concebidas, permanecer na dimensão inconsciente ou consciente.

*Viejismo* se refere, portanto, a comportamentos edificados a partir de estereótipos sociais que, quando amplamente difundidos e usados de forma generalizada, estruturam os preconceitos. Tratam-se, no entanto, de comportamentos complexos e multideterminados, nos quais dimensões históricas, sociais, culturais, ideológicas e psicológicas precisam ser consideradas (Salvarezza, 2005b). É importante ressaltar que, nesse contexto, o fator que leva à discriminação e conseqüente exclusão do idoso é a idade avançada.

Em *Adultos mayores su psicoanálisis hoy*, Adduci (2004) nos ensina que a evitação da velhice na sociedade se dá desde um juízo prematuro a atitudes extremas de discriminação e segregação semelhantes às práticas de grupos racistas. Dessa forma, o preconceito contra o idoso pode levar a sua desumanização e conseqüente exclusão do meio social. O preconceito, portanto, perpassa o imaginário social sobre a velhice e não pode ser desconsiderado como sendo um fator primordial para a compreensão do envelhecimento.

De acordo com Salvarezza (2005b), os preconceitos são construções subjetivas que podem ter sido elaboradas de forma equivocada do ponto de vista consciente e cujos fundamentos são conteúdos subjetivos alicerçados em expectativas, desejos ou, ainda, em temores individuais. Ademais, constituem a intimidade do sujeito, sendo assim de difícil acesso, uma vez que o sujeito geralmente não os compartilha verbalmente com outras pessoas devido aos mecanismos de controle do ego. Argumenta, ainda, que apesar de serem conteúdos



freqüentemente ocultados, podem vir a ser explicitados no comportamento do sujeito. Os preconceitos, portanto, atuam sobre o sujeito, definindo pensamentos e também comportamentos.

Ainda que de forma inconsciente, os preconceitos têm importante impacto nos comportamentos e na vida social do sujeito. Não é pelo fato de estarem ausentes da consciência que eles não têm atuação. Sendo assim, constituem importante foco para a apreensão do imaginário social que cerca a velhice, bem como de processos subjetivos relacionados ao processo de envelhecimento.

Além disso, as atitudes discriminatórias em virtude apenas da velhice são apontadas por Salvarezza (2005b) como expressão da negação do processo de envelhecimento do próprio sujeito que segrega e em sua projeção naqueles que já estão velhos. Assim, a velhice é colocada como algo que acontece aos outros e que não acontece com a própria pessoa que discrimina. Trata-se, no entanto, de um sentimento fantasioso e falacioso, pois o processo de envelhecimento tem início muito cedo no homem. No entanto, o sujeito que discrimina os mais velhos pode acabar se tornando vítima de si mesmo quando vivencia mais fortemente o próprio envelhecimento. Ao agir e pensar dessa forma, o indivíduo pode encarar a própria velhice e o avançar da idade em outros indivíduos como algo terrivelmente sofrido e irreparável, fortalecendo assim todas as idéias errôneas que os preconceitos carregam.

É importante ressaltar que para o referido autor a velhice do próprio sujeito é negada quando há uma atitude de segregação. Segundo Laplanche e Pontalis, em seu *Vocabulário da Psicanálise*, a negação constitui, para Sigmund Freud, “a recusa da percepção de um fato que se impõe no mundo exterior” (2004, p. 293). Trata-se de um mecanismo de defesa do ego, uma forma específica de resistência definida pelos autores como o “processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalcado, continua a defender-se dele negando que lhe pertença” (2004, p. 293).

Em *O ego e os mecanismos de defesa*, Ana Freud (2006) apresenta, por sua vez, os mecanismos de defesa como, em sua essência, responsáveis por permitirem a segurança egóica e evitar que o ego experimente a “dor”. A autora afirma que essa “dor” pode ter origem interna ou, ainda, no mundo externo. Dessa forma, a negação pelo sujeito do próprio processo de envelhecimento pode ter por finalidade assegurar a integralidade do ego.

A projeção, assim como a negação, também constitui, segundo Laplanche e Pontalis (2004), um mecanismo de defesa do ego. No entanto, a projeção é caracterizada pela recusa ou desconhecimento pelo sujeito de desejos, sentimentos ou qualidades do próprio sujeito que são atribuídos – ou seja, projetados - em um outro, seja esse outro uma pessoa ou coisa. Caracteriza-se, então, pela atribuição a algo externo de algo que se recusa a conhecer em si mesmo ou, ainda, que se recusa a ser, conforme definição dos referidos autores:

No sentido propriamente psicanalítico, operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo “objetos” que ele desconhece ou recusa nele. Trata-se aqui de uma defesa de origem muito arcaica, que vamos encontrar em ação particularmente na paranóia, mas também em modos de pensar “normais”, como a superstição (Laplanche e Pontalis, 2004, p. 374).

Podemos concluir, conforme o exposto, que o sujeito que discrimina em função da idade avançada parece projetar no outro já velho os seus temores e os seus sentimentos relacionados ao próprio processo de envelhecimento. É possível pensarmos, dessa forma, os preconceitos a partir do entendimento da dinâmica psíquica do sujeito, enfocando os mecanismos de defesa do ego.

#### **4.3. Exclusão, doença e inatividade no imaginário sobre a velhice**

*Anões*, composição do poeta cubano Pablo Milanés, nos ajuda a melhor vislumbrar e compreender o imaginário social associado ao envelhecimento. Na canção, o sujeito, com o

passar dos anos, não reflete mais o amor como antes. As conversas, beijos e abraços são sempre permeados por razão. No lugar do amor, surgem sentimentos diversos que, como a própria canção indica, são muito menos passionais que os amores juvenis. O sujeito ganha ar mais conciliatório e sábio, conseguindo ser mais permissivo e conquistando harmonia. As horas vão passando, morrendo, e o sujeito as contempla à medida que a razão se impõe:

### Anões

*El tiempo pasa,  
nos vamos poniendo viejos  
y el amor no lo reflejo, como ayer.  
En cada conversación,  
cada beso, cada abrazo,  
se impone siempre un pedazo de razón.*

*Pasan los años,  
y cómo cambia lo que yo siento;  
lo que ayer era amor  
se va volviendo otro sentimiento.  
Porque años atrás  
tomar tu mano, robarte un beso,  
sin forzar un momento  
formaban parte de una verdad.*

*Vamos viviendo,  
viendo las horas, que van muriendo,  
las viejas discusiones se van perdiendo  
entre las razones.  
A todo dices que sí,  
a nada digo que no,  
para poder construir la tremenda armonía,  
que pone viejos, los corazones.*

Como veremos a seguir, na literatura pertinente sobre a velhice, essa fase da vida é com freqüência atrelada a generalizações estereotipadas que apontam a associação da velhice à sabedoria, que é vista com freqüência como uma virtude contemplativa. Já o amor e a paixão são representados como próprios da juventude e, portanto, distantes da velhice que constantemente é colocada como uma etapa onde o sujeito está fadado ao adoecimento e à morte.

Para Salvarezza (2005b), no livro *Psicogeriatría: teoría y clínica*, o velho é visto como “portador de una mala noticia”. A notícia é que “si tenemos tiempo todos vamos a ser viejos”. Ou seja, todos que não morrerem cedo serão, sem dúvida, velhos em um determinado momento. Essa é uma certeza inevitável que constitui uma importante razão para que os idosos sejam segregados e excluídos. Por trazerem uma notícia tão ameaçadora, é melhor que fiquem invisíveis e inalcançáveis aos sentidos. Assim, a ameaça fica ilusoriamente mais distante e perde intensidade.

Uma perversa dimensão das atitudes preconceituosas é que a vítima do preconceito é também, de alguma forma, culpabilizada por seus problemas. Assim, o idoso é socialmente responsabilizado por suas dificuldades e limitações. A discriminação é, dessa forma, alimentada e ganha proporções maiores. As diversas dimensões, de ordem econômica, social ou cultural, não são levadas em consideração. O idoso, então, tende a ser identificado como o sujeito culpado pelas adversidades que enfrenta, conforme destacado em Salvarezza (2005b).

Os preconceitos relacionados à velhice frequentemente têm como base uma suposta contraposição entre juventude e velhice. Assim, em diferentes aspectos, a velhice e a juventude são vistas como opostos extremos e não como diferentes momentos do desenvolvimento humano. Como exemplo disso, é possível assinalar que, se no imaginário socialmente construído o amor e a paixão pertencem à juventude, os mesmos estariam totalmente ausentes na velhice. Também a vitalidade é vista como atributo próprio da juventude, restando como consequência aos idosos apenas a passividade e a morte. E, por fim, destaca-se a associação da velhice com a doença, como desenvolveremos a seguir.

Quanto à capacidade de amar e se apaixonar como característica exclusiva dos jovens, na sociedade contemporânea o idoso parece não ser representado como capaz para o amor e as paixões. Essas características parecem ser vistas como inerentes ao jovem e são, conseqüentemente, negadas ao idoso. Salvarezza aponta que, a despeito de inúmeros

exemplos que demonstram a preservação do desejo e da capacidade para o amor na velhice, “...el imaginário popular, horrorizado com el fantasma de la vejez, de la própria vejez, transforma la realidad y la acomoda a sus deseos y temores” (2005a, p.32). Constrói-se, desse modo, uma subjetividade socialmente edificada e constituída de conteúdos e emoções predominantemente negativas e estereotipadas sobre o envelhecer. É nesse contexto que os preconceitos são consolidados e afetam profundamente a vida das pessoas podendo trazer, com freqüência, sofrimento e demandas clínicas importantes.

Em *O amor nos tempos do cólera*, o personagem Florentino Ariza, aos setenta e seis anos de idade, quase enlouquece de amor e desejo por América Vicuña, uma de suas tantas amantes que tinha apenas catorze anos. Seu amor por ela é descrito no romance como sendo febril e verdadeiro. Ela o amou igualmente. No entanto, os dois amantes não precisavam tomar maiores precauções para que outras pessoas não descobrissem o romance, dentre outros motivos, pelas idades extremas que os colocavam a salvo de qualquer suspeita. É possível a constatação de que, socialmente, Florentino Ariza, por ser considerado um ancião para a sociedade, não era visto como alguém que pudesse amar apaixonadamente uma pessoa de apenas catorze anos. Essa associação imaginária da velhice como sendo uma fase da vida onde o desejo, a paixão e o amor parecem esvanecer pode ter sido importante para que os dois personagens se amassem sem interferências.

Em outra passagem do romance, Florentino Ariza busca romper seu relacionamento com América Vicuña, comunicando a ela que vai se casar. Ela recebe a notícia com hesitação e sorri afirmando: “– Está brincando – disse – Os velhinhos não se casam”. Na ocasião, ela considerou absurda a possibilidade de que Florentino Ariza viesse a se casar e a esquecer completamente. No entanto, na medida em que ele agia como um homem que iria se casar, ela compreendeu que o casamento parecia ser uma possibilidade. Percebeu que ele se comportava “não como se tivesse sessenta anos mais e sim menos que ela” (García Márquez, 1985/2003,

p.365). O estranhamento da personagem com o anúncio do casamento de Florentino Ariza, então setuagenário, pode nos oferecer pistas da construção social imaginária da velhice como uma fase da vida em que o amor não parece estar mais presente.

Já para o doutor Juvenal Urbino, a velhice parece implicar na redução progressiva da disposição sexual, percepção que acreditamos ir ao encontro do que é, freqüentemente, imaginado socialmente. No entanto, essa constatação é significada pelo personagem de forma positiva. Assim, para ele, na velhice, “o único consolo, mesmo para quem, como ele, tinha sido um homem bom de cama, era a extinção lenta e piedosa no apetite venéreo: a paz sexual” (García Márquez, 1985/2003, p.56-57). Assim, podemos pensar que para o doutor Urbino o processo de envelhecimento se relacionava ao decréscimo da disposição sexual e isso consistia em um consolo e tranqüilidade que ele não vivenciou em outras fases da vida, ou seja, a aparente perda foi significada como um ganho, uma conquista, pelo personagem.

Cumming e Henry (1961, citado por Salvarezza, 2005b) desenvolveram uma teoria amplamente difundida e discutida que fortaleceu a ideologia errônea de que o amor e a paixão não são para os velhos. Segundo esses autores, à medida que o sujeito envelhece, tem seus interesses por atividades e objetos progressivamente reduzidos. De acordo com essa perspectiva, o envelhecimento levaria naturalmente à reclusão social. Assim, o isolamento do idoso é naturalizado pelos autores. No entanto, advertem que, apesar de investirem em poucos objetos, esses teriam um significado maior para o idoso.

Em oposição a essa perspectiva, Maddox (1963, citado por Salvarezza, 2005b) desenvolveu uma teoria na qual sustenta que os idosos não só podem se manter em atividade, mas, quando se encontrarem impedidos de desenvolver alguma atividade, devem procurar substituí-la por outra. Trata-se de uma linha de pensamento aparentemente mais aceita no meio acadêmico dos dias atuais. O imaginário social, porém, permanece fortemente sustentado e representado pela teoria de Cumming e Henry acima apresentada.

As duas correntes teóricas mencionadas acima foram e permanecem alvos de críticas no meio acadêmico, segundo Salvarezza (2005a). No entanto, ajudam a delinear a forma como o imaginário social dialoga com a produção científica, o que fica mais evidenciado no primeiro caso. Atualmente, diversos estudos têm apontado a importância e possibilidade do homem viver bem e com satisfação nas diferentes fases da vida, de acordo com as condições orgânicas que dispuser. Para tanto, é necessário, em todas as fases, um reconhecimento das limitações, sem desconsiderar a importância da valorização do potencial de cada um em momentos distintos.

É notável a redução da capacidade funcional orgânica no processo de envelhecimento. O declínio funcional característico do processo de envelhecimento humano não implica, contudo, na exclusão da capacidade do idoso para o amor e para a paixão. Acreditamos que o amor, a paixão e o sexo podem ser ressignificados e transformados nas diferentes fases da vida. Assim, não precisam ser extintos e sim vivenciados de acordo com a potencialidade e o sentido subjetivo único que adquirem para cada pessoa.

Nessa direção, Adduci (2004) ratifica o argumento de que a capacidade para o amor e sexo não se extinguem com a idade. O autor demonstra, a partir de um referencial psicanalítico, que a sexualidade se faz presente nas diferentes etapas do desenvolvimento psicosssexual humano. Acreditamos, portanto, que o homem busca a realização do desejo independentemente de sua idade cronológica e/ou condições orgânicas. Em todas as idades é possível vivenciar a vida com intensidade, prazer e desejo. Essa capacidade é preservada nas diferentes etapas da vida. Constata-se, assim, a presença de uma ideologia presente no imaginário da sociedade e que valoriza a juventude e suas características em detrimento de outras fases do desenvolvimento do homem.

Mori, Coelho e Estrela (2006) ressaltam que em sociedades onde o culto à juventude, à beleza e à saúde é constatado, o processo de envelhecimento é doloroso para as mulheres. As

transformações físicas vividas na velhice, sustentam as autoras, impactam a auto-imagem da mulher:

O corpo feminino se transforma. Rugas, perda da elasticidade da pele e da flexibilidade corporal, embranquecimento dos cabelos e ganho de peso sinalizam o inevitável envelhecimento, impactando a auto-imagem da mulher. Vivendo em sociedades que cultuam a juventude, a beleza e a saúde e que desvalorizam o idoso, é sem dúvida doloroso para a mulher enfrentar seu envelhecer (Mori, Coelho e Estrela, 2006, p.3).

Quando Florentino Ariza se reencontra com Prudência Pitre, muitos anos após os freqüentes encontros amorosos da juventude, os dois bebem, conversam e ele demonstra incômodo com o calor. Ela, então, sugere que ele retire o paletó e a roupa, se preferisse, para que pudesse se sentir melhor. Para ela, não havia problemas nisso uma vez que se conheciam mais nus do que vestidos. Ele responde que tiraria a roupa se ela fizesse o mesmo, mas ela não aceitou: “há tempos se vira no espelho do guarda-roupa, e tinha compreendido na hora que não tinha mais sentido deixar-se ver nua por ele ou por ninguém” (García Márquez, 1985/2003, p.355).

Depois desse reencontro, Florentino Ariza volta a visitá-la muitas vezes para demonstrar a ela que a amava apesar “dos estragos da idade”. Assim, as mudanças corporais vividas no envelhecimento parecem afetar a auto-imagem da personagem. O referido comportamento de Prudência Pitre parece refletir um imaginário socialmente construído que supervaloriza a beleza física juvenil e nega a beleza física na velhice. Essa associação da beleza física com a juventude parece impactar a vida afetiva e sexual da personagem.

Fermina Daza, em sua primeira noite de amor com Florentino Ariza, já idosos, pede a ele que não a olhe enquanto se despe. Indagada por ele sobre o motivo, responde: “Porque você não vai gostar” (García Márquez, 1985/2003, p.417). Ele, no entanto a olhou e:



Viu-a nua até a cintura, tal como a imaginara. Tinha os ombros enrugados, os seios caídos e as costelas forradas de um pelame pálido e frio como o de uma rã. Ela tapou o peito com a blusa que acabara de tirar, e apagou a luz. Ele então se refez e começou a se despir na escuridão (García Márquez, 1985/2003, p.417).

Nessa passagem do romance, Fermina Daza parece demonstrar ter sua auto-imagem afetada pelo envelhecimento. Ademais, o impacto na auto-imagem da personagem, relacionado às mudanças físicas esperadas na velhice, parece ter efeitos no encontro amoroso e sexual. Florentino Ariza, por sua vez, precisa se “refazer” após ver o corpo nu e envelhecido da amada.

A vitalidade também parece ser imaginada socialmente como atributo próprio de jovens. Vitalidade é uma palavra que se refere à vida, mas também à força vital, ao vigor e ao bom funcionamento das funções do organismo como um todo. Em contraposição, a morte está intensamente atrelada à velhice no imaginário social, como discutiremos com maior profundidade no próximo capítulo.

É imprescindível valorizar a vida e as possibilidades de bem-estar em todas as fases do desenvolvimento psicosssexual e orgânico do homem, conforme destaca Dourado:

Caso pudesse o sujeito admitir a transitoriedade das coisas, o envelhecimento haveria de se aliar não com a inquietude, o desalento, a dor e o medo, mas sim com a alegria do novo e com a afirmação do múltiplo. No entanto, envelhecer está normalmente conjugado com a impotência, declínio e morte (2000, p. 8).

Salvarezza (2005a, p. 36) aponta que “esta ideologia que desqualifica la vitalidad de la vejez y que atribuye los valores positivos de la vida a la juventud y que solo les deja a los vejos, como um colgajo, la posibilidad de una virtud contemplativa, passiva: la sabiduría”. De acordo com essa visão, apenas os jovens seriam ágeis, ativos, restando ao idoso unicamente as atitudes contemplativas e reflexivas.

Nesse sentido, Fermina Daza, já na velhice, recebe uma carta de Florentino Ariza contendo meditações sobre a vida, o amor, a velhice e a morte. Na carta, essas temáticas são abordadas de forma profunda e simples e lhe mostravam um Florentino Ariza que se colocava diferentemente das missivas febris da juventude. Tratava-se de carta de um velho sábio. Essa constatação a tranqüiliza e cativa. Por meio dessa passagem, podemos pensar a associação imaginária da velhice com a sabedoria retratada na obra de Gabriel García Márquez. São essas reflexões contidas na carta, aplicadas a sua experiência de vida, que auxiliam Fermina Daza na compreensão da própria experiência, permitindo que ela aceitasse, com serenidade e resignação, os imperativos do envelhecimento.

Quando o personagem Florentino Ariza se coloca de forma extremamente apaixonada na velhice, Fermina Daza, inicialmente, parece se irritar e se espantar. No entanto, quando ele demonstra amadurecimento e sabedoria por meio de suas cartas, ela se apazigua e parece sentir-se menos ameaçada, de forma que permite que ele se aproxime dela. Assim, a paixão, num primeiro momento, parece encontrar-se, para Fermina Daza, associada imagetivamente à juventude. A sabedoria comparece, nesse primeiro momento, atrelada à velhice.

No romance, quando os dois se encontram durante uma visita dele a ela e ambos se vêem exatamente como eram: “dois anciãos espreitados pela morte e sem nada em comum além das lembranças de um passado efêmero que já não era mais deles, mas de dois jovens que podiam ser seus netos” (García Márquez, 1985/2003 p.377). Fermina Daza se convence, assim, de que ele acabará reconhecendo a irrealidade de seu sonho de amor na idade em que se encontrava.

Em outra passagem, quando Florentino Ariza se remete ao amor deles na juventude, Fermina Daza volta a se irritar com ele e evita abordar essa questão. Irrita-se tanto com ele que cogita pedir que ele não volte mais a visitá-la. No entanto, a idéia de uma briga de noivos na idade e situação em que estavam lhe parece tão ridícula que lhe provoca um acesso de riso.

Fermina Daza acaba descobrindo, ao longo do romance, que a capacidade de amar e desejar estava presente nela mesma com grande potencialidade e beleza também em sua velhice. Ao permitir esse amor, sente-se retornando à vida.

Percebemos, assim, que no imaginário social, a sabedoria comparece associada à idade cronológica e ao envelhecimento. Sem dúvida, é uma perspectiva também generalizadora e estereotipada, mas bastante positiva associada ao envelhecer. No entanto, é preciso assinalar que é possível pensar diferentes conteúdos positivos associados à velhice e não apenas os que têm como base uma atitude estritamente contemplativa.

Outro aspecto a se levar em consideração diz respeito à velhice socialmente e culturalmente atrelada à idéia de doença. A velhice parece encontrar-se socialmente atrelada à idéia de debilidade física e incapacidade na sociedade. Dentro dessa perspectiva, o envelhecimento seria acompanhado por um aumento progressivo da vulnerabilidade do organismo. Assim, os idosos são vistos como pessoas que ficariam mais tempo em recuperação de enfermidades, teriam uma capacidade imunológica reduzida, sofreriam mais acidentes, além de residirem em grande número em casas geriátricas, permanecendo, dessa forma, excluídos do contato com a família e com a sociedade (Palmore, 1980, citado por Salvarezza, 2005b).

Em *O amor nos tempos do cólera*, vislumbramos a associação imaginária da velhice com a doença presente na cultura e na sociedade. O doutor Juvenal Urbino acreditava que a maior parte das doenças mortais tinha um cheiro que as caracterizava, mas o cheiro peculiar da velhice era o mais marcante para ele:

Por pura experiência, sem fundamento científico, o doutor Juvenal Urbino sabia que a maioria das doenças mortais tinha um cheiro próprio, e nenhum tão específico quanto o da velhice. Ele o sentia nos cadáveres abertos em canal na mesa de dissecação, reconhecia-o mesmo nos pacientes que melhor

disfarçavam a idade, e no suor da sua própria roupa e na respiração inerte de sua mulher adormecida.  
(García Márquez, 1985/2003, p.56)

Nessa passagem literária, a velhice comparece atrelada ao adoecimento. Ademais, o cheiro específico atribuído à velhice pelo personagem aparece relacionado ao cheiro das doenças mortais. A velhice comparece nesse trecho, portanto, associada ao adoecimento físico e também à morte. Ou seja, podemos pensar que, para o doutor Juvenal Urbino, a velhice era concebida como uma doença fatal.

De acordo com De Vitta (2000), em seu texto *Atividade física e bem-estar na velhice*, a probabilidade de adoecimento se torna mais elevada na velhice. Transformações orgânicas e psicológicas associadas ao envelhecimento podem favorecer o desenvolvimento de patologias. No entanto, ressaltamos que velhice não é igual a doença.

Salvarezza (2005a) argumenta que, frequentemente, as mudanças que são características do processo de envelhecimento são vistas pela sociedade e até pelo próprio sujeito que envelhece como sintomas de disfunções físicas. Ou seja, transformações naturais e até mesmo esperadas nessa fase do desenvolvimento humano são, com frequência, vistas como indícios de patologias. Dessa forma, há uma busca evidente por soluções farmacológicas, por exames precisos e possíveis terapias para diagnosticar e/ou tratar essas mudanças.

Dentro dessa perspectiva, que destoa de muitas pesquisas e dados estatísticos que demonstram que viver com qualidade de vida em todas as idades é possível, todos os que envelhecem estariam inevitavelmente fadados ao adoecimento. Há assim uma generalização que não deixa espaço para casos bem-sucedidos. Velhice e doença são apresentadas como inseparáveis. A velhice saudável é percebida, dessa forma, como sendo completamente impossível e inalcançável de acordo com essa elaboração, restando ao sujeito que envelhece a aceitação passiva e sem questionamento dessa premissa.

Conforme ilustramos com os exemplos acima, podemos perceber que a juventude é socialmente representada como uma etapa plena de sentido e de atributos desejados, enquanto a velhice assusta, aterroriza e, por consequência, deveria ser adiada e evitada ao máximo. O volume de produções culturais e artísticas nas quais se buscam uma suposta e ficcional “fonte da juventude” fortalece também esse argumento. O sujeito, à medida que envelhece, vivencia muitas perdas frente ao que é socialmente imaginado e desejado.

O imaginário social predominantemente negativo associado à velhice em nossa sociedade é constituído pelos preconceitos por hora discutidos. Sem dúvida, o conhecimento dos preconceitos investigados aqui nos ajuda a vislumbrar o porquê de muitas pessoas mais velhas se referirem à juventude como sendo o seu tempo de vida. A velhice acaba sendo representada como um apêndice da vida, mas não como a verdadeira vida. Estamos diante de uma perspectiva que pode trazer sofrimento a todos, uma vez que a velhice faz parte do processo de desenvolvimento humano e a encontraremos seja com o passar dos anos, seja no contato com outros.

## Capítulo 5: A VELHICE, A MORTE E O LUTO SIMBÓLICO

*Você me quer forte  
E eu não sou forte mais  
Sou o fim da raça, o velho que se foi  
Chamo pela lua de prata pra me salvar  
Rezo pelos deuses da mata pra me matar*

*Você me quer belo  
E eu não sou belo mais  
Me levaram tudo que um homem podia ter  
Me cortaram o corpo a faca sem terminar  
Me deixaram vivo, sem sangue, apodrecer*

*Você me quer justo  
E eu não sou justo mais  
Promessas de sol já não queimam meu coração  
Que tragédia é essa que cai sobre todos nós?  
Que tragédia é essa que cai sobre todos nós?*

*Milton Nascimento e Fernando Brant*

Neste capítulo será apresentada e discutida, inicialmente, a associação da morte com a velhice que se evidencia de forma marcante no imaginário social e na cultura. Essa associação se configura, igualmente, na obra de Gabriel García Márquez. Também a religião e as idéias religiosas se mostram, com frequência, imageticamente atreladas ao fenômeno do envelhecimento humano. Abordaremos, assim, raízes históricas e culturais dessa associação. Por fim, apresentaremos elaborações freudianas sobre a morte e o processo de luto e reflexões sobre a vivência da morte nas perdas experienciadas na velhice, bem como considerações acerca do luto que é vivido simbolicamente nas perdas associadas ao processo de envelhecimento.

### **5.1. Estranhamento e desamparo perante a velhice e a morte**

Em *O futuro de uma ilusão*, Freud (1928/2006) sustenta que a natureza se impõe ao homem a despeito do esforço civilizatório dispensado pelos humanos visando à esquiwa e à

fuga da fraqueza e do desamparo. A morte, argumenta Freud, constitui uma questão obscura para o homem e que não pode ser remediada e vencida. Ela, provavelmente, permanecerá um enigma irremediável para sempre. O fenômeno da morte demonstra, portanto, a grande e imponente força da natureza sobre os homens e expõe os limites da condição humana:

Há os elementos, que parecem escarnecer de qualquer controle humano; a terra, que treme, se escancara e sepulta toda a vida humana e suas obras; a água, que inunda e afoga tudo num torvelinho; as tempestades, que arrastam tudo o que lhes antepõe, as doenças, que só recentemente identificamos como sendo ataques oriundos de outros organismos, e, finalmente, o penoso enigma da morte, contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será. É com essas forças, que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização (Freud, 1928/2006, p.25).

Apesar de avanços e conquistas do processo civilizatório, constituído também pelos conhecimentos e habilidades desenvolvidas pelo homem para manter sob controle as forças naturais e possibilitar a satisfação de necessidades humanas, as forças da natureza muitas vezes se sobrepõem às forças do homem. A morte, nesse contexto, escancara as limitações do homem frente à grandiosidade da natureza e constitui um fenômeno que o homem se esquivava por meio da constituição da civilização. Ademais, o homem costuma denominar os prejuízos provocados pela natureza incontrolável de Destino (Freud, 1928/2006). A morte pode ser, portanto, significada como um Destino imperioso para o ser humano.

A morte não costuma ser vista como algo espontâneo e natural pelas pessoas. Ela é, constantemente, atribuída a um ato externo e brutal oriundo de uma Vontade maligna. O homem, para lidar e suportar a imponente da morte, com a ansiedade provocada por esse fenômeno, recorre, através de meios psíquicos, a explicações sobre o sobrenatural. A natureza é, então, humanizada na medida em que suas forças são atribuídas a seres como os humanos, permitindo às pessoas a não paralisação causada pelo desamparo. Assim, por meio das idéias

e crenças religiosas, o homem encontra subsídios para reagir às forças da natureza, embora ainda se encontre indefeso frente à morte. As idéias e crenças religiosas nascem da necessidade que o homem tem de tornar seu desamparo suportável. Os fenômenos da natureza foram melhor compreendidos com o tempo e, com isso, às forças naturais atribuíram-se menos traços humanos (Freud, 1928/2006):

O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs (Freud, 1928/2006, p.26).

Nesse sentido, constatamos que embora o homem tenha conquistado uma maior compreensão dos fenômenos naturais, o desamparo e o anseio pelo pai e pelos deuses se mantêm. Assim, os deuses têm a função de permitir que o desamparo possa ser suportável para o homem.

Laplanche e Pontalis (2004) esclarecem que desamparo constitui um termo da linguagem comum que revela especificidades na teoria freudiana. O estado de desamparo constitui o estado do lactente que depende completamente de um outro para a satisfação de suas necessidades, tais como fome e sede. Trata-se, segundo os autores, de um estado necessário para que a tensão interna possa ser finalizada, por meio da realização de uma ação específica e adequada.

O estado de desamparo constitui para o homem adulto o protótipo da situação traumática geradora de angústia, na medida em que a perda ou a separação levam a uma elevação da tensão podendo, inclusive, em casos extremos, o sujeito se ver incapaz de dominar suas excitações e ser submergido por elas, o que pode delinear e gerar o sentimento de desamparo. Podemos pensar, portanto, a busca do homem pela religião também como uma forma constituída na civilização de fuga do desamparo marcadamente evidenciado no



fenômeno da morte. A busca pelos deuses e por um maior controle e entendimento do Destino pode ser refletida como uma forma de fuga do desamparo e fragilidade do homem (Laplanche e Pontalis, 2004).

Freud (1929/2006) entende como religião o sistema de doutrinas e promessas que se propõe a explicar de forma invejável os fenômenos enigmáticos do mundo. A religião, segundo o autor, assegura uma Providência que olhará pela vida dos homens, compensando-lhes pelas frustrações vividas em uma existência futura. Diante disso, constatamos uma forte associação da morte com a religião, observável em diferentes culturas. São fenômenos intrincados no imaginário socialmente construído e que perpassam o tecido cultural. É nesse contexto que as subjetividades individuais são construídas, ao passo que constroem o imaginário compartilhado na sociedade.

Elisabeth Kübler-Ross (1998), em seu livro intitulado *Sobre a morte e o morrer: o que os pacientes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e a seus próprios parentes*, defende que a morte é freqüentemente imaginada como um acontecimento medonho e pavoroso na sociedade, constituindo um temor compartilhado por todos. Assim, os homens parecem se esquivar da morte ou até mesmo ignorá-la, de forma que o homem parece negar a própria condição de ser mortal.

A respeito da percepção do homem sobre a morte, Loureiro (2000, p.77), em *A velhice, o tempo e a morte* esclarece que, apesar do ser humano se reconhecer como finito, ou seja, mortal, “no fundo está convencido da própria imortalidade”. Assim, embora “traumatizados” pela morte e pela perda de pessoas queridas, os homens vivem como se nunca fossem realmente morrer. Ademais, Kübler-Ross (1998) sustenta que a morte é com freqüência representada socialmente como um tabu, uma questão considerada mórbida e proibida:

Recorremos aos eufemismos; fazemos com que o morto pareça adormecido; mandamos que as crianças saiam, para protegê-las da ansiedade e do tumulto reinantes na casa, isto quando o paciente tem a felicidade de morrer em seu lar; impedimos que as crianças visitem seus pais que se encontram a beira da morte nos hospitais; sustentamos discussões longas e controvertidas sobre dizer ou não a verdade ao paciente (Kübler-Ross, 1998, p.11).

A referida autora argumenta que em diferentes épocas e culturas esse fenômeno de relutância à percepção da morte pode ser constatado de forma que, freqüentemente, a morte é repelida e rechaçada na sociedade. É possível explicar o referido fenômeno, argumenta, pela constatação de que, no inconsciente, a morte é impossível para o próprio sujeito. Ademais, demonstra que, para o inconsciente humano, a finitude da vida é atribuída a algo maligno que está fora do alcance dos homens, de forma que “em nosso inconsciente só podemos ser mortos; é inconcebível morrer por causa natural ou idade avançada” (Kübler-Ross, 1998, p.6).

Fuks (2003), no livro *Freud e a cultura*, esclarece que é pelo reconhecimento da morte de um outro que o sujeito se dá conta da própria finitude. Dessa forma, a morte se configura para o homem como uma realidade para os outros e não para o próprio sujeito. Simone de Beauvoir (1976, p.7) relata que, quando esteve gravemente doente pela primeira vez na vida, precisou repetir espantada para si mesma: “Sou eu a mulher que estão levando nesta maca”. Constata que um fenômeno esperado para todos não é visto pelo sujeito, muitas vezes, como previsível para si mesmo.

Ao encontro do argumento de que a morte para nosso inconsciente constitui uma realidade para os outros, mas não para o sujeito, podemos nos referir novamente à construção de Gabriel García Márquez. Em *O amor nos tempos do cólera*, o personagem doutor Juvenal Urbino, ainda jovem, recebe um telegrama com a notícia da morte de seu pai. Num primeiro momento, reage e propõe aos amigos um brinde à sua memória. Nesse instante, ele negou a verdade para não chorar. A morte, até então, parecia para o referido personagem um

acontecimento exclusivo aos outros, ou seja, um acontecimento sempre alheio a própria vida e trajetória:

[...] o doutor Juvenal Urbino e sua família tinham concebido a morte como um percalço que acontecia aos outros, aos pais dos outros, aos irmãos e cônjuges alheios e nunca aos próprios. Eram pessoas de vidas lentas, às quais ninguém via envelhecer, nem adoecer e morrer, que se desvaneciam aos poucos no seu tempo, transformando-se em lembranças, brumas de uma outra época, até serem assimiladas pelo esquecimento (García Márquez, 1985/2003, p.143).

É com a morte de seu pai que a experiência da morte se aproxima do doutor Urbino. Ele parece vislumbrar melhor a própria condição de ser mortal. Mais tarde, se percebe semelhante ao seu pai e se surpreende com a constatação de ser, portanto, mortal assim como ele. No entanto, essa não é a única passagem do romance que nos indica a surpresa do doutor Urbino em constatar que a morte se constitui numa realidade possível também para ele. Quando seu amigo Jeremiah de Saint-Amour se suicida para evitar a velhice, ele se dá conta de que a morte é uma realidade próxima e essa constatação o perturba profundamente.

A presença do tema da morte é marcante tanto na literatura de Gabriel García Márquez, como verificamos em diversas passagens de *O amor nos tempos do cólera*, quanto na própria história de vida do autor. Em reportagem publicada no jornal Folha de S. Paulo (2008a), o médico Guillermo Valencia, amigo de infância de Gabriel García Márquez e seu colega no colégio Montessori, explicou a motivação que leva o autor colombiano a permanecer tantos anos sem retornar a Aracataca, sua cidade natal, apesar dos apelos de seus compatriotas: “Gabito sempre evitou voltar a seu povoado natal por medo. Embora não o diga publicamente, para ele retornar a lugares onde cresceu é como refazer seus passos e isto o faz refletir sobre a proximidade com a morte e o deprime”.

García Márquez atribui publicamente sua ausência de terras colombianas ao tratamento de saúde a que está se submetendo e, também, ao medo de avião, questões que

podem ser associadas à busca de manutenção da vida. Na afirmativa do amigo do autor, podemos pensar a morte como um fenômeno que é fortemente evitado, mas também como uma realidade associada a um longo período de vida. É ao refazer seus passos que a proximidade da morte parece se evidenciar.

García Márquez explica, em reportagem publicada pela Folha de S. Paulo (2008b) a razão pela qual se dedica a escrever: “A verdade é que escrevo, simplesmente, porque gosto de contar coisas a meus amigos”. O autor declarou, ainda, lamentar a morte pelo fato de saber não poder contar sobre ela para ninguém quando morrer. Nesse relato, acreditamos na possibilidade de reflexão sobre a ameaça de desamparo oriunda da idéia de morte. Assim, é possível que a morte se configure para o escritor como um fenômeno indesejável e permeado pela dor e, também, pelo desamparo.

A concepção de mortalidade dos pais costuma, também, ser negada e abstraída com frequência pelos filhos, uma vez que pode suscitar sentimentos de desamparo e fraqueza nos mesmos. Igualmente, o declínio das funções orgânicas advindo com o envelhecimento é negado e evitado com frequência pelos filhos por estar associado à finitude da vida. Salvarezza (2005a) destaca que os filhos muitas vezes se negam a aceitar as limitações físicas conseqüentes do processo de envelhecimento em seus pais da mesma forma que tendem a negar o adoecimento dos mesmos.

O referido autor esclarece que, como na espécie humana os filhos nascem extremamente indefesos, são imprescindíveis figuras, comumente os progenitores, que assegurem a sobrevivência tanto do indivíduo quanto da espécie humana por meio de uma intervenção ativa. Aos pais, em contrapartida, são atribuídas pelos filhos características reais e, também, fantasmáticas de grande importância. Assim, aos pais são investidas características idealizadas de onipotência, de acordo com os desejos e necessidades dos filhos. Esse é um importante e pertinente motivo pelo qual os filhos apresentam, com frequência,

dificuldade tanto em prever o declínio físico dos pais quanto em aceitá-lo. A constatação da velhice ou da enfermidade pode levar os filhos a se sentirem tão indefesos como na infância, fazendo com que grande ansiedade seja vivida. Os filhos, segundo Salvarezza (2005a), resistem a constatar a velhice de seus pais e, quando algum acontecimento a evidencia, muitas dificuldades e conflitos podem surgir.

Bromberg (2000) argumenta que em diferentes culturas é possível identificar o mito da imortalidade. Ele é constatado ora por meio do entendimento de crenças ou ritos, ora de forma simbólica. Simbolicamente, o desejo de imortalidade encontra expressão mediante a descendência deixada pelo sujeito que garante simbolicamente sua perpetuação. Ainda a noção de imortalidade da alma ou, também, a produção criativa, são formas simbólicas de garantia de eternidade. Podemos pensar, ainda, que os diversos rituais para manutenção da juventude são re-configurações dessa mesma construção mítica. O aparente adiamento da velhice pode parecer protelar igualmente o confronto com a morte que está social e culturalmente atrelada a esta fase do desenvolvimento humano desde a antiguidade. Ademais, acreditamos que a morte também é vivenciada de forma simbólica nas perdas vividas na velhice, como discutiremos com maior profundidade ainda neste capítulo.

Segundo Beauvoir (1976), a velhice, assim como a morte, costuma parecer uma realidade distante para o homem. Dessa forma, a velhice e a morte ganham um caráter abstrato para o indivíduo por certo tempo. Nessa direção, cita Proust: “Talvez seja (a velhice) dentre todas as realidades, aquela cuja noção puramente abstrata mantemos durante maior lapso de tempo” (Beauvoir, 1976, p.8). Para a autora, os homens tendem a lembrar e refletir sobre a própria mortalidade com maior facilidade e constância que do próprio processo de envelhecimento, uma vez que a morte é uma possibilidade em todas as idades. A morte parece, portanto, ser freqüentemente imaginada com maior lucidez e nitidez do que a velhice

pelos homens. Já a velhice configura-se subjetivamente como uma possibilidade longínqua e distante para os mesmos.

Beauvoir ressalta que embora a velhice racionalmente devesse ser esperada e previsível para todos, constitui um fenômeno muitas vezes constatado com espanto pelo sujeito que envelhece, chegando o adulto a comportar-se como se nunca pudesse envelhecer. Nesse sentido, refere-se a Goethe: “A idade se apodera de nós de surpresa” (Beauvoir, 1976, p.7). Sustenta, assim, que a velhice constitui um destino que deixa as pessoas estupefadas quando acontece na vida delas.

A velhice se constitui para o sujeito por meio do olhar do outro, sustenta Beauvoir. Ou seja, para a autora, o sujeito se conscientiza da própria velhice através do olhar que o outro lhe devolve: “A velhice aparece com maior clareza aos olhos dos outros que aos do próprio sujeito; é um novo estado de equilíbrio biológico: quando a adaptação se opera sem choques, o indivíduo não se dá conta do envelhecimento” (Beauvoir, 1976, p.8). Nesse sentido, características do envelhecimento podem ser confundidas como uma disfunção física passageira pelo sujeito e é o outro que muitas vezes aponta ao sujeito sua velhice:

A percepção da velhice normalmente acontece de “fora para dentro”, ela vem de fora, por parte de outra pessoa, de um espelho ou de alguma situação presente no cotidiano. Estamos falando que a velhice não é reconhecida pela própria pessoa de imediato, ela é algo do externo, tanto que os psicanalistas falam do “susto ao espelho” como um momento de surpresa e não reconhecimento frente a própria imagem (Barbieri, 2003, p.21).

O reconhecimento da própria velhice pelo sujeito costuma envolver um olhar devolvido pelo mundo externo à pessoa, seja o olhar de uma outra pessoa, do espelho ou de algum elemento do dia-a-dia. A velhice, embora seja racionalmente esperada e previsível, é com frequência percebida pelo sujeito que envelhece com surpresa ou, até mesmo, com espanto. Essa percepção da própria velhice envolve um olhar devolvido por um outro externo

ao sujeito, como poeticamente sugere Carlos Drummond de Andrade (1987) ao afirmar que os outros enxergam a velhice que se esconde em nós.

O personagem Florentino Ariza, aos quarenta anos de idade, buscava seu médico por sentir dores diversas em diferentes partes do corpo. Ele se submete, então, a vários exames e escuta do profissional que se trata de dores da idade. No entanto, ele parece ouvir essa afirmação do médico como se não fizesse referência a ele. Retorna então do consultório para casa e não se pergunta se o que ouviu tinha algo a ver com ele. Assim, é o olhar de um outro devolvido a Florentino Ariza que aponta para ele o próprio processo de envelhecimento. O personagem, contudo, parece não escutar o médico. Podemos nos indagar se, para ele, a velhice se configurava numa realidade abstrata nesse momento que não lhe parecia fazer sentido quando atribuída à própria experiência.

Em outro momento elucidativo sobre a velhice em obra de García Márquez, o personagem constata, aparentemente surpreso, que o tempo e sua vida estavam passando. Sente, assim, “a primeira patada da velhice. – Porra – disse aterrado – tudo está fazendo trinta anos” (García Márquez, 1985/2003, p.271). O personagem constata que também para sua amada, Fermina Daza, o tempo estava passando. Percebe que ela também estava envelhecendo: “Também para ela passavam os anos. Sua natureza feraz murchava sem glória, seu amor perdurava em soluços, e suas pálpebras começavam a mostrar a sombra das velhas tristezas. Era uma flor de ontem” (García Márquez, 1985/2003, p. 248). É com aparente irritação e contrariedade que o personagem começa a vislumbrar sua própria velhice. É com assombro que constata a passagem do tempo para ele e para a amada.

Em outra passagem do romance, Florentino Ariza reencontra, após longo período, Prudência Pitre, antiga amante dos anos mais moços. Apesar da passagem dos anos, ele se surpreende em constatar o quanto ela havia envelhecido. Além disso, sente que ela também o vê assim. Seu único consolo nesse instante é pensar que, após o golpe inicial, iriam perceber

os desgastes da vida um no outro cada vez com menos intensidade. Florentino Ariza, ao ver o envelhecimento de Prudência Pitre, sente que a própria velhice é também evidenciada pelo olhar dela. O olhar da antiga amante sobre ele é o que parece lhe remeter ao próprio envelhecimento.

Um momento do romance que nos ajuda a pensar o olhar de espanto de um outro frente a velhice do sujeito e uma forma como esse olhar pode ser devolvido ao sujeito evidenciando-lhe a própria velhice é quando Leona Cassiani, uma grande amiga de Florentino Ariza, comemora seu aniversário e percebe com espanto algumas mudanças no amigo que apontam que ele envelheceu:

Ele estava distraído e entornou o molho da galinha. Ela limpou sua lapela molhando no copo d'água a ponta do guardanapo, que em seguida colocou nele feito um babador para evitar acidente maior: ficou feito um bebê velho. Notou que várias vezes durante a refeição tirou os óculos para enxugá-los no lenço porque seus olhos choravam. À beira do café dormiu com a xícara na mão, e ela tratou de pegá-la sem o acordar, mas ele reagiu envergonhado: “eu só estava descansando a vista” (García Márquez, 1985/2003, p.367).

Florentino Ariza, ao perceber os muitos cuidados da amiga com ele, que demonstrava sinais de seu envelhecimento, justifica-se que só estava descansando a vista e sente-se envergonhado. A partir desse momento, Leona Cassini constata, com surpresa, a velhice do amigo, que percebeu com embaraço a constatação da amiga.

Em outra passagem, na qual Fermina Daza esteve longe de seus olhos por quase dois anos, Florentino Ariza percebe “a suspeita inconcebível de que Fermina Daza era mortal” (García Márquez, 1985/2003, p.320). Na ocasião em que se encontra com ela no cinema, aos cinquenta e seis anos de idade, se comove ao constatar que o marido precisa agarrá-la pelo braço para mostrar a ela o caminho mais adequado para a saída. Comove-se também quando observa que, ainda assim, por um cálculo equivocado da altura, ela quase caiu no degrau da



porta. No mesmo dia, Florentino Ariza perde o sono por constatar de forma súbita que ele também poderia morrer. É ao constatar o processo de envelhecimento de Fermina Daza que Florentino Ariza se conscientiza da própria condição de ser mortal. Nesse contexto, a morte e a velhice são representadas na literatura literária como fenômenos imaginariamente intrincados.

Segundo Mucida (2006), a velhice pode ser entendida também como uma fase do desenvolvimento humano em que a ideação da própria morte costuma se aproximar do sujeito que envelhece e ganhar nitidez. Uma vez que o sujeito vivencia as perdas relacionadas ao processo de envelhecimento e as mudanças igualmente vivenciadas no corpo com o avançar da idade, o processo de luto é comumente experimentado. Assim, o fantasma da infinitude parece esvanecer e a morte se aproxima do sujeito que envelhece:

A velhice pode ser também o momento em que o fantasma da infinitude escancara sua face não mais tão divertida por diferentes perdas e modificações corporais, encontrando, ainda, uma certa fragilização dos recursos simbólicos. Tudo isso impõe o trabalho de luto (...). O prelúdio da morte anunciada poderá igualar-se à velhice (Mucida, 2006, p.144).

O personagem doutor Juvenal Urbino, aos oitenta e um anos de idade, acreditava “estar preso a este mundo por uns fiapos tênues que podiam se romper sem dor com uma simples mudança de posição durante o sono” (García Márquez, 1985/2003, p.56). O personagem, no entanto, fazia tudo o que estava ao seu alcance para manter-se vivo porque temia não se encontrar com Deus após a morte. Nessa passagem do romance, podemos constatar que o declínio orgânico característico do envelhecimento e a morte estão atrelados. É possível verificar que a velhice e a morte estão intrincadas no imaginário social representado no texto literário. Ademais, as idéias religiosas, como já expomos, estão associadas à morte na sociedade.

Ainda nesse sentido, a passagem em que Florentino Ariza reitera seu amor a Fermina Daza cinqüenta e um anos, nove meses e quatro dias depois dos amores contrariados da juventude, foi um ato surpreendente para ela. Isso se justifica, dentre outros motivos, pelo fato de que, na idade em que estavam, não restava a eles nada o que esperar da vida. Assim, também nesse trecho, a velhice comparece associada à morte. Não se podendo esperar mais nada nesse fase da vida, a velhice configura-se imaginariamente como um momento da vida em que não há vida verdadeiramente.

Nessa direção, Picabia e Antequera-Jurado (2005a) em *La muerte y el morir en el anciano*, destacam que embora o homem não perceba a própria morte como um fenômeno normal, a morte do idoso parece ser a mais facilmente aceita e tolerada na sociedade. Assim, destacam que a morte na velhice é freqüentemente percebida com maior naturalidade pelas pessoas do que a morte em outras fases da vida. Ademais, os idosos costumam ter experimentado maior contato com pessoas que já morreram do que os mais jovens e, portanto, parecem apresentar uma melhor percepção da própria morte como algo possível e até mesmo iminente quando comparados com grupos etários mais jovens.

Explicitando a nítida associação entre velhice e morte na cultura e na sociedade, para Florentino Ariza, por exemplo, “a velhice começava com a primeira queda sem importância, e a morte vinha em seguida com segunda” (García Márquez, 1985/2003, p.386). Barbieri (2003), no texto *Trabalho com velhos – algumas reflexões iniciais*, defende que a velhice não pode ser resumida a esse aspecto de proximidade com a finitude. A velhice deve, isto sim, ser considerada como uma fase da vida e não da morte. Assim, apesar de enfocarmos a ligação da velhice com a morte real e também simbólica na sociedade, não acreditamos que esse enfoque contribua, isoladamente, para uma compreensão integral acerca da velhice.

Podemos, portanto, constatar uma marcante associação simbólica da velhice com a morte para homem. A morte é vivida simbolicamente nas perdas que são vividas ao longo do

envelhecimento. O trabalho de luto é uma consequência da morte simbólica vivenciada nas perdas do envelhecimento. Acreditamos que uma reflexão sobre as perdas na velhice deve englobar o entendimento da associação simbólica do processo de envelhecimento com a morte na cultura e sociedade. Também as idéias religiosas estão associadas historicamente e culturalmente ao processo de envelhecimento e à morte.

## **5.2. A associação histórico-cultural da velhice com a morte e a religião**

A associação histórico-cultural da velhice com a morte e com a religião se evidencia em muitas culturas antigas nas quais eram atribuídos aos idosos poderes transcendentais. Filósofos como Platão e Confúcio também destacaram essa relação. Na Índia, segundo princípios do Código de Manu – escrito centenário que revela aspectos religiosos na organização política e social hindu, é nas etapas finais do desenvolvimento humano que o profundo aprendizado espiritual se torna possível. Já na tradição judaico-cristã, os mistérios sagrados têm sua guarda atribuída aos mais velhos, que conquistam maior sabedoria através do estudo prolongado das escrituras sagradas (Socci, 2006).

Na idade antiga, a chegada à idade avançada, como concebemos nos dias atuais, era raramente alcançada. Isto devido ao fato da expectativa de vida da população se revelar muito menor que nos dias atuais. Dessa forma, a maioria das pessoas morria desfrutando de pleno vigor físico. A juventude era representada com esplendor e virilidade, enquanto que a velhice se associava à debilidade do organismo humano. Não obstante essa representação do indivíduo idoso, alguns autores clássicos ressaltam que a velhice é marcada pela sabedoria e o amadurecimento da pessoa (Muchinik, 2005).

Na Antiguidade, havia uma forte relação entre o sagrado e a velhice. Sendo a velhice um raro fenômeno, só poderia ser lograda com o consentimento e ajuda dos deuses. Assim, o velho era representado na sociedade como uma pessoa digna de uma graça divina, ou seja, a

velhice aparece nesse momento histórico atrelada à idéia de mérito. Ademais, nessa época, eram comuns pedidos às divindades para que se vivesse por maior período, o que reforça o argumento acima exposto da associação da velhice ao sagrado. Os mais velhos também tinham destaque no cenário político de diferentes sociedades antigas. Tal fato pode ser explicado pela relação entre velhice, sabedoria e sagrado (Minois, 1999). Trata-se, ainda, de uma ligação que ainda encontramos na sociedade contemporânea e cujas raízes são bastante antigas.

É na Idade Média que surge a concepção cristã de que a velhice é a última fase da vida e, conseqüentemente, uma preparação para o inevitável fim humano. Assim, a velhice é representada socialmente por sua proximidade aos momentos finais da vida e, também, da providência divina. No entanto, alguns autores da época explicitam ainda mais a relação entre velhice e religião. Argumentam que a tristeza e a falta de energia vistas como características da velhice seriam decorrências de pouca fé e proximidade do pecado (Muchinik, 2005).

É pertinente ressaltar que, nesse período, a associação da idade cronológica com a sabedoria não é pensada como algo intrínseco ou inseparável. Segundo relata Minois (1999), a velhice não era, para Santo Agostinho, obrigatoriamente sinônimo de sabedoria. Minois destaca, ainda, que o temor do envelhecimento estava associado ao paganismo, enquanto os cristãos que viveram uma vida virtuosa não deviam compartilhar desse sentimento:

Encontramos aqui sem surpresa uma idéia da sapiência bíblica, a velhice física não é a verdadeira velhice. O verdadeiro velho é o mais sábio qualquer que seja sua idade. Todos os autores estão de acordo nesse ponto: Gregório o Grande, falando acerca de São Bento, declara que “desde a infância o coração era o de um velho”. No século V, Santo Hilário de Arles, na Vida de Santo Honorato, conta como considerava este e o seu irmão Venâncio, ainda muito jovens, como dois velhos em face da sabedoria e virtude ... Na verdade eles tinham da velhice não o brilho dos cabelos brancos, mas o de suas virtudes, não a degradação das forças físicas, mas a conduta própria de uma pessoa de idade (Minois, 1999, p.148).

A associação da velhice com o pecado, no entanto, explicita certa ambigüidade na forma como os velhos eram vistos pela sociedade desse tempo. Nesse contexto, apesar da velhice encontrar-se atrelada à sabedoria, ela conduziria à morte, assim como o pecado. Velhice e pecado são, portanto, vistos como momentos ou situações repugnantes. O velho, com suas debilidades, corporifica o pecado na Idade Média, conforme ilustra Minois:

Santo Agostinho não dirá outra coisa no seu primeiro tratado sobre a Epístola de São João, onde estabelece a equivalência entre o pecador e o homem de idade e entre a criança e o homem regenerado. Aliás, ao comentar uma passagem de Isaias, “enquanto vós envelheceis, eu continuo o mesmo”, faz a seguinte distinção: aqueles que louvarem a Deus terão os cabelos brancos da sabedoria, enquanto os outros hão de ver seu corpo enfraquecer (Minois, 1990, p.150).

Nessa época, excetuando-se os senhores, os bispos, os reis e os papas, que são pessoas que dispunham das melhores condições de vida, os outros mais velhos não dispunham de expressivo espaço na sociedade. O povo e os guerreiros dependiam de sua força física para o trabalho e sobrevivência. O clero também era majoritariamente jovem. No entanto, era nos mosteiros que se podia encontrar uma maior proporção de indivíduos idosos (Muchinik, 2005). Apesar dessa maior incidência de pessoas idosas nos mosteiros, em contraste com outros espaços sociais, as regras monásticas não se ocupavam em especial dos monges mais velhos. Assim, esses não dispunham de privilégios em relação aos demais (Minois, 1999).

Por fim, Muchinik (2005) ainda acrescenta que os estereótipos negativos acerca da velhice parecem ganhar força no final deste período medieval, quando são enfatizadas limitações físicas da velhice. Entretanto, nesse período, é destacada também a relação do corpo com a alma, de forma que desponta nessa época algum interesse pelas virtudes associadas à velhice. Neste sentido, no tocante aos preconceitos vivenciados e à associação da velhice com o sagrado, cabe destacar que as bruxas, figuras marcantes no imaginário social

desse período, eram sempre mulheres velhas. Esse aspecto reforça o fato de que a velhice era vista com denotação negativa nessa sociedade.

A partir dos argumentos teóricos e históricos acima expostos podemos pensar a religiosidade como uma das fontes de sentido para as perdas na velhice, sejam as perdas relacionadas ao físico ou características aos universos profissional, social e familiar. Segundo Succi (2006), em *Religiosidade e o adulto idoso*, a busca de um significado para a vida é viabilizada pela religiosidade e encontra-se além de instituições, rituais ou ideologias específicas. Dessa forma, argumenta, com base em estudos da antropologia, arqueologia e biologia, que se trata de uma busca própria do humano e, portanto, uma busca de caráter existencial. Revela-se, assim, que a construção de sentidos para a experiência é imprescindível em todas as fases do desenvolvimento do homem e a religiosidade é uma fonte fundamental e riquíssima de sentido para a vida.

Conforme ressalta Goldstein (2006, p.132), “prolongar a vida sem propiciar um significado para a existência não é a melhor resposta para o desafio do envelhecimento”. Estamos, portanto, vislumbrando um novo cenário, uma sociedade cada vez mais envelhecida na qual o número de idosos em pouco tempo deve superar o número de jovens. Diante do acima exposto, é importante assinalar que há uma profunda e sólida relação entre envelhecimento e morte no imaginário social de diferentes culturas e sociedades, em especial nos considerados países ocidentais. Trata-se de uma vinculação evidente em diversos períodos históricos e que se re-configura na sociedade contemporânea.

### **5.3. Perdas na velhice e luto simbólico**

Após realizadas essas considerações acerca da associação histórico-cultural da velhice com a morte, apresentamos a seguir algumas reflexões sobre as perdas na velhice – relacionadas, por exemplo, à morte real de amigos e companheiros, ao corpo, ao fim das

relações de trabalho, ao relacionamento social e familiar. Tais perdas perpassam tanto a dimensão do físico em sua concretude, como os universos profissional, social e familiar. São vivenciadas, muitas vezes, concomitantemente. Carvalho e Coelho (2006) sustentam que uma implicação do envelhecimento é o enfrentamento de sucessivas perdas reais e simbólicas. É possível, também, a constatação de que o enfrentamento de uma perda pode acelerar e potencializar a vivência de outras perdas.

Em *Velhice*, poema de Vinícius de Moraes, encontramos preciosos subsídios para reflexões sobre o imaginário predominantemente negativo sobre essa fase da vida. No poema, a associação da velhice com a morte é retratada de forma enfática e dramática, uma vez que o poeta afirma que, na velhice, todos os seus atos serão encaminhados no sentido do túmulo, não lhe restando mais as idéias autobiográficas da juventude e, sim, a de um testamento redigido adequadamente. Ao final, o poeta declara que o único valor do velho é aquele de constituir o cadáver de uma mocidade criadora. Apresenta-se no poema, a nosso ver, uma contraposição entre a juventude permeada de vida e a velhice repleta da morte:

### *Velhice*

*Virá o dia em que eu hei de ser um velho experiente  
Olhando as coisas através de uma filosofia sensata  
E lendo os clássicos com a afeição que a minha mocidade não permite.  
Nesse dia Deus talvez tenha entrado definitivamente em meu espírito  
Ou talvez tenha saído definitivamente dele.  
Então todos os meus atos serão encaminhados no sentido do túmulo  
E todas as idéias autobiográficas da mocidade terão desaparecido:  
Ficará talvez somente a idéia do testamento bem escrito.  
Serei um velho, não terei mocidade, nem sexo, nem vida  
Só terei uma experiência extraordinária.  
Fecharei minha alma a todos e a tudo  
Passará por mim muito longe o ruído da vida e do mundo  
Só o ruído do coração doente me avisará de uns restos de vida em mim.  
Nem o cigarro da mocidade restará.  
Será um cigarro forte que satisfará os pulmões viciados  
E que dará a tudo um ar saturado de velhice.  
Não escreverei mais a lápis  
E só usarei pergaminhos compridos.  
Terei um casaco de alpaca que me fechará os olhos.  
Serei um corpo sem mocidade, inútil, vazio  
Cheio de irritação para com a vida  
Cheio de irritação para comigo mesmo.  
O eterno velho que nada é, nada vale, nada teve  
O velho cujo único valor é ser o cadáver de uma mocidade criadora.*

Vinícius de Moraes apresenta, a nosso ver, uma velhice mórbida e penosa em seu poema, no qual o corpo do velho é retratado como desprovido de juventude e sem utilidade, sendo, portanto, vazio. O que há no velho relatado é apenas um resto de vida evidenciado pelas moléstias físicas. Assim, é possível pensar que a velhice é representada pelo poeta como um caminho para a morte e como uma fase na qual a morte já é experimentada e a vida parece se dissipar. Ou seja, pode-se chegar à constatação de que a vida na velhice é vista pelo poeta como um encontro com a morte. Também a associação da velhice com a morte e com a religião pode ser pensada a partir da leitura do poema. Na velhice relatada, a experiência de vida é destacada e o poeta acredita que sua relação com Deus já terá sido definitivamente significada quando for velho.

Ainda com base no referido poema é possível pensarmos que a vida na velhice se aproxima da morte na medida em que perdas significativas são vivenciadas. Ao velho, só resta a sensatez e a experiência de vida acumulada. O sexo, a mocidade e a vida parecem cessar para o poeta na velhice, que é vista como um momento no qual nada da juventude persiste, estando a vida e o mundo distantes do velho. Assim, ao velho do poema resta a resignação com a solidão e o ar saturado de velhice. As perdas associadas ao envelhecimento parecem, portanto, fortalecer a associação da velhice com a morte.

Acreditamos que a morte é vivida simbolicamente nas perdas vivenciadas na velhice. Ao lidar com essas perdas, o idoso lida inevitavelmente com a morte, e vivencia o processo de luto. Envelhecimento e morte estão simbolicamente atrelados, de maneira marcante, na sociedade e na cultura. Dessa forma, nos parece que a compreensão sobre como essas perdas relacionadas à velhice são vividas está intimamente intrincada ao entendimento do processo de luto.

No texto *Luto e melancolia*, Freud (1915/2006, p.249) nos ensina que “o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar



de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”. A consciência da perda que é real está presente no luto, havendo, ainda, um esvaziamento do mundo exterior uma vez que as energias do ego são absorvidas durante todo o processo de luto:

O luto ocorre sob a influência do teste de realidade, pois a segunda função exige categoricamente da pessoa desolada que ela própria deva separar-se do objeto, visto que ele não mais existe. Ao luto é confiada a tarefa de efetuar essa retirada do objeto em todas aquelas situações nas quais ele foi o recipiente de elevado grau de catexia. Que essa função deva ser dolorosa ajusta-se ao que acabamos de dizer, em vista da catexia de anseio, elevada e não passível de satisfação, que está concentrada no objeto pela pessoa desolada durante a reprodução das situações nas quais ela deve desfazer os laços que a ligam a ele (Freud, 1925/2006, p.167).

Freud (1925/2006), no texto *Ansiedade, dor e luto*, define que a dor constitui a reação real à perda de objeto e representa um sentimento de desprazer com caráter específico de dor. Trata-se de um caráter que, segundo o autor, não pode ser descrito com maior precisão. Quando a catexia de anseio - que está concentrada no objeto do qual se sente falta ou que está perdido - cria as condições econômicas oriundas pela catexia de dor - que se encontra concentrada em uma parte danificada do corpo, no caso da dor física - surge a sensação de dor na esfera mental. O processo de luto é, portanto, freqüentemente permeado de dor, sendo constantemente penoso para o sujeito que o vivencia.

O objeto perdido na velhice, no tocante às perdas orgânicas, pode ser, por exemplo, a acuidade visual e auditiva, o vigor físico, a beleza juvenil - extremamente valorizada na sociedade ocidental, a memória, a elasticidade e a potência sexual. Também o status alcançado por meio do desenvolvimento da atividade profissional, o convívio constante com colegas de trabalho e ainda a redução de proventos constituem possíveis objetos perdidos na aposentadoria. Ainda, a mudança de papel e status na vida em família e a perda do par

amoroso e de amigos podem desencadear o processo de luto nessa fase do desenvolvimento do homem. Tratam-se de perdas verdadeiramente experimentadas e o sujeito que envelhece costuma ter consciência das mesmas.

A morte está, dessa forma, intensamente presente nas transformações que o envelhecimento impõe ao homem. Essa presença se dá no real, mas, também, na esfera simbólica. Ela culmina no processo de luto. O luto, por sua vez, é resultado da perda de um objeto amado, conforme demonstram Arraes e Viana (2003):

Freud revela que o luto diz respeito à perda de um objeto de investimento pulsional que não é necessariamente um ser humano. Temos, então, que a noção de luto como afeto se faz a partir de uma perspectiva descritiva em que se leva em consideração o impacto ou ressonância emocional que a perda de alguém ou algo querido pode provocar na vida libidinal. O luto seria o afeto que tem sua expressão provocada pelo impacto da perda (Arraes e Viana, 2003, p.13).

O luto pode ser entendido, assim, como um afeto que é provocado pelo impacto da perda de um objeto de investimento libidinal. Esse objeto não precisa ser necessariamente, um ser humano. Nesse contexto, Freud (1915/2006) esclarece que o luto é caracterizado por uma falta de ânimo dolorosa, perda de interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar e limitação de atividades, havendo, portanto, uma inibição egóica (Freud, 1915/2006).

Arraes e Viana (2007, p.9) explicam a dimensão de dor envolvida no processo de luto da seguinte forma: “A dor do luto pode ser entendida, então, como a dor de ter de, em certa medida, ‘desamar’ o objeto perdido e ‘amar’ outros objetos, de ter de abandonar uma posição libidinal e criar uma outra”.

Quando a realidade demonstra a supressão do objeto amado, a libido precisa ser redirecionada para outros objetos. No entanto, Freud nos adverte que se trata de um processo bastante doloroso que demanda tempo e energia catexial para encontrar seu desfecho.

Ademais, o processo de luto estende a existência do objeto perdido por certo tempo. Quando é concluído, a energia libidinal fica novamente livre, podendo, então, ser reinvestida. Dessa forma, o objeto perdido pode ser substituído (Freud, 1915/2006). Entendemos, então, que o luto é um processo intensamente perpassado pela dor que é consequência da perda real de um objeto de grande investimento libidinal:

O luto é um afeto que resulta do desligamento ou desinvestimento de certa quantidade de energia (quantum de afeto) que antes era dirigida ao objeto perdido. Assim, independentemente da natureza do objeto perdido, tal quantidade de energia vai assumir uma expressão subjetiva de luto. Com a perda do objeto amado, o quantum de afeto tem de se destacar do objeto por meio do “trabalho de luto” (Arraes e Viana, 2003, p.13).

Com a perda do objeto de investimento libidinal há o desligamento ou desinvestimento de energia anteriormente dirigida ao objeto que foi perdido. O luto refere-se ao afeto que resulta desse processo. Para Freud (1915/2006), o luto refere-se, ademais, a uma reação natural, ou seja, a uma reação esperada diante da perda de um objeto amado. Dessa forma, não pode ser sempre entendido como um processo patológico, mas como uma condição que deverá ser superada com o tempo.

Arraes e Viana (2003) analisam que, em diferentes produções freudianas, o luto é caracterizado como afeto normal ou, ainda, como estado afetivo. Ou seja, como presente na natureza humana, sendo, inclusive, previsível e superado com o tempo. Assim, as dores e cicatrizes do processo de luto são curadas e superadas naturalmente com o tempo sem que sejam necessárias intervenções terapêuticas específicas.

Mucida (2006) destaca que o medo da morte, muito presente na cultura, está associado ao temor da perda do investimento libidinal. Assim, na velhice ou em diferentes fases da vida em que o temor da morte é constatado, o sujeito desinveste libidinalmente do mundo. A referida autora argumenta que a morte do desejo, isto sim, constitui o grande temor na

velhice. A morte não é conhecida para o inconsciente humano de forma que é o medo da perda do desejo, que parece estar mais presente na velhice:

A velhice nos traz o desamparo de forma incisiva. Teme-se na velhice, já o dissemos, não a morte, já que o inconsciente a desconhece, mas outra morte que escutamos na clínica – a morte do desejo, a exposição do gozo. Todavia, isso não pode ser associado simplesmente à velhice; o desejo não se mede pela idade cronológica, pela idade de nossos vasos sanguíneos, artérias, ossos ou coração, mas sustenta-se por nossa relação como os objetos, à medida que podemos agalmatizá-los (Mucida, 2006, p.146).

As perdas vividas na velhice parecem evidenciar a condição de desamparo do homem e a morte do desejo pode vir a ser temida quando o sujeito vivencia sucessivamente o trabalho de luto. A morte real não é conhecida pelo inconsciente, mas as perdas de investimento libidinal associadas ao envelhecimento parecem associar a velhice à morte de forma simbólica. No entanto, Mucida (2006) adverte que o desejo não está associado à idade cronológica. A idade avançada não constitui, portanto, uma limitação para o desejo humano. A autora sustenta ainda que apesar do homem viver diversas perdas ao longo de sua vida, em diferentes fases do desenvolvimento humano, é notável que com o avançar dos anos essas perdas tendem a ser vividas com frequência mais elevada. As perdas vivenciadas ao decorrer do processo de envelhecimento levam ao trabalho de luto:

As perdas advindas com o envelhecimento/velhice exigem sempre um trabalho de luto, pois é um momento no qual muitos rearranjos que o sujeito teceu para enfrentar o real desmoronam e com eles muitos dos ideais. Não podemos negar que, apesar de vivenciarmos perdas durante toda a vida, estas são mais frequentes a partir de certa idade – variável para cada um – impondo elaborações para a construção de outros ideais (Mucida, 2006, p.155).

Nesse sentido, as perdas associadas ao envelhecimento parecem favorecer a construção de um imaginário social predominantemente negativo associado à velhice que a

construção literária nos apresenta. Neste momento, indagamos em que medida a consciência da efemeridade de determinados objetos de grande investimento libidinal impacta o valor subjetivo dos mesmos e contribui para a construção do imaginário social sobre a velhice, ou seja, nos questionamos se os conteúdos predominantemente negativos atrelados à velhice no imaginário da sociedade estão associados à consciência das perdas vividas nessa fase da vida humana.

No texto *Sobre a transitoriedade*, Freud (1916/2006, p.317) nos diz que “A beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência, porém, apenas lhe empresta renovado encanto”. Sustenta, dessa forma, que a transitoriedade das coisas aumenta, potencializa o valor das mesmas para o homem. Assim, o caráter transitório de alguns atributos característicos da juventude como a força física e a beleza juvenil, por exemplo, parece exacerbar o valor desses atributos, conforme ilustra:

O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição. Era incompreensível, declarei, que o pensamento sobre a transitoriedade da beleza interferisse na alegria que dela derivamos (Freud, 1916/2006, p.317).

No entanto, Freud nos alerta que a compreensão da transitoriedade do belo pode levar a um processo de luto antecipatório, que é uma forma de defesa psíquica que compromete o desfrute da beleza. Assim, ocorre uma desistência permanente da possibilidade de desfrute proporcionada por um objeto por sua efemeridade. O luto chega a um fim, contudo, de forma natural. Quando isso acontece, a libido volta a se libertar e pode, então, investir em novos objetos, substituindo o que foi perdido. Esse novo objeto terá o valor do que foi perdido ou, talvez, um valor ainda maior.

Segundo Freud (1916/2006), a “exigência de imortalidade” que pode ser consequência da consciência da transitoriedade da vida é fruto de nossos desejos. Ou seja, não se refere à

ordem da realidade e sim à ordem do desejo. Assim, por mais difícil e árdua que possa se configurar a noção de transitoriedade da vida trata-se de uma concepção profundamente verdadeira e que exerce influência sobre o valor do objeto para o sujeito.

Selma Calasans (1993), em seu estudo *Macondoamérica: a paródia em Gabriel García Márquez*, que trata do livro *Cem anos de solidão*, destaca que, na obra do escritor, a morte não é apenas a morte real:

Úrsula, por sua vez, centenária como um feto, carregada pelos bisnetos, resiste à morte e não percebe mesmo que já estava praticamente morta. [...] Melquíades volta da morte por achar tediosos os domingos e vem curar a aldeia de Macondo da verdadeira morte a que seus habitantes estavam entregues: o esquecimento (durante a peste da insônia) (Calasans, 1993, p.28).

A referida autora argumenta que García Márquez adota uma postura inusitada diante da morte com o retorno de alguns personagens que já morreram e com uma abordagem mais ampla e complexa do que é a morte. A morte verdadeira, segundo a autora, comparece na solidão irremediável do esquecimento e da não-memória. Já no conto *La tercera resignación*, de García Márquez, a autora verifica o questionamento de quais são os limites entre a vida e morte. No desfecho do referido conto, é possível a constatação de que o verdadeiro sentido da morte é a resignação.

Em *O amor nos tempo do cólera*, a personagem Fermina Daza vivencia, após a morte do marido, o processo de luto. Sente-se como um fantasma na casa em que viveram muitos anos, mas que nesse momento parecia maior e pertencente à outra pessoa. Ela vive a solidão com intensidade e resente-se do marido por tê-la deixado sozinha. Nesse contexto, se questionava com muita angústia “quem estava mais morto: o que tinha morrido ou a que tinha ficado” (García Márquez, 1985/2003, p.345). Essa passagem também fornece subsídios para refletirmos como a morte é vivida de forma simbólica em algumas perdas na velhice, como

por exemplo, na viuvez. Com a morte do marido, Fermina Daza sente-se morta também e se questiona sobre quem havia morrido de verdade.

Frumi e Celich (2006), no artigo *O olhar do idoso frente ao envelhecimento e a morte*, defendem a importância de diálogos que abordem o processo de envelhecimento e a morte. Argumentam que essa discussão possibilita um maior entendimento da complexidade do homem em suas dimensões sociais, culturais, psicológicas e espirituais. Demonstram, portanto, a necessidade de que a morte e a velhice sejam abordadas sob uma ótica que considere aspectos muitas vezes considerados proibidos e difíceis na sociedade por meio de uma discussão ampla e que envolva diferentes áreas de construção do conhecimento. Para as autoras, uma abordagem complexa sobre a velhice e as perdas na velhice pode possibilitar a promoção de qualidade de vida.

Diante do acima exposto, constatamos ser pertinente a reflexão de que a morte e a velhice constituem fenômenos fortemente atrelados no imaginário social e na cultura. Também na literatura de Gabriel García Márquez essa associação se evidencia, de forma que uma abordagem sobre as perdas na velhice parece demandar uma compreensão e discussão do processo de luto vivenciado nas sucessivas experiências de perdas na velhice.

## Capítulo 6:

### CONCLUSÃO

#### O AMOR NO TEMPO DA VELHICE

*Deixavam passar o tempo como dois velhos esposos escaldados pela vida, para lá das armadilhas da paixão, para lá das troças brutais das ilusões e das miragens dos desenganos: para lá do amor. Pois tinham vivido juntos o suficiente para perceber que o amor era o amor em qualquer tempo e em qualquer parte, mas tanto mais denso ficava quanto mais perto da morte.*

*Gabriel García Márquez*

Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1929/2006) defende que a vida humana é árdua e penosa demais para os homens. Ela impõe sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis de serem realizadas. Freud afirma que o sofrimento ameaça os homens a partir de três direções distintas: o corpo humano que entra em declínio e morre, o mundo exterior e os relacionamentos interpessoais.

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: do nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente de nossos relacionamentos com os outros homens (Freud, 1929/2006, p.84-85).

O declínio orgânico esperado no processo de envelhecimento pode ser pensado, portanto, como uma fonte de sofrimento em potencial para o ser humano. As perdas orgânicas vividas na velhice parecem configurar-se, assim, como importantes elementos a serem considerados nas reflexões e discussões sobre o sofrimento, as dificuldades e os desafios que se apresentam aos homens nessa fase da vida.



As perdas vividas na velhice apontam transformações significativas nos relacionamentos interpessoais, como demonstramos ao longo desse estudo. Assim, as perdas físicas, sociais, familiares e financeiras vividas no decorrer do envelhecimento na sociedade modificam a forma como o sujeito que envelhece é representado imaginariamente por si mesmo e pela sociedade como um todo. Igualmente às perdas relacionadas ao corpo na velhice, as mudanças nos relacionamentos interpessoais vividas nessa fase da vida podem ser apontadas como relevantes e freqüentes origens de sofrimento para o sujeito que envelhece.

Freud (1929/2006) sustenta, ademais, que o sofrimento oriundo dos relacionamentos interpessoais é, talvez, mais penoso para as pessoas do que os oriundos das outras possíveis direções. Adverte que esse sofrimento oriundo dos relacionamentos interpessoais não é menos inevitável do que o originado das outras fontes mencionadas. Ou seja, se impõe tragicamente para o homem ao longo de sua existência e das diferentes fases da vida. O imaginário predominantemente negativo associado à velhice parece subsidiar e sustentar transformações importantes, muitas vezes difíceis e penosas, nos relacionamentos do sujeito que envelhece com os outros.

Em via de conclusão deste trabalho, destacamos que, segundo Freud (1929/2006), o homem, em seu comportamento, demonstra como propósito e intenção da vida o alcance da felicidade. As pessoas desejam alcançar um estado de felicidade e manter-se nesse estado. Essa meta envolve a busca pela ausência de desprazer e, também, a busca pela experiência de intensos sentimentos de prazer. A atividade humana costuma, portanto, acontecer genericamente ou até mesmo exclusivamente de acordo com uma dessas direções. Assim, o propósito da vida constitui-se no programa do princípio do prazer.

O funcionamento psíquico é regido de acordo com o princípio do prazer. Freud aponta que aquilo que é denominado felicidade deriva, em sentido restrito, da satisfação de necessidades represadas em alto grau. No entanto, adverte que, por sua natureza, se dá apenas

de forma episódica, uma vez que o prolongamento de uma situação desejada gera apenas o sentimento de contentamento. O homem é constituído de modo a experimentar o prazer intenso apenas a partir de um contraste e, infimamente, a partir de determinado estado das coisas. Assim, a felicidade é restringida pela própria condição humana. Em contraposição, a infelicidade é experimentada com maior facilidade pelo homem.

Com a constante possibilidade de experimentar o sofrimento e a infelicidade, o homem tende a reivindicar a felicidade moderadamente. Sob as influências do mundo externo sobre o sujeito, o princípio do prazer se transforma em princípio de realidade. Nesse sentido, o homem muitas vezes se considera feliz por ter conseguido evitar a infelicidade ou por ter sobrevivido ao sofrimento, de forma que evitar o desprazer pode surgir em primeiro plano e a busca pelo prazer em segundo (Freud, 1929/2006).

A possibilidade do homem evitar a infelicidade e o sofrimento e muitas vezes buscar a felicidade e a realização do desejo por diferentes caminhos é sustentada por Freud. Trata-se de possibilidades bastante distintas entre si e que foram indicadas por escolas de sabedoria seculares e colocadas em prática muitas vezes pelos homens. Uma importante técnica que busca esse objetivo é aquela que foi denominada *arte de viver*. A técnica baseia-se, fundamentalmente, na busca pela felicidade por meio do amor, ou seja, pela satisfação que há em amar e ser amado:

Ela (a técnica da arte de viver) se faz visível por uma notável combinação de aspectos característicos. Naturalmente, visa também a tornar o indivíduo independente do Destino (como é melhor chamá-lo) e, para esse fim, localiza a satisfação em processos mentais internos, utilizando, ao proceder assim, a deslocabilidade da libido que já mencionamos. Mas ela não volta as costas ao mundo externo; pelo contrário, prende-se aos objetos pertencentes a esse mundo e obtém felicidade de um relacionamento emocional com eles. Tampouco se contenta em visar uma fuga do desprazer, uma meta, poderíamos dizer, de cansada resignação; passa por ela sem lhe dar atenção e se aferra ao esforço original e apaixonado em vista de uma consecução completa da felicidade. Na realidade, talvez se aproxime mais

dessa meta do que qualquer outro método. Evidentemente, estou falando da modalidade de vida que faz do amor o centro de tudo, que busca toda satisfação em amar e ser amado (Freud, 1929/2006, p.89).

Sobre a *arte de viver*, Freud adverte que o limite dessa técnica se evidencia na medida em que “nunca nos encontramos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos nosso objeto amado ou o seu amor” (1929/2006, p.90). Não obstante, o autor defende que a chamada *arte de viver* constitui um caminho, talvez o mais efetivo dentre todos, na busca pela felicidade. O amor pode, então, ser pensado como uma possibilidade para o homem lograr a satisfação de suas necessidades. Essa constatação parece ir precisamente ao encontro daquilo que é eloqüentemente representado na obra de Gabriel García Márquez que aqui optamos por privilegiar.

*O Amor nos tempos do cólera* é, a nosso ver, um hino ao amor. Nessa consagrada obra, Gabriel García Márquez nos fala do amor que se manifesta de diversas formas. São desnudados, no romance, os amores contrariados, os amores realizados, o amor demonstrado em cartas perfumadas e recheadas de palavras belas, o amor sexual, o amor conjugal, o amor clandestino, o amor em família, o amor que sobrevive ao tempo e a distância e, por que não, o amor entre dois anciãos e que se mantém belo e profundo após mais de meio século de espera.

O protagonista, Florentino Ariza, acreditava que o amor consistia em um estado de graça. Para ele, o amor era a origem e fim em si mesmo, não sendo meio para nada. Dedicou sua vida à possibilidade de amar e ser amado e, assim, suas alegrias e, também, seus sofrimentos, sempre lhe pareceram legítimos e plenos de sentido. Parece-nos que o caminho encontrado por Florentino Ariza ao longo de sua vida para buscar a chamada felicidade coincide com a descrição de Freud sobre a *arte de viver*. Embora o personagem não tenha conseguido, numerosas vezes, evitar o sofrimento, ele encontrou a felicidade que há em amar. Dedicou sua vida ao amor também na velhice, quando já experimentava diversas perdas impostas pelo envelhecimento.

Podemos pensar que, freqüentemente, o caminho do amor para a chamada felicidade é socialmente negado aos mais velhos. Em diferentes momentos do romance, por exemplo, nos deparamos com passagens que fornecem elementos para reflexões sobre a associação do amor com a juventude em contraposição com a passividade e solidão muitas vezes atreladas à velhice no imaginário socialmente construído.

Desse modo, Ofélia, filha de Fermina Daza, acreditava que o amor se tornava indecente e impróprio com o tempo. Ao discutir o amor da mãe por Florentino Ariza, ambos septuagenários, Ofélia afirma: “– O amor é ridículo na nossa idade – gritou – mas na idade deles é uma porcaria” (García Márquez, 1985/2003, p.398). Também seu irmão, o doutor Urbino Daza, acreditava que o amor começava a ser indecente a partir de certa idade. Ele passa a aceitar, com resignação, o romance de sua mãe com Florentino Ariza.

Fermina Daza, por sua vez, se mostra indignada com a associação do amor à idade cronológica. Sente-se capaz de dedicar-se ao amor em sua velhice e anseia por isso. Afirma à nora em uma confidência: “Faz um século me cagaram a vida com esse pobre homem porque éramos demasiado jovens, e agora querem repetir a dose porque somos demasiado velhos” (García Márquez, 1985/2003, p. 399). Com sua fala, a personagem demonstra sua crença de que o amor poderia ser vivido sempre, a qualquer tempo e idade. Ela ajuda a evidenciar, ainda, como o imaginário social sobre a velhice pode limitar e dificultar essa possibilidade.

Diversas passagens do romance enriquecem as discussões sobre como o imaginário acerca da velhice pode cercear a busca pela denominada felicidade por meio do amor. Fermina Daza, em sua viuvez, se habituou a escutar novelas radiofônicas e aguardava pelos capítulos com muita ansiedade. Certa noite escutou a pavorosa notícia de que um casal de anciãos havia sido assassinado com golpes de remos quando repetiam a viagem de lua-de-mel realizada quarenta anos antes. Além disso, antes de serem mortos, tiveram o pouco dinheiro que dispunham – quatorze dólares – roubado. A polícia descobriu que o casal de idosos – ela

tinha setenta e oito anos e ele oitenta e quatro anos – eram, na verdade, amantes clandestinos que se encontravam todas as férias havia quarenta anos. Os dois tinham, ademais, famílias grandes, estáveis e felizes.

Fermina Daza sentiu-se profundamente tocada por esse relato. Precisou se esforçar para não chorar. Mais tarde, desperta de repente, à noite, chorando um pranto de pena pelo casal de idosos. Florentino Ariza, por sua vez, também se sentiu tocado pela notícia. Ele enviou então um recorte de jornal com a notícia para Fermina Daza, numa carta sem qualquer comentário. Possivelmente, desejava dizer a ela que, a despeito do que muitos pensam, o amor independe de idade para se realizar. Talvez ele desejasse dizer a ela que o amor era, para ele, o caminho a ser trilhado em todas as idades, ainda que muitos não concordem.

Freud nos ensina que o amor pode ser um dos caminhos mais efetivos para a chamada felicidade. Conforme nossa interpretação, o amor se constitui, em *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel García Márquez, no único caminho possível para a felicidade em diferentes idades e lugares. O amor pode ser pensado, então, como um caminho apontado pelo escritor para o encontro da felicidade na velhice, não obstante as diversas perdas e conseqüentes lutos vividos ao longo do processo de envelhecimento.

Embora o amor não seja neste trabalho apresentado como a solução para a totalidade de dificuldades e perdas vividas na velhice, apontamos, a partir da leitura e análise do romance, o amor como um caminho possível para o enfrentamento das perdas na velhice e para a denominada felicidade nessa fase da vida. Trata-se, ainda, de uma possibilidade verificada que deverá ser analisada e investigada com maior profundidade e amplitude em estudos posteriores sobre a temática.

Nesse sentido, destacamos que o romance analisado nos apresenta a associação da velhice com a morte e evidencia o amor como um possível caminho para a felicidade nessa fase da vida humana. Ressaltamos que *O amor nos tempos do cólera* pode ser pensado,

também, como uma obra que trata do amor nos tempos da morte. Assim, relações entre a dimensão amorosa e a morte na velhice podem ser amplamente exploradas a partir da leitura do romance.

Sem a intenção de construir generalizações ou alcançar verdades absolutas, acreditamos ser possível a constatação de que muitas dificuldades e dores associadas à velhice são, na verdade, dificuldades relacionadas às perdas atreladas ao envelhecimento e ao conseqüente processo de luto que costuma ser vivido sucessivamente na velhice. Assim, o corpo humano, o mundo externo e os relacionamentos interpessoais constituem direções de sofrimento também na velhice e podem ser pensadas a partir das perdas experienciadas nessa fase da vida. Sustentamos, ainda, que um melhor entendimento sobre o processo de envelhecimento deve envolver a abordagem e compreensão do luto que é vivido simbolicamente nas perdas associadas ao envelhecimento.

A pesquisa realizada e os resultados que obtivemos e apresentamos ao longo desta dissertação nos conduzem à comprovação e reiteração de nossa constatação acerca da literatura como importante possibilidade de compreensão e instrumento de reflexão do imaginário social sobre a velhice. Acreditamos ter desenvolvido, neste trabalho, um pertinente e frutífero diálogo ao analisarmos e relacionarmos a obra *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel García Márquez, e a literatura especializada sobre o tema do envelhecimento humano.

Ressaltamos, por fim, que a velhice constitui uma fase da vida na qual diversas perdas costumam ser vividas. No entanto, a velhice não pode ser pensada como uma fase de vida marcada exclusivamente por perdas. Como observamos em nosso trabalho, ao longo do envelhecimento muitos ganhos e conquistas também são vivenciados. Perdas aparentes podem ser significadas como ganhos no envelhecer. Ao consideramos o diálogo da obra estudada de Gabriel García Márquez e a literatura especializada em envelhecimento humano, acreditamos que a vida pode, independentemente da idade cronológica, ser vivida com desejo

e plenitude, embora o imaginário socialmente construído pareça, muitas vezes, não contemplar essa possibilidade.

Em *O amor nos tempos do cólera*, os personagens Florentino Ariza e Fermina Daza experimentam plenamente o amor em suas vidas no tempo de suas velhices. Para eles, abrir mão do amor e da felicidade que viviam juntos era, com efeito, como morrer. Para os personagens, a morte é pensada e considerada como sendo a vida sem o amor que construíram. A *arte de viver* foi o caminho encontrado por ambos para a felicidade. Demonstraram que é a vida, mais que a morte, a que não tem limites. Tinham, assim, toda a vida para o amor.



*Aún aprendo* (1824-28)

Francisco de Goya y Lucientes (1746-1828)

Museu do Prado – Madrid, Espanha.



## **Referências Bibliográficas**

- ADDUCI, E. (2004). *Adultos mayores: su psicoanálisis hoy*. Buenos Aires: Letra Viva.
- ALLPORT, G. W. (1963). *La naturaleza del prejuicio*. Buenos Aires: Eudeba.
- ANTEQUERA-JURADO, R. e PICABIA, A.B. (2005a). Percepción de control, autoconcepto y bienestar en el anciano. Em: SALVAREZZA, Leopoldo. (org.) 95-124. *La vejez: una mirada gerontológica actual*. Buenos Aires: Paidós, 2005a.
- ARRAES, A. K. e VIANA, T. C. (2003). *O luto na obra freudiana: um afeto normal*, Pulsional, Revista de Psicanálise, artigos, p.7-17, ano XVI, n. 173, setembro/2003.
- \_\_\_\_\_. Afeto e dor: faces do luto na obra freudiana. Rede dos Estados Gerais da Psicanálise. Disponível em: <[http://www.estadosgerais.org/encontro/afeto\\_e\\_dor.shtml](http://www.estadosgerais.org/encontro/afeto_e_dor.shtml)>. Acesso em: 06 dezembro 2007.
- BALZAC, H. de (1842/1989). *A Comédia Humana*. São Paulo: Editora Globo.
- BARBIERI, N. (2003). *Trabalho com velhos – Algumas reflexões iniciais*. Pulsional – Revista de psicanálise, artigos, p.18-24, ano XVI, n 173, setembro.
- BENTO, J. O. (1999). *O século do idoso e o papel do desporto*. 14-23. Em: *Revista Humanidades: Terceira Idade*. Brasília: Editora UNB.
- BEAUVOIR, S. (1976). *A velhice I: A realidade incômoda*. São Paulo: DIFEL.
- \_\_\_\_\_. (1970). *A Velhice II: As relações com o mundo*. São Paulo: DIFEL.
- BROMBERG, M. H. (2000). *A Psicoterapia em situações de perdas e luto*. Campinas: Editora Livro Pleno.
- BUARQUE DE HOLLANDA, A. (1999). *Novo Dicionário Aurélio* (Versão Eletrônica). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CALASANS, S. (1993). *Macondoamérica: A paródia em Gabriel García Márquez*. Rio de Janeiro: Leviatã Publicações Ltda.
- CARVALHO, I. S. e COELHO, V. L. D. (2006). *Mulheres na maturidade e queixa depressiva: compartilhando histórias, revendo desafios*. Psico-USF, v. 11, n 1, p. 113 – 122, jan/jun.
- DEBORD, G. (1999). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora.
- DENBY, D. (1996). *Grandes livros*. Rio de Janeiro: Record.
- DE VITTA, A. (2000). *A atividade física e bem-estar na velhice*. Em: NERI, A.L.: FREIRE, S.A (Orgs.) *E por falar em boa velhice*. p. 81-89. Campinas, São Paulo: Papirus.

DOLL, J. (2006). *Bem-estar na velhice: mitos, verdades e discursos, ou a gerontologia na pós-modernidade*. RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, 9-21 – jan./jun. 2006.

DOSTOIÉVSKI, F.(1866/2003). *Crime e castigo*. São Paulo: Editora Martin Claret.

DOURADO, M.C.N. (2000). Há menos de mim hoje do que havia ontem – demência e subjetividade. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – PUC-RJ, Rio de Janeiro.

DRUMMOND DE ANDRADE, C. (1987). *O avesso das coisas*. Rio de Janeiro: Record.

ELIAS,N. (1987). *La soledad de los moribundos*. México: Fondo de Cultura Económica.

FERNANDES, S. et al .*Valores psicossociais e orientação à dominância social: um estudo acerca do preconceito*. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v. 20, n. 3, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722007000300017&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000300017&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 Maio 2008.

FOLHA DE SÃO PAULO. *García Márquez faz viagem nostálgica à sua cidade natal*. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u300952.shtml>>. Acesso em: 28 maio 2008a.

\_\_\_\_\_. *Escritor García Márquez completa 80 anos*. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u69070.shtml> >. Acesso em: 28 maio 2008b.

FREUD, A. (2006). *O ego e os mecanismos de defesa*. Porto Alegre: Artmed.

FREUD, S. (1898/1976). *A sexualidade na etiologia da neurose*. v.III. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1915/2006). *Luto e melancolia*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos 1914-1916. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1916/2006). *Sobre a transitoriedade*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos 1914-1916. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1925/2006). *Ansiedade, dor e luto*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Um estudo autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise leiga e outros trabalho 1925-1926. Volume XX. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1929/2006). *O mal-estar na civilização*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos 1927-1931. Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1928/2006). *O futuro de uma ilusão*. Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos 1927-1931. Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago.

FRUMI, C. e CELICH, K. (2006). *O olhar do idoso frente ao envelhecimento e à morte*. RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, 92-00 – jul/dez.

- FUKS, B. (2003). *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GARCÍA MÁRQUEZ, G. (1968/2005). *Ninguém escreve ao Coronel*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- \_\_\_\_\_. (1985/2003). *O amor nos tempos do cólera*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- \_\_\_\_\_. (1975/2006). *O outono do patriarca*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- \_\_\_\_\_. (2002/2003). *Viver para contar*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Memórias de minhas putas tristes*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- GARRIDO, R. e MENEZES, P. R. (2002). *O Brasil está envelhecendo: boas e más notícias por uma perspectiva epidemiológica*. VER.. Brás. Psiquiatr. abr. 2002, vol. 24supl. 1, p. 3-6.
- GIDDENS, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- GUIMARÃES, R. M. (1999). *Viver mais (e melhor)*. 95-102. Em: *Revista Humanidades: Terceira Idade*. Brasília: Editora UNB.
- \_\_\_\_\_. (2007). *Decida você, como e quanto viver*. Brasília: Saúde e Letras.
- GLOBO, Portal. (2008). *Gabriel García Márquez faz 80 anos e inicia série de comemorações*. Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL9235-7084,00.html>>. Acesso em: 28 maio 2008.
- GOLDSTEIN, L.(1993). *Desenvolvimento do Adulto e Religiosidade: uma questão de fé*. Em: A.L. Neri (org.), *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas: Papirus.
- GUTMANN, L. (2005a). *Posibilidades de intervención frente a los transtornos de memória asociados a la edad*. 279-293. Em: SALVAREZZA, Leopoldo. (2005) (org.).*La vejez: una mirada gerontológica actual*. Buenos Aires: Paidós.
- HEMINGWAY, E. (1952/2005). *O velho e o mar*. Tradução de Fernando de Castro Ferro, 57ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- KUBLER-ROSS, E. (1998). *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e a seus próprios parentes*. São Paulo: Martins Fontes.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B (2004). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- LEITE, D.M. (2007). *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: UNESP.
- LINHARES, C. (2002). *Histórias de vida: contribuições acerca da experiência depressiva nos anos tardios*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – IP/UnB.

LOUREIRO, A. (1999). *Velhice: encantos, desencantos ... reencantos*. 77-87. Em: *Revista Humanidades: Terceira Idade*. Brasília: Editora UNB.

\_\_\_\_\_. (2000). *A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. (2002). *Redes Estaduais de Atenção à Saúde do Idoso: Guia operacional e portarias relacionadas* – Brasília: Ministério da Saúde.

\_\_\_\_\_. (2005). *Estatuto do idoso (Lei 10.741/2003)*. Brasília: Ministério da Saúde.

MINOIS, G. (1999) *História da velhice no ocidente*. Lisboa: Teorema.

MORI, M.E., COELHO, V.L.D. e ESTRELLA, R.C.N (2006). *Sistema Único de Saúde e políticas públicas: atendimento psicológico à mulher na menopausa no Distrito Federal, Brasil*. Cadernos de Saúde Pública, v. 22, no. 9, Rio de Janeiro.

MUCIDA, A. (2006). *O sujeito não envelhece – Psicanálise e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica.

MUCHINIK, E. (2005). *Envejecer em el Siglo XXI: História e perspectivas de la vejez*, Editorial Lugar.

NÉRI, A. L. (2004). *Contribuições da Psicologia ao estudo no campo da velhice*. RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, 69 – 80 – jan./jun.

NEUBERN, M. (2004). *Complexidade e psicologia clínica: desafios epistemológicos*, Brasília: Editora Plano.

PAULA, J. T. S. de; CUPOLILLO, M. V. (2005). Traçando caminhos para a compreensão subjetiva da velhice. Em: REY, Fernando G. (org.). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. 353-379. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

PECHULA, M. R. (2008). *A ciência nos meios de comunicação de massa: divulgação de conhecimento ou reforço do imaginário social?*. Ciênc. educ. (Bauru), Bauru, v.13, n.2, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132007000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132007000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 Maio 2008.

PICABIA, A. e ANTEQUERA-JURADO, R. (2005a). *La muerte y el morir em el anciano*. 379-406. Em: SALVAREZZA, L. (2005) (org.). *La vejez: una mirada gerontológica actual*. Buenos Aires: Paidós.

PIKUNAS, J. (1979). *Desenvolvimento humano: uma ciência emergente*. Recife: Editora McGRAW-HILL do Brasil, LTDA.

PINTO, R. (1999). *Alimentação do idoso: o real e o ideal*. 66-76. Em: *Revista Humanidades: Terceira Idade*. Brasília: Editora UNB.

PNUD (2004). *Violência Contra Idosos: O Avesso do Respeito à Experiência e à Sabedoria* – Sec. Especial dos Direitos Humanos e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

- REY, F.G. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia*. São Paulo: Editora Thompson.
- \_\_\_\_\_. (2003). *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Editora Thompson.
- \_\_\_\_\_. (2004). *O social na Psicologia e a Psicologia Social: Emergência do Sujeito*. Editora Vozes.
- \_\_\_\_\_. (2005). (org.). *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Editora Thompson.
- ROTTERDAM, E. (1511/1979). *Elogio da loucura*. São Paulo: Abril Cultural.
- SALVAREZZA, L. (2005a). Fausto, Miguel Strogoff y los viejos: A propósito de la construcción del imaginário social sobre la vejez. 27-51. Em: SALVAREZZA, Leopoldo. (2005) (org.). *La vejez: una mirada gerontológica actual*. Buenos Aires: Paidós.
- \_\_\_\_\_. (2005b). *Psicogeriatría: teria y clinica*. Buenos Aires: Paidós.
- SENNETT, R. (1999). *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.
- SHAKESPEARE, W. (1608/2008). *Rei Lear*. Versão em PDF, Portal Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000086.pdf>. Acesso em: 10 Abril 2008.
- SOCCI, V. (2006). Religiosidade e o adulto idoso. IN: WITTER, Geraldina (org.). *Envelhecimento: referenciais teóricos e pesquisas*. Campinas: Alínea Editora.
- SÓFOCLES (1993). *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- TOCQUEVILLE, A. (1987). *A democracia na América*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- UCHOA, E. (2003). *Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso*. Cad. Saúde Pública, jun. 2003, vol. 19, p.849-853.
- UNB (1999). *Revista Humanidades: Terceira Idade*. Brasília: Editora UNB.
- VELOZ, M. C. T., NASCIMENTO-SCHULZE, C. M. e CAMARGO, B. V. (1999). *Representações sociais do envelhecimento*. Psicol. Reflex. Crit., 1999, vol. 12. n 2, p 479-501.
- VERAS, R.P., RAMOS, L. R. e KALACHE, A. (1987). *Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade*. Ver. Saúde Pública, jun, vol 21. n 3, p.225-233.
- VIANA, T. C. (1999). *A comédia humana, cultura e feminilidade*. Brasília: Editora UNB.